

Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Linguística

José Carlos da Costa Júnior

COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

JUIZ DE FORA

2016

JOSÉ CARLOS DA COSTA JÚNIOR

COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

JUIZ DE FORA

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa Júnior, José Carlos da.

Compostos de Discurso Direto no Português do Brasil / José Carlos da Costa Júnior. -- 2016.

128 p.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2016.

1. Compostos de Discurso Direto. 2. Fictividade. 3. Linguística Cognitiva. I. Rocha, Luiz Fernando Matos, orient. II. Título.

JOSÉ CARLOS DA COSTA JÚNIOR

COMPOSTOS DE DISCURSO DIRETO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha (orientador - UFJF)

Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves (membro externo - UFRJ)

Prof^a. Dr^a. Sandra Aparecida Faria de Almeida (membro interno - UFJF)

Juiz de Fora, _____ de agosto de 2016.

Dedico esta dissertação a Erwann Entem e a Mauro Fontainha: pela companhia, incentivo e amor de sempre.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro.

A Erwann Entem, que me deu um novo país enquanto eu escrevia esta dissertação.

A Mauro Fontainha, pelo companheirismo de todos os momentos e pelo grande apoio nos congressos.

A Leonardo Birche, Cleiton Fernandes, Luz Mireya Sarmiento e Leygh Allison, pela amizade de sempre.

A meu orientador, pelo incentivo e pelas valiosas discussões e revisões.

À Aline Dornelas, pelas ótimas discussões teóricas e pelo inestimável apoio.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é identificar, descrever e analisar Compostos de Discurso Direto (CDDs) no Português do Brasil. Essa construção lexical se caracteriza por apresentar, prototipicamente, um nome e um modificador de interação fictiva, este manifesto pelo discurso direto, instanciando-se em exemplos como “A turma do *eu me acho*”, “A postura do *eu concordo, mas não sei como fazer*” e “maquiagem *nasci linda*”. O arcabouço teórico utilizado reúne autores de Linguística Cognitiva (LANGACKER, 2008; TALMY, 2000; FAUCONNIER e TURNER, 2002; LAKOFF e JOHNSON 1980, 1999), baseando-se mais especificamente nos estudos de Pascual (2002, 2006, 2014) sobre Interação Fictiva e Compostos de Discurso Direto. Metodologicamente, realizou-se uma pesquisa qualitativa na internet e uma pesquisa mista (qualitativa e quantitativa) no C-Oral (RASO e MELLO, 2012). A pesquisa na internet visava a estudar a manifestação dos CDDs e seu ambiente discursivo em diversos gêneros escritos ou orais. A pesquisa no *corpus* C-Oral visava prioritariamente a quantificar a ocorrência dos CDDs e o ambiente discursivo desses compostos em fala espontânea. Na pesquisa do referido *corpus*, utilizou-se o *Corpuseye* para a primeira verificação dos dados no C-Oral. Posteriormente, o C-Oral foi ouvido e lido em toda sua extensão. Em ambas as etapas da pesquisa, na internet e no referido *corpus*, a busca foi baseada em 92 núcleos nominais, sendo 50 deles sugeridos por Pascual (2014) e 42 propostos nesta dissertação, como comumente modificados por discurso direto. A análise dos dados revelou quatro tipos de padrões de CDD: (I) (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (II) S(N) + PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (III), S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + DISCURSO DIRETO e (IV) NOME+ MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra). Foram encontrados 44 exemplos de ocorrências de CDD na pesquisa da internet e 1 em toda a extensão do *corpus* C-Oral. O padrões mais produtivos foram II, I, III e IV, nessa ordem. Defende-se que um CDD é entendido de forma não composicional, mas cada uma de suas partes possui um potencial metonímico e complexidade conceituais diferentes, sendo o modificador de discurso direto o mais metonímico e complexo. Nesse sentido, o modificador do CDD funciona como trajetor ao invés de marco, ou seja, o oposto da formação SN + modificador comum. O modificador de discurso direto funciona como um adjetivo e, sintaticamente, como adjunto adnominal, independente de seu tamanho. Em geral, o uso de CDDs é uma forma de veicular um conteúdo não disponível de outra forma no léxico, em forma de adjetivos, com efeitos discursivos tais como síntese, humor, generalização e crítica social. O fato de usar um discurso direto como modificador nominal também reforça a hipótese de que o léxico não é estático, e que a gramática é moldada pelo uso, neste caso, pela capacidade dos seres humanos de abstraírem de suas interações cotidianas formas inovadoras de utilizar a linguagem.

Palavras-chave: Compostos de Discurso Direto. Fictividade. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

The aim of this dissertation is to identify, describe and analyze Direct Speech compounds (DSC) in Brazilian Portuguese. This construction is characterized by prototypically presenting a head noun and a fictive interaction modifier in a form of a direct speech. Nominal compounds like “A turma do *eu me acho*”; “A postura do *eu concordo, mas não sei como fazer*” e “*maquiagem nasci linda*” are examples of this construction. As theoretical framework we based our research on Cognitive Linguistics (Langacker, 2008; Talmy 2000; FAUCONNIER and TURNER 2002; Lakoff and Johnson 1980 1999) and Pascual’s Fictive Interaction and Direct Speech Compounds studies (2002, 2006, 2014) Methodologically, we used a qualitative approach in the internet research and a mixed approach, in the C-Oral (RASO e MELLO, 2012) research. The internet research aimed to study the manifestation of DSC and its discursive environment in different oral and written discursive genres. The C-Oral research aimed mainly to quantify DSC tokens and its discursive environment in spontaneous speech. In this second part, we used an online *corpora* searcher-*Corpuseye*- in order to make an initial search for DSC in C-Oral Brazil *corpus*. After this procedure, we listened and we read all C-Oral *corpus*. In both stages of the research on internet and on the *corpus*, our search was based on 92 head nouns, 50 of them suggested by Pascual (2014) and 42 by the linguist of this dissertation as commonly modified by direct speech. The data analysis revealed four types of DSC patterns: (I) N(P) + DIRECT SPEECH MODIFIER (II) N (P) + PREPOSITION "DE" + DIRECT SPEECH MODIFIER, (III), N (P) + (PREPOSITION “DE”) + HEDGE (TIPO) ASSIM + DIRECT SPEECH and (IV) NOUN + DIRECT SPEECH MORPHEME (in the same word). We found 44 DSC occurrences on the internet search and 1 throughout C-Oral *corpus*. The most productive patterns were II, I III, IV, in this order. We claim that a DSC is understood not in a compositional way, though each of its parts has a metonymic potential and different conceptual complexity. In this sense, the DSC modifier works as a trajector rather than landmark, that is, the opposite of NP + common modifier compounds. Direct speech modifier usually acts as an adjective and syntactically as an adnominal, regardless of its size. In general, the use of DSC is a way to express a conceptual content not available in the lexicon in the form of an adjective. The use of DSC has discursive effects such as synthesis, humor, generalization and social criticism. The fact of using a direct speech as a nominal modifier also reinforces the hypothesis that the lexicon is not static, and that grammar is shaped by the use, in this case, the ability of human beings to draw of their daily interactions innovative ways to use a language

Keywords: Direct Speech Compounds. Fictivity. Cognitive Linguistics.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1– Grade de Hermann	30
FIGURA2–Representação do processo de integração ou mesclagem conceptual	48
FIGURA3–Exemplo de comando de pesquisa na internet	64
FIGURA4–Exemplo de pesquisa no C-Oral via <i>Corpuseye</i>	67
FIGURA5–Anúncio de produto: Casaquinho <i>não me perca na neve</i>	84
FIGURA6–Título de notícia com CDD e parte de notícia: camisa laranja-cheguei	87
FIGURA7–Camisa fosforescente	89
FIGURA8–Camiseta bem <i>cheguei</i>	89
FIGURA9–Anúncio: olhar de me leva pra casa	93
FIGURA10–Anúncio: Aliança <i>eu escolhi esperar</i>	95
FIGURA11–Representação de mesclagem conceptual no CDD Aliança <i>eu escolhi esperar</i>	99

LISTA DE TABELAS

Tabela1- Núcleos nominais pesquisados	62
Tabela2- CDDs encontrados na internet	70-74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2 ASPECTOS DO PARADIGMA SOCIOCOGNITIVO	16
2.1. Noções fundadoras	16
2.2. Corporificação e experiencialismo	19
2.3. Linguagem e sociedade	22
2.4. FRAMES INTERACIONAIS E COGNITIVOS	25
2.4.1. O frame de conversação	26
2.4.2. A Interação Fictiva e os Compostos de Discurso Direto	27
2.5. FICTIVIDADE E INTERAÇÃO FICTIVA	28
2.6. INTERAÇÃO FICTIVA INTRASSENTENCIAL	32
2.6.1. Características formais do CDD	33
2.6.2. Interação entre tempo e aspecto verbais	34
2.6.3. Construções verbais destransitivizadas	36
2.6.4. Anguladores do português	37
2.7. INTERAÇÃO FICTIVA INTERSENTENCIAL	38
2.8. INTERAÇÃO FICTIVA SENTENCIAL	39
2.9. CONSTRUAL	40
2.9.1. Focalização	40
2.9.2. Escopo	42
2.9.3. Proeminência	43
2.10. FENÔMENO DA ATENÇÃO E FOCALIZAÇÃO	44
2.11. METONÍMIAS	45
2.12. TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E MESCLAGEM	48
2.13. MESCLAGEM LEXICAL	50
2.14. A DECOMPOSIÇÃO DO FALANTE E O CONCEITO DE FACE	54

3 METODOLOGIA	56
3.1. A pesquisa na internet e o paradigma qualitativo	56
3.1.2. A pesquisa empreendida na internet.....	58
3.2. Os padrões formais dos CDDs e a pesquisa na internet	63
3.3. A pesquisa em <i>corpus</i> oral e o paradigma misto	65
3.3.1. C-Oral.....	66
4 ANÁLISE	69
4.1. Os CDDs encontrados no C-Oral na internet	70
4.2. Padrões formais dos CDDs encontrados	75
4.2.1. Tempo e aspecto verbal nos CDD	78
4.2.3. Extensão dos modificadores e marcas do discurso direto.....	81
4.3. A fictividade em um CDD	83
4.4. Conceptualização e simulação mental	85
4.5. Focalização: trajetor, marco e fenômeno da atenção	86
4.6. Atenção e léxico	90
4.7. Metonímia e CDD	94
4.8. Mesclagem conceptual	98
4.9. CDDs e <i>corpus</i> C-Oral	103
4.10. Mesclagem lexical e CDD	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	119
ANEXO	124

INTRODUÇÃO

“Como é para bem de todos, e felicidade geral da nação, estou pronto: - diga ao povo que fico.”¹

*“Então esta data (9 de janeiro de 1822) passou a ser conhecida como o **Dia do Fico**. [...]” (grifo nosso)²*

A fala de Dom Pedro I foi historicamente enunciada quando o então príncipe regente se dirigia ao povo brasileiro por meio de uma carta dizendo que não iria regressar a Portugal, mas ficaria no Brasil. A partir daquela fala, o referido dia no qual foi enunciada passou a ser denominado pelo que era mais importante na redação do príncipe, isto é, o “fico”.

Essa fala de Dom Pedro I é tomada como um discurso direto, e sua alocação na sequência do nome “Dia” permite que se reconheça um enunciador pelo enunciado, além de possibilitar a conceptualização das cenas associadas ao conhecimento enciclopédico do conceptualizador de um modo mais dinâmico: é possível simular mentalmente a cena de alguém performando o enunciado em questão, os participantes da cena e seu contexto. No caso, “Fico” já não é mais um verbo prototípico, mas um modificador nominal licenciado pelas práticas linguísticas em interações cotidianas e pela capacidade dos sujeitos discursivos de extrair dessas interações formas diferenciadas de utilizar a linguagem. Essas práticas linguísticas formam uma estrutura de conhecimento compartilhada acerca das interações, a qual pode ser definida como *frame* de conversação. Já o nome de tal composto, em termos de Pascual (2006; 2014), é composto de discurso direto (CDD), uma das instâncias de um fenômeno mais amplo, a interação fictiva (IF) (PASCUAL, 2002, 2014).

¹ Carta de D. Pedro ao pai de 9 de janeiro de 1822. In: PIMENTA, José de Melo. A Independência do Brasil à luz dos documentos. São Paulo: Instituto de Cultura e Ensino Padre Manoel da Nobrega, 1972.

² http://www.suapesquisa.com/independencia/dia_do_fico.htm

A denominação “composto de discurso direto”, em português, é uma tradução de *Direct Speech Compound*, utilizada por Pascual (2014), para compostos desse tipo em inglês. Segundo a autora, o termo “composto” se deve ao fato dessas construções possuírem, normalmente, pelo menos parte do modificador mais proeminente foneticamente do que seu núcleo nominal, tal como os compostos nominais em inglês. Pascual (2014, p.115) também destaca que um CDD não é um discurso reportado, uma vez que esses compostos são baseados apenas no *frame de conversação* e seu modificador não possui um enunciador genuíno ou se refere a algum enunciador genuíno, pois o enunciado não é reportado, mas fictivo.

Em relação à interação fictiva, tal conceito é definido por Pascual (2002; 2014) como uma interação conceptualizada entre o real e o imaginário, capaz de estruturar o pensamento, o discurso e a linguagem. O termo “fictiva” em “interação fictiva” é uma das manifestações de um fenômeno mais amplo chamado fictividade. De modo sucinto, mas expandido ao longo desta dissertação, a fictividade se relaciona à virtualidade mais do que à realidade, à abstração mais do que à visualização e à fronteira difusa entre cognição e percepção dos seres humanos de diversos fenômenos linguísticos e conceptuais (LANGACKER, 2008; TALMY, 2000).

Uma das manifestações da IF são os CDDs, definidos como um “composto nominal cujo modificador pode servir como uma unidade autossuficiente do discurso” (PASCUAL, 2014, p.104) e se caracteriza por ter um nome modificado por um turno de fala fictivo na forma de discurso direto. Os seguintes exemplos³ de CDD ilustram essa categoria da interação fictiva:

- I. Esmalte estou de TPM.
- II. Aperte o botão do foda-se.
- III. Maquiagem eu nasci linda.

Em I, a cor do esmalte é conceptualizada como algo necessariamente forte, tal como o estereotipado temperamento da mulher em TPM. A partir de II, é possível simular mentalmente como seria uma ordem ou sugestão para que um ouvinte ou leitor qualquer passe a não se importar com algum problema a partir do acionamento

³ As fontes de todos os exemplos estão no anexo desta dissertação.

de um “botão” mental, isto é, o “botão do *foda-se*”. Já a partir de III, é possível entender a cor e o estilo de uma maquiagem muito natural, tal como o tom de pele de alguém quando nasce e sua não artificialidade.

Por que razão um falante utilizaria um modificador de interação fictiva quando poderia utilizar um modificador mais usual, como um adjetivo canônico? Quais as motivações semântico-pragmáticas para utilizar um CDD? Quais os efeitos discursivos que o uso de um CDD pode provocar? Esses compostos são tão comuns na fala quanto na escrita? Quais tipos de CDD são encontrados no português brasileiro? Essas foram as perguntas iniciais motivadoras desta dissertação.

A presente pesquisa se insere no projeto “*A construção discursiva da fictividade: sociocognitivism e corpus*” (ROCHA, 2012), a qual visa a investigar, descrever e a analisar diversas manifestações da fictividade em contextos diatopicamente semelhantes e diafasicamente distintos, principalmente por meio de *corpora* orais do português brasileiro. A descrição e a análise da fictividade permitem que padrões possam ser mapeados nas diversas facetas do fenômeno.

Esta dissertação se organiza da seguinte forma:

No segundo capítulo, são apresentados os pressupostos teóricos deste trabalho. Foi adotado o paradigma sociocognitivo da linguagem (LANGACKER, 1997, 1999, 2008; TALMY 2000; FAUCONNIER e TURNER, 2002; LAKOFF e JOHNSON 1980; LAKOFF 1987, 1999; TOMASELLO 1999, 2003; BERGEN 2012;), o qual converge com os pressupostos acerca de interação fictiva (PASCUAL 2002; 2006, 2014).

O terceiro capítulo consiste na apresentação da metodologia utilizada para este trabalho, além de justificativa e objetivos específicos de cada momento da pesquisa, dividida em duas etapas. A primeira foi orientada pelo paradigma qualitativo (DENZIN e LINCOLN, 2006; ERICKSON e LINN 1986), enquanto a segunda, pelo paradigma misto (CRESWELL e TASHAKKORI, 2007). Na primeira etapa, foi feita uma busca por ocorrências de CDDs na internet, em diversos gêneros textuais, tal como Pascual (2014). Na segunda etapa, foi empreendida uma busca quantitativa e qualitativa por ocorrências de CDDs no *Corpus Oral do Português – C-Oral Brasil I* (RASO e MELO, 2012).

No quarto capítulo, analisam-se os dados encontrados nos dois momentos detalhados na metodologia da pesquisa empreendida nesta dissertação. Primeiramente, é apresentada a análise dos dados encontrados na internet, em que são descritos os quatro padrões formais de CDDs encontrados, discutidas suas características formais e detalhados processos de construção do sentido do composto de discurso direto. Posteriormente, é feita uma análise dos achados no *corpus* C-Oral, bem como feita uma análise do ambiente discursivo no qual ocorreu o CDD e suas articulações com o discurso reportado. São levados em conta os gêneros nos quais tais compostos foram encontrados e as motivações e implicações semântico-pragmáticas para seu uso.

Já no quinto capítulo, dedicado às considerações finais, são recapitulados os principais pontos discutidos ao longo desta dissertação, tais como padrões de CDDs encontrados e sua maior ou menor presença nos dados orais e escritos utilizados. Também são propostas perguntas motivadoras para futuras pesquisas e feitas articulações entre o fato de o uso dos CDDs ser um indicador de que o léxico não é estático, e de que os falantes moldam o léxico e a gramática de acordo com seu uso. No caso dos CDDs, essa moldagem é feita a partir do uso do *frame* de conversação, e esses compostos são uma forma de aproximar o conhecimento sobre interações, língua e cultura de formas diferenciadas de utilizar a linguagem.

2 ASPECTOS DO PARADIGMA SOCIOCOGNITIVO

2.1. Noções fundadoras

O paradigma norteador do presente trabalho é a Linguística Cognitiva (LANGACKER 1987, 1991, 1999, 2008; TALMY 2000; FAUCONNIER e TURNER 2002; PASCUAL 2006, 2014; LAKOFF e JOHNSON 1980; LAKOFF 1987, 1999; TOMASELLO 1999, 2003; BERGEN 2012), a qual destaca o papel do experiencialismo e do engajamento social dos indivíduos na formação da cognição e do sistema conceptual humano.

Cuyckens e Geeraerts (2007, p.3) consideram a Linguística Cognitiva um paradigma teórico flexível em vez de uma única linha teórica. Apesar disso, os autores reúnem algumas características comuns a essa concepção da linguagem. Entre os pontos de convergência do paradigma cognitivo, os linguistas elencam princípios tais como a não autonomia da língua, a interface entre a sintaxe e a semântica e a relevância da base experiencial e pragmática no uso da língua.

Para a Linguística Cognitiva, a língua não é um produto genético incrustado em cada falante, mas advém dos eventos de uso (LANGACKER, 2008), além da interação dos indivíduos com o mundo por meio de seu sistema sensório-motor (LAKOFF e JOHNSON 1980, 1999) e a relação entre cognição e cultura (TOMASELLO, 1999; 2003).

Littlemore (2009, p.2) considera que tanto o conhecimento da língua quanto seu aprendizado são baseados no uso. Por essa razão, os falantes constantemente modificam o léxico em resposta à língua que eles ouvem e usam. Portanto, não haveria, segundo a autora, diferença entre competência e desempenho, uma vez que o conhecimento da língua advém do uso e consiste em seu uso.

A construção do sentido de uma expressão linguística, de qualquer tamanho, é dinâmica e envolve sua conceptualização, a qual diz respeito à construção do

significado de algum conceito na mente do falante. Essa construção do sentido leva em conta o mundo ao redor do falante, sua interação e negociação com os outros interlocutores e o contexto no qual estão inseridos (LANGACKER, 2008, p.4).

Como a conceptualização tem em conta fatores contextuais, autores como Langacker (2008) sugerem um contínuo entre a semântica e a pragmática, com fronteira difusa entre elas. Apesar de tal contínuo, autores como Geeraerts e Cuyckens (2007, p.5) consideram que existe uma primazia da semântica na análise linguística para o paradigma aqui discutido.

Também é convergente na Linguística Cognitiva a ideia de que expressões linguísticas fornecem apenas uma pista de seu significado e que este é de natureza enciclopédica (FAUCONNIER e TURNER 2002; LANGACKER, 2008; HOLME, 2009; LITTEMORE, 2011). Talmy (2007), por exemplo, realça o fato de que a complexidade do conteúdo conceptual de uma expressão linguística frequentemente representa muito além do que a própria expressão linguística em si.

No paradigma sociocognitivo, um conceito não é definido por traços de verificação de verdade e tampouco possui, sozinho, condições suficientes para seu entendimento, como na teoria Clássica do Significado (LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, 2007, p.144).

Por essas razões, uma expressão linguística, de qualquer tamanho, está associada a uma rede de conceitos interconectados e estendidos por fenômenos cognitivos como metonímia, metáfora e mesclagem conceptual (LITTEMORE, 2011).

Nesse sentido, um conceito se liga a outro conceito formando um tipo de rede de conhecimento interligado. Essa rede é possibilitada pelas habilidades cognitivas básicas tais como categorização por prototipia e radialidade e a perspectivização conceptual.

A categorização é uma forma de separar relativamente alguns conceitos e encontrar alguns padrões entre eles, agrupando-os em categorias. Rosch e Mervis (1975, p. 573-574) chamam à atenção para a necessidade de flexibilidade na abordagem do significado, fato que começa a sinalizar a possibilidade de que alguns membros de determinada categoria são mais prototípicos que outros.

Após Rosch e Mervis (1975), autores como Lakoff (1987) e Geeraerts (1989) propuseram que as categorias são representadas por protótipos e que nem todo membro representa a categoria do mesmo modo. Tais autores também consideram que as fronteiras entre uma categoria e outra são difusas e de difícil demarcação. As categorias tampouco podem ser definidas por apenas uma única série de critérios necessários e suficientes para que um membro pertença a uma dada categoria.

Lakoff (1987) assinala que um protótipo ocupa o centro de uma categoria radial, na qual o membro central provê um modelo cognitivo que motiva os membros da periferia. Desse modo, para ligar os membros centrais aos periféricos, fenômenos cognitivos tais como metáfora e metonímia seriam requisitados para expandir o sentido das categorias e do léxico.

Quando um falante interpreta uma estrutura linguística de qualquer tamanho que forme sentido, tal conceptualizador dirige seu foco de atenção ao membro mais prototípico da categoria em questão (TALMY, 2007, p. 273). Nesse mesmo trabalho, o autor exemplifica como a palavra *bird* (pássaro, em inglês), ouvida por um norte-americano falante de inglês, pode ser conceptualizada. De acordo com o autor, é mais provável que esse cidadão imagine um melro, típico pássaro americano, do que um avestruz, por exemplo. Entretanto, Talmy não destaca que, neste caso, o avestruz tampouco é um pássaro prototípico de ser imaginado, visto que não voa e é demasiadamente grande para uma ave prototípica.

Outra consideração de Talmy (2007) é a de que a cognição seleciona um sentido para uma forma morfêmica que “aparentemente é a mais relevante para o contexto e coloca esse sentido no primeiro plano de atenção” (TALMY, 2007, p.280). Por essa razão, a prototipia também se relaciona à relevância do conceito em questão na mente de um conceptualizador de uma comunidade linguística.

No paradigma cognitivo, o léxico não é estático e forma um contínuo com a gramática (LANGACKER, 2008; GOLDBERG, 1995). O fato de o léxico não ser estático é uma das explicações de como novas expressões linguísticas surgem com o passar do tempo. Além disso, a não estaticidade do léxico mostra como algumas categorias gramaticais como modificadores podem ser reinventadas por uma comunidade linguística se socioculturalmente compartilhados, fato já apontado por Pascual (2014).

Já o contínuo entre léxico e gramática indica que ambos estão entrelaçados de tal modo que é difícil determinar onde começaria um e terminaria o outro. Autores como Littlemore (2011) e Langacker (2008) consideram tanto o léxico quanto a gramática como dotados de conteúdo conceptual, ainda que a primeira autora realce o fato de que o significado vinculado à gramática possua conteúdo conceptual mais abstrato do que o do léxico.

Outras questões usualmente compartilhadas na Linguística Cognitiva são os conceitos de corporificação da linguagem e o papel do conhecimento socioculturalmente compartilhado na construção de um símbolo linguístico. Tais conceitos são discutidos nas subseções 2.2 e 2.3, respectivamente.

2.2. Corporificação e experiencialismo

A noção de corporificação da linguagem se relaciona ao fato de que os ambientes sociais, cognitivos e físicos nos quais os humanos estão inseridos constroem seu sistema conceptual e linguístico, ainda que de modo inconsciente (ROHRER, 2007, p.27). Essa visão se afasta da visão cartesiana da linguagem, na qual mente e corpo são tidos como independentes (LAKOFF e JOHNSON, 1999).

Lakoff e Johnson (1999, p. 392) tratam da visão cartesiana do pensamento e linguagem. Para o cartesianismo, argumentam, todo pensamento é visto como consciente, e a imaginação e a emoção não seriam partes da natureza humana, pois apenas a razão deveria nortear a mente.

Além disso, a formação das ideias ou de conceitos dependeria ou da observação de objetos exteriores à mente ou de ideias inatas do ser, desprovidas de qualquer influência externa. Por fim, o pensamento seria um tipo de forma, tal como um raciocínio matemático, pois apenas a formalidade poderia vislumbrar a certeza, uma vez que não foca no conteúdo e sim na forma, relatam os autores.

Nesse sentido, o pensamento cartesiano diverge de teorias que propõem articulações entre sintaxe e semântica, como a Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; 2005), pois em seu cerne, por exemplo, reside a ideia de como a forma também é capaz de atribuir sentido, como em uma construção. Além disso, o cartesianismo também se afasta de proposições de autores da Linguística Cognitiva como Littlemore (2011), a qual considera que forma é, também, significado.

A questão da corporificação se relaciona principalmente à emergência das metáforas no sistema conceptual dos indivíduos, fenômeno cognitivo tratado principalmente Lakoff e Johnson (1980, 1999), mas também explorado por vários autores (BERGEN, 2012; LANGACKER, 2008; HOLME, 2009; LITTLEMORE, 2011).

O tratamento da metáfora como fenômeno cognitivo antes de linguístico, presente na vida cotidiana das pessoas em vez de apenas em textos literários, é destaque na obra de Lakoff e Johnson (1980, 1999). Basicamente, uma metáfora é um fenômeno cognitivo que permite entender uma coisa em termos de outra. Assim, um domínio fonte projeta-se sobre um domínio alvo e produz a chamada metáfora conceptual.

Domínios cognitivos são porções de conhecimento superordenadas nas quais informações de qualquer natureza são usualmente organizadas por categorização. Esses domínios são interligados, e a rede formada por eles é denominada matriz. Por meio dessa rede, o significado de alguma expressão linguística pode ser conceptualizado (LANGACKER, 2008).

Langacker (2008, p.51) considera que uma metáfora reside no estabelecimento de conexões entre um domínio cognitivo fonte, um alvo e um espaço mescla. Em “o pensamento acaba de fugir da minha cabeça”, por exemplo, o falante pode conceber o pensamento como um pássaro, além da cabeça como uma gaiola. Assim, no espaço mescla, ver o pássaro é como ver o pensamento, de modo que, se o pássaro foge da gaiola, o pensamento se torna então inacessível (LANGACKER, 2008, p. 52).

Espaço mescla é uma denominação de um dos espaços mentais oriundos do processo de mesclagem na teoria de Fauconnier e Turner (2002). Langacker (2008)

também considera um espaço mental como equivalente a um domínio cognitivo. Espaços mentais são discutidos na seção 2.12.

Segundo Lakoff e Johnson (1980, 1999), o sistema conceptual dos seres humanos é basicamente de natureza metafórica. Já uma metáfora conceptual é responsável por licenciar diversas expressões linguísticas, principalmente as de natureza mais abstrata como nomes de diversas emoções, além de outros conceitos como vida, morte, etc.

A emergência das metáforas no sistema conceptual das pessoas não seria por acaso e dependeria da interação desses indivíduos com o mundo, além de licença cultural de uma comunidade de falantes. De acordo com Lakoff e Johnson (1999, p.19), categorização, conceitos e experiência seriam indissociáveis. Em razão disso, a mente seria basicamente formada por conceitos advindos da corporificação.

Já um conceito corporificado, segundo os autores, é “uma estrutura neural que é, na verdade, parte, ou faz uso do sistema sensório-motor de nosso cérebro [...]” de modo que “muito de nossa inferência conceptual é, portanto, inferência sensório-motora” (LAKOFF e JOHNSON, 1999, p.20).

Portanto, não há uma divisão clara entre a concepção e a percepção. Por essa razão, a formação dos conceitos não é independente da capacidade das pessoas de perceber o mundo. Tal fenômeno é chamado de “*ception*” por Talmy (2000), isto é, a união entre concepção e a percepção.

Bergen (2012) leva adiante o papel da mente corporificada por meio da hipótese da simulação corporificada, a qual, em suma, diz respeito à simulação mental advinda da experiência sensório-motora do indivíduo com o mundo. Essa simulação necessariamente comporia o significado de enunciados e percepções do sujeito no mundo e ativaria o sistema cerebral do indivíduo para conceptualização.

Além disso, os indivíduos seriam capazes de imaginar coisas que não existem no mundo, como porcos voadores (BERGEN, 2012, p.17), porque são capazes de fazer “casamentos mentais” (BERGEN, 2012, p.20) baseadas em seu conhecimento enciclopédico, tais como uma ave e um porco, por exemplo.

A questão da corporificação na linguagem se relaciona à interação fictiva porque as práticas de interação do indivíduo ao longo de sua vida também são responsáveis por estruturar a linguagem. Assim, do mesmo modo que as experiências e percepções do indivíduo com o mundo podem estruturar metáforas conceituais e suas manifestações linguísticas, também a interação dos indivíduos com outros gera padrões e ocorrências na linguagem e no pensamento (PASCUAL, 2014).

Rohrer (2007, pp.28-31) elenca diversos sentidos para o termo corporificação (do inglês, *embodiment*), incluindo os que contemplam questões culturais e sociais na formação do sistema conceptual do indivíduo. Entretanto, as visões de Lakoff e Johnson (1980, 1999) e Bergen (2012) parecem ser um enunciado mais próximo do papel do experiencialismo do que da cultura e da sociedade na emergência do sistema conceptual dos indivíduos.

Entretanto, há autores que relativizam e amenizam a questão empírica, fato que traz a sociedade e a cultura para um diálogo mais próximo com a cognição. Como Pascual (2014) já aponta que os CDDs dependem de cenários socioculturalmente compartilhados, articulações relativas à sociedade, língua e cognição são discutidas a seguir.

2.3. Linguagem e sociedade

Autores como Marcuschi (2005) e Langacker (1997, 2008) realçam o papel de uma sociedade ou da cognição na emergência de algum símbolo linguístico. O termo símbolo linguístico pode ser entendido como o pareamento entre um pólo fonológico, uma expressão linguística de qualquer tamanho, e um pólo semântico, isto é, o sentido da expressão linguística (LANGACKER, 2008).

Marcuschi (2005: pp. 62-75) avaliza Langacker (1997) ao não propor uma gramática universal e tampouco conhecimentos inatos, pois “[...] pode-se partir da

própria natureza humana como a base para a comunidade de mentes formada pela espécie” (MARCURSCHI, 2005, p.62). Segundo Marcurschi, além da interligação entre mente e corpo, os indivíduos estão situados em contextos físicos e sócio-históricos nos quais a cultura e a vivência são determinantes na construção do significado.

Este último autor também assinala que é o trabalho dos indivíduos que interagem linguisticamente o responsável por promover a relativa estabilização e discretização de alguma categoria linguística. Além disso, Marcuschi destaca que “ter uma vida mental organizada é ter uma vida social e intersubjetivamente fundada” (MARCURSCHI, 2005, p.66).

Nessa visão de língua, Marcurschi também destaca que não há uma relação direta entre linguagem e mundo, mas um trabalho social que designa o mundo por meio de um sistema simbólico “[...] cuja semântica vai se construindo situadamente” (MARCURSCHI, 2005, p.67). Por essa razão, a contribuição histórica dos humanos para a categorização e sanção a determinado símbolo linguístico é primordial para o autor.

Com o mesmo viés social, Mondada e Dubois (1995, p.19) afirmam que não existe uma estabilidade *a priori* no mundo e na língua, pois as categorias linguísticas e cognitivas são sensíveis culturalmente e podem mudar com o tempo. Nesse sentido, Marcurschi (2005) aponta que a referência de uma categoria linguística “é um processo complexo que precisa ser analisado na atividade sociointerativa” e que “não existe uma relação de determinação categorial inequívoca e estável” (MARCURSCHI, 2005, p.68).

Para Marcuschi (2005), os discursos e os símbolos linguísticos são sociocognitivamente produzidos e são construídos baseados “em um conjunto de condições que foram estabilizadas numa dada cultura” (MARCUSCHI, 2005, p.69). Por conseguinte, um símbolo linguístico requisita um conhecimento intersubjetivo, isto é, compartilhado por uma comunidade de falantes. Tal comunidade é plural e perpassada por variedades linguísticas que podem reconstruir o símbolo de formas diferentes sem que esse símbolo necessariamente deixe de ser entendido por esses falantes.

O entrincheiramento diz respeito a quão saliente cognitivamente alguma expressão linguística está presente no léxico-gramática de um indivíduo e de uma comunidade de falantes. Além disso, tal conceito diz respeito a quão automática tal expressão linguística pode ser acessada, proferida e conceptualizada por um falante (SHMID, 2007, pp.118-119).

Todas as práticas sociais da língua ocorrem em algum tipo de gênero do discurso, cuja discussão se justifica nesta dissertação porque os Compostos de Discurso Direto apresentam maior recorrência em alguns gêneros do que em outros, principalmente na escrita e com maior monitoramento do falante.

Em linhas gerais, Bakhtin (1992, p.279) define os gêneros do discurso como tipos relativamente estáveis de enunciados nos quais as atividades humanas acontecem. Segundo o autor, as interações entre as pessoas ocorrem em gêneros discursivos, os quais existem em quantidade indefinida.

Bakhtin (1992) afirma que os enunciados permitem categorizar um gênero, sendo orais ou escritos, e são sócio-historicamente situados, emanando dos integrantes das atividades nas quais as práticas sociais da língua ocorrem.

Marcuschi (2008), por sua vez, considera os gêneros como modelos não estanques, mas dinâmicos; formas culturais e cognitivas de ação social que se materializam na linguagem e cuja categorização depende primordialmente da função e não apenas da forma.

Para Bakhtin (1992, p.291), um enunciado é formado por uma multiplicidade de vozes que nele ecoam e que proveem de outros enunciados. De modo similar, Myers-Scotton (2006, p.156) considera que os turnos de fala em uma interação são parcialmente construídos sobre turnos de fala e experiências anteriores. Por essa razão, os participantes de uma interação devem estar atentos às possíveis implicaturas e referências a enunciados anteriores para que possam participar adequadamente de uma interação (MYERS-SCOTTON, 2006, p.156).

As ideias clássicas de Bakhtin (1992) sobre a multiplicidade e polifonia de vozes de um enunciado de certa forma ecoam na constituição do espaço mental discursivo atualizado de Langacker (2008, p.59) (CDS, do inglês *Current Discourse Space*). O CDS é um espaço mental superordenado que compreende qualquer conhecimento compartilhado pelos falantes em uma interação. A partir deste espaço

mental, “cada expressão é atualizada e interpretada contra o conhecimento prévio daquelas que vieram antes” (LANGACKER, 2008, p.59).

As questões específicas acerca do sentido dos CDD nos diversos gêneros nos quais esses compostos foram encontrados serão discutidas na análise deste trabalho.

Os gêneros textuais também se associam a estruturas de conhecimento compartilhado e de expectativas que relacionam cognição e cultura. Por essa razão, a definição e discussão acerca do conceito de *frame* é feita a seguir.

2.4. FRAMES INTERACIONAIS E COGNITIVOS

A definição do termo *frame* é variada e representada por autores de diferentes áreas, tal como Interação e Análise da Conversa (TANNEN, 1993); Sociologia (GOFFMAN, 1974) e Linguística (FILLMORE, 1975), entre outros. Essas noções são consideradas neste trabalho, visto que não são excludentes, mas complementares e necessárias para o entendimento do *frame* de conversação e da posterior manifestação nos CDDs.

Em linhas gerais, Tannen (1993, pp.14-56) relaciona o termo *frame* a estruturas de expectativas. Essa definição, por sua vez, contempla como os indivíduos organizam o conhecimento sobre o mundo e o utilizam para predizer interpretações e relações a respeito de novas informações, eventos e experiências. Tal predição está ancorada na experiência desses indivíduos com o mundo, a qual necessariamente está inserida em determinada cultura.

No ramo da sociologia, Goffman (1974, p.10-11) propõe que *frame* se relaciona a elementos básicos que podem ser identificados em eventos sociais variados e nos quais haja envolvimento subjetivo dos participantes. Esses eventos sociais funcionam como um tipo de estruturas que fornecem conhecimento prévio para que os participantes os interpretem, além de “guias” (GOFFMAN, 1974, p. 22) de ações dos participantes no referido evento.

Já na linguística, Fillmore (1975, p.123) considera que o entendimento do significado se relaciona a um tipo de protótipo mentalmente disponível na mente humana. Esses protótipos são um tipo de cena, não apenas as visuais, mas também as relativas a comportamentos interpessoais ou a cenários-padrão em uma determinada cultura. Para o autor, *frame* é qualquer sistema “de escolhas linguísticas [...] que podem ser associadas com instâncias prototípicas de cenas” (FILLMORE, 1975, p.124). Desse modo, *frames* e cenas seriam interligados, e a ativação de um provocaria a ativação do outro.

O significado é, portanto, baseado em uma ou mais cenas evocadas pelo enunciado linguístico e contextual. Goldberg (1995) assinala ainda que tanto verbos quanto nomes devem ser baseados em *frames* e cenas “com o conhecimento de mundo e cultural” (GOLDBERG, 1995, p.27) do falante.

2.4.1. O *frame* de conversação

Como já exposto, a concepção de integração entre mente e corpo, cultura e conhecimento de mundo sobre interações entre os dois seres humanos favorece a postulação da hipótese de corporificação da linguagem (BERGEN, 2012, LAKOFF e JOHNSON, 1980; 1999) e da simulação corporificada (BERGEN, 2012).

Baseado na relação pressuposta entre interação cotidiana, mente e corpo, Pascual (2014) estende o papel da interação canonicamente reconhecida dando relevo ao *frame* de conversação.

Segundo a autora, o *frame* de conversação tem papel profundo na estruturação do pensamento, língua e discurso. Pascual (2014) argumenta que a conversação é a forma canônica da comunicação verbal. De acordo com a autora, a maioria do uso linguístico que os seres humanos fazem ocorre em conversações, “tanto as virtuais como as face a face” (PASCUAL, 2014, p.1). A linguista também

argumenta que “a estrutura do pensamento mimetiza a conversação intersubjetiva normal” (PASCUAL, 2014, p.8). Ela afirma que a mente humana seria basicamente de natureza conversacional e tanto o discurso quanto a conversação seriam estruturados com base nesse padrão.

Pascual também chama a atenção para as características da conversação, tal como a tomada de turnos e para o fato de os seres humanos transformarem o mundo por meio de atos de fala (AUSTIN, 1962). Para a autora, comunicar e agir são um dos propósitos mais significativos da linguagem.

Baseada em boa parte dos pressupostos apresentados nesta seção, Pascual (2014) salienta que língua e interação estão ligadas de tal modo que uma influencia a outra. Por essa razão, a autora propõe que, ainda que uma interação genuína não tenha acontecido, o *frame* conversacional pode ser requisitado para forjar uma “falsa” interação, podendo influenciar o léxico de uma língua, o discurso e a estruturação do pensamento, tal como no caso da interação fictiva.

2.4.2. A Interação Fictiva e os Compostos de Discurso Direto

A interação fictiva é definida por Pascual como uma interação localizada entre o real e o imaginário. Desse modo, não se trata de uma interação real e tampouco fictícia “pois não é construída em um lugar imaginário tal como um conto de fada ou um filme” (PASCUAL, 2014, 17), mas de uma realidade conceptual que estabelece um canal comunicativo fictivo ou não genuíno.

Já um Composto de Discurso Direto (CDD) é definido como um “composto nominal cujo modificador pode servir como uma unidade autossuficiente do discurso” (PASCUAL, 2014, p.104). Tal composto se caracteriza por ter um nome modificado por um turno de fala fictivo na forma de discurso direto.

A autora traz diversos exemplos de CDDs e discute o sentido desses compostos, tais como a *política do “você primeiro”* (“*you first*” *police*), o *humor “ria ou eu atiro”* (“*laugh or I shoot*” *humor*), a *repreensão do “eu te disse”* (“*I-told-you-so*” *reproach*), o *olhar de “sim, eu estava aqui antes e eu vou te matar se você tentar dizer que você estava antes de mim e tentar conseguir isso antes de mim”* (“*Yeah, I was here first, and I’ll kill you if you try to say you were first and try to get this before I do*” *look*), entre vários outros exemplos (PASCUAL, 2014, pp.104-148).

Além disso, a linguista categoriza outros dois tipos de interação fictiva que não são o foco desta dissertação, mas cujo conhecimento facilita a discussão dos CDDs, da interação fictiva e da própria fictividade, pois os amplia. Além da interação fictiva intrassentencial, a autora propõe que a interação fictiva exista em nível intersentencial e também sentencial.

Como o entendimento dessas categorias exige um conhecimento mais ampliado do leitor a respeito dos possíveis conceitos e implicações do fenômeno da fictividade, tal discussão será feita no tópico a seguir. Posteriormente, a discussão dessas categorias de interação fictiva será retomada, bem como os demais pressupostos concernentes a este trabalho.

2.5. FICTIVIDADE E INTERAÇÃO FICTIVA

O termo *fictividade* ou *fictivo* é discutido por distintos autores tais como Talmy (2000), Langacker, (2008), Rocha (2013), Brandt (2009), Dornelas (2013), Bergen (2012) e Pascual (2002, 2014). As principais contribuições desses autores sobre a fictividade são apresentadas a seguir.

Primeiramente, o conceito de fictivo pode ser entendido contrapondo-se ao conceito de factivo. Fictividade e factividade não devem ser definidos como dicotômicos, mas dispostos em um contínuo no qual algo mais verídico e menos verídico é representado na mente do conceptualizador (TALMY, 2000).

A fictividade decorre da suposição de que existe uma discrepância de duas representações cognitivas de uma mesma entidade. A conceptualização é factiva

quando é mais verídica. Quando é menos verídica, é chamada de fictiva (TALMY, 2000, p.100; ROCHA, 2012; p.115).

Talmy (2000) argumenta que o termo *factivo* não se refere ao fato de ser verdadeiro, mas tomado como objetivamente mais real. De modo oposto, uma representação fictiva seria tomada como mais irreal. Em uma construção de movimento fictivo como *Esta cerca vai do platô até o vale*, a cerca é estática e não se move factivamente (TALMY, 2000, p.101). Entretanto, o conceptualizador, por meio de um escaneamento sequencial da cena, concebe a cerca em movimento (LANGACKER, 2008; DORNELAS; 2014), ou seja, o movimento é fictivo, não genuíno.

Em linhas gerais, o escaneamento sequencial diz respeito à conceptualização de um processo perfilado por um verbo que não esteja no infinitivo ou particípio passado. Esse escaneamento consiste na abstração de um evento instanciado pelo verbo e que é disposto no eixo do tempo. Tal escaneamento ocorre independentemente se o evento é observado, lembrado ou imaginado pelo conceptualizador. O escaneamento sequencial é um dos modos de diferenciar os verbos dos nomes, pois esses últimos não evocam a abstração de eventos no eixo do tempo e possuem escaneamento sumário (LANGACKER, 2008, pp.110-111).

Acerca da conceptualização do movimento fictivo, Bergen (2012) argumenta que, em exemplos como “A rachadura ziguezagueia ao longo da parede da garagem” (BERGEN, 2012, p.216), o conceptualizador simula mentalmente a cena e projeta a si mesmo dentro da cena, na qual move o olhar com mudança de foco de atenção.

Entretanto, Bergen (2012) aproxima a ideia de fictividade do movimento fictivo da metáfora, fato que não ocorre em Talmy (2000), Langacker (2008), Dornelas (2013) e Rocha (2012), Pascual (2014) e tampouco nesta dissertação. De acordo com Bergen, uma analogia com a metáfora é possível porque “tal como a metáfora, a construção de movimento fictivo evoca a simulação de uma coisa quando você, na verdade, entende outra coisa” (BERGEN, 2012, p. 217).

Tradicionalmente, as metáforas se ligam mais à questão de formação conceptual humana (LAKOFF e JOHNSON, 1980; 1999) como no entendimento de conceitos abstratos em termos de físicos, tais como A VIDA É UMA JORNADA, A MORTE É UMA LADRA, A FELICIDADE É UMA SUBSTÂNCIA. Nesse sentido, as

metáforas também são um tipo de esquema cognitivo que licencia construções linguísticas.

De acordo com Talmy (2000, p.103), a metáfora, em sua manifestação linguística, é um tipo de categoria do fenômeno da fictividade, ou seja, a fictividade é ainda mais esquemática do que a metáfora.

Talmy (2000, p.102) argumenta que uma representação cognitiva fictiva é menos palpável do que uma factiva. O autor também considera que, em uma representação factiva, o indivíduo “vê” (aspas do autor), enquanto apenas “sente” (aspas do autor) sua representação fictiva.

Segundo Talmy (2000, p.141), cuja teoria se apresenta formalmente codificada a partir de elementos da cognição visual, essa palpabilidade é um contínuo que representa como uma entidade é conceptualizada, contínuo esse que vai do completamente concreto ao completamente abstrato.

A grade de Herman (Fig.1), por exemplo, representa um tipo semi-concreto de palpabilidade (TALMY, 2000, p.144). Quando o conceptualizador foca sua visão nos pontos negros na referida grade, é possível “sentir” ou “perceber” outros pontos em meio ao que “antes” era apenas branco. Os pontos delineados na parte que então era branca podem ser considerados fictivos, pois estão entre o real e o imaginário e dependem da mudança de perspectiva do conceptualizador.

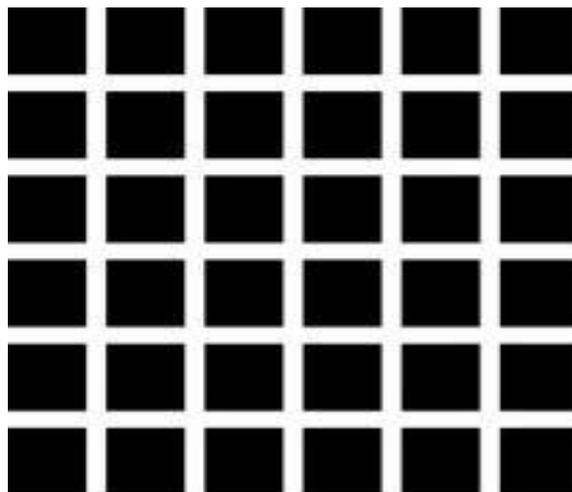


Figura1: Grade de Hermann

Langacker (2008, p.525) destaca que a fictividade, basicamente, é uma instância ou um *token*, virtual de seu *type*. Holme (2009, p.181) entende *type* como

um tipo de esquema cognitivo legitimador de uma expressão linguística, já o *token* seria a possibilidade de ocorrência desse *type*.

Já os esquemas cognitivos são conceitos superordenados que delineiam uma base comum a muitos outros conceitos mais específicos (TUGGY, 2007, p.83). Esses conceitos mais específicos podem ser chamados de elaborações ou instanciações, os quais são sancionados por determinado esquema cognitivo.

Langacker (2008, p.523) ilustra sua acepção de fictividade com o exemplo: “Um tigre é um felino”⁴. Neste exemplo, os referentes nominais (um tigre; um felino) são utilizados para fazer uma generalização. Não há um tigre específico referido pelo sintagma nominal *um tigre*, e tampouco *um felino*; de modo que ambos são virtuais em vez de reais e configuram-se como instâncias fictivas de seus *types*.

O autor também chama a atenção para o papel da memória em reviver experiências anteriores, ainda que distante dessas experiências temporal e espacialmente. Langacker (2008, p.525) também considera que a experiência humana permite a criação de antecipações que a memória utiliza para prever experiências posteriores. Nesse sentido, a conceptualização da virtualidade dependeria de padrões aprendidos principalmente por abstração.

A abstração, por sua vez, provém de uma habilidade cognitiva de perceber o que é comum a múltiplas experiências, ou seja, categorizá-las. Langacker (2008, p.525) também destaca que uma estrutura abstrata é sempre menos definida, empobrecida no sentido sensorial e mais esquemática do que o *type* que as instanciou.

Nesse sentido, as considerações de Langacker se aproximam das de Talmy (2000) em relação ao critério de palpabilidade conceitual de algo fictivo e do fenômeno da fictividade. Se trazidas para o estudo da interação fictiva em geral, nota-se que a ideia de virtualidade da interação também é válida.

Como o conceito de fictividade já foi discutido e ampliado, a seguir são apresentados os pressupostos concernentes às categorias da interação fictiva e dos CDD, este último objeto de pesquisa deste trabalho.

⁴ “A tiger is a feline”.

2.6. INTERAÇÃO FICTIVA INTRASSENTENCIAL

De acordo com Pascual (2014), uma interação fictiva intrasentencial ocorre em nível da palavra. Conforme antecipado na seção 2.4.2, um CDD é um composto nominal cujo modificador é formado por um nome modificado por um turno de fala fictivo.

A autora salienta que um CDD representa uma unidade discursiva autossuficiente, a qual é conceptualizada “em uma ocorrência não factiva, a qual funciona sintática e semanticamente como um constituinte gramatical.” (PASCUAL, 2014, p.79). De acordo com a autora, esses compostos não constituem uma citação direta ou paráfrase de enunciados reais e são trazidos ao léxico principalmente por meio de convenção sociocultural.

Com relação ao modificador de discurso direto, a linguista considera que a coerência entre “as sentenças ou orações constituidoras do modificador não é tão uma questão de sintaxe, mas uma questão de discurso” (PASCUAL 2014, p.112). A autora considera que o nome “Composto Nominal de Discurso Direto” implica uma análise mais voltada para a função do que para a sintaxe de um CDD.

Pascual realça ainda que o modificador de discurso direto baseado na interação fictiva é capaz de recuperar metonimicamente diversas cenas a ele associadas. Isso se deve principalmente ao conhecimento sociocultural, histórico e enciclopédico disponível para os falantes envolvendo o modificador, afirma Pascual (2014, p.104).

Um CDD com o modificador *I do*, em “*I do* ring, (anel do “eu aceito”), por exemplo, é capaz de evocar a cena do ato de fala dos votos de um casamento e, a ela associado, toda a cena do casamento, considera a autora.

Para a linguista, os modificadores de discurso direto são mais “eficientes e envolventes, pois os mesmos constroem um sentido de imediatismo por meio da (re) encenação” (PASCUAL, 2014, p.105) que outros modificadores como um adjetivo canônico supostamente não construiriam.

A ocorrência dos CDD já foi verificada em diversas línguas tais como o inglês, alemão, holandês e africâner, afirma a autora (p.105), ainda que a ocorrência em línguas latinas seja menos comum, argumenta Pascual.

2.6.1. Características formais do CDD

Em nível fonológico, Pascual aponta que, no caso do inglês, pelo menos uma parte do modificador de discurso direto é “foneticamente mais proeminente” do que o nome. A autora se ancora nos estudos de compostos nominais mais comuns como os de Lieber (1988, p.205) e Giegerich (2004), mas não dá nenhum exemplo ou outra explicação sobre por qual razão isso aconteceria também nos CDDs.

Em nível morfossintático, a autora afirma que o modificador do CDD pode ser de qualquer tamanho, ser formado por diversas classes gramaticais e constituído por uma oração ou períodos inteiros formados de várias orações e entoações diferentes, por exemplo:

- I. Estágio *OOPS!* (“*OOPS!*” *stage*)
- II. Reprovação do *eu te disse* (“*I-told-you-so*” *reproach*)
- III. Histórias de *será que ele vai chegar lá a tempo* (“*will-he-get-there-in-time*” *stories*)
- IV. Clima de *vamos todos nos ajudar uns aos outros* (“*let’s-all-be-supportive-of-each-other*” *atmosphere*)
- V. Teste do *toque seu nariz e fique de pé num pé só, você está bêbado?* (“*touch-your-nose-and-stand-on-one-foot,-are-you-drunk?*” *test*)
(PASCUAL, 2014, pp.110-111)

Os cinco exemplos trazem diferentes aspectos acerca do CDD. Em I, o modificador de interação fictiva consiste em apenas uma interjeição. Já II, III e IV consistem em modificadores de discurso direto formados por sentenças declarativas (II), interrogativas (III) e imperativas (IV). Já V mostra que, às vezes, o modificador de discurso direto pode assumir até mesmo a forma de um pequeno diálogo.

Entre as características morfológicas elencadas por Pascual (2014, p.113), destacam-se: presença de dêiticos como pronomes demonstrativos (VII), sujeito (VI, VIII, IX, X) e de tratamento (IX), partículas discursivas, interjeições (IX), conjunções, vocativos (IX) e sentenças truncadas ou incompletas (X):

VI. Desafio então você acha que é fácil (“*So You think This is Easy?*” *challenge*)

- VII. Resposta *oops*, isso não funciona (*“Oops, that didn’t work” response*)
- VIII. Incentivo de e eu vou economizar tanto dinheiro! (*“And I’ll be saving so much money!” incentive*)
- IX. Vibe do ei, você, linda senhorita dos problemas emocionais não resolvidos ao longo da vida (*“hey there, pretty lady with the lifelong unresolved emotional issues” vibe*).
- X. (Eleição eu devo votar para o que é melhor para o meio ambiente, quer dizer, para a hipoteca, quer dizer, meio ambiente, quer dizer, hipoteca (*“I must vote for what’s best for the environment I mean mortgage I mean environment I mean mortgage” election*))
- (PASCUAL, 2014, pp.110-111)

Outras características formais relevantes a respeito dos CDDs são a interação entre tempo e aspecto verbal do modificador de discurso direto, as construções destransitivizadas e os anguladores no português brasileiro.

A interação entre tempo e aspecto é relevante porque fornece pistas para novas buscas de CDDs em futuras pesquisas, pois alguns tempos e aspectos foram mais recorrentes que outros, conforme seção 4.2.1. Já as construções destransitivizadas são importantes para a discussão de um dos exemplos na análise, na seção 4.8, pois um verbo usualmente transitivo apresenta-se destransitivizado. Quanto aos anguladores, esses últimos foram encontrados em um dos padrões do CDD, além de uma das discussões na seção 4.2. Por essas razões, esses temas são discutidos nas seções a seguir e, posteriormente, os outros tipos de interação fictiva.

2.6.2. Interação entre tempo e aspecto verbais

Langacker (2008, p. 147) propõe que existem dois tipos básicos de verbos: os perfectivos e os imperfectivos. Em linhas gerais, os verbos perfectivos são aqueles que delimitam uma fronteira temporal entre o início e o fim de um processo. Pelo fato

de existir uma fronteira entre início e fim, esses verbos constituem um processo heterogêneo, isto é, há diferença na conceptualização entre o início e o fim do processo. Segundo o autor, “cair”, “pular”, “chutar”, “morder”, “atirar”, “quebrar”, “aprender”, são exemplos de verbos perfectivos.

Já os verbos imperfectivos apresentam um processo homogêneo a partir do qual não é possível abstrair o começo ou o fim. São exemplos desses verbos: ser, ter, saber, duvidar, acreditar, suspeitar, entre outros.

A classificação entre perfectivo e imperfectivo depende da natureza semântica dos participantes básicos da cena estabelecida por um verbo, ou sua grade argumental, além da escolha que o falante faz. Em “Ela cobre o buraco com a foto”, o verbo “cobrir” é perfectivo. Já em “A foto cobre o buraco”, trata-se de um verbo imperfectivo. Ou seja, a escolha do trajector da oração, ou o sujeito, nesse caso, muda a relação aspectual do verbo.

Já o tempo é definido por Langacker (2008, p.157) como um processo que impõe um escopo temporal imediato relacionado ao evento de fala e no qual o processo deve ser perfilado. De acordo com o autor, os verbos perfectivos e imperfectivos podem ser categorizados com a seguinte interação entre tempo e aspecto:

Perfectivo passado: verbos cuja abstração do processo por eles instanciado ocorre anteriormente ao evento de fala. Portanto, constroem uma situação heterogênea com início e fim. Ex: “Eu te *disse*”, “Você *foi* lá.”

Imperfectivo passado: ao contrário do perfectivo passado, são verbos que perfilam um processo homogêneo, situada no passado, mas da qual não é possível abstrair seu início ou fim. Ex: “Eu *sabia* de tudo”, “Você *era* melhor ”.

Perfectivo presente: verbos que delimitam um processo heterogêneo, com início e fim, e que coincide com o evento de fala. Ex: “Eu *falo*”, “Eu *fico*”.

Imperfectivo presente: verbos que não delimitam o início ou fim de sua conceptualização processual. “Você *é* uma boa pessoa”, “Ele *gosta* de cachorro”.

2.6.3. Construções verbais destransitivizadas

Bronzato (2000) discorre sobre a destransitivização de verbos prototipicamente transitivos e suas implicações semânticas e sintáticas. Trata-se de uma especialização do sentido de um verbo, ao contrário da generalização que seria instanciada por sua intransitividade. Isso faz com que a cognição e o conhecimento cultural do falante enquadrem o sentido do verbo com uma norma de conduta a ser evitada, principalmente se essa norma estiver relacionada a sexo e a drogas.

Se o verbo DAR estiver destransitivizado, por exemplo, o sentido do verbo é de “entregar-se sexualmente a alguém”. Esse sentido pode ser verificado no enunciado “Se a gente não dá \emptyset^5 , os caras não querem saber da gente” (BRONZATO, 2000, p.118).

A autora argumenta que, antes de ser propriedade dos itens lexicais, é a própria construção de verbos destransitivizados que favorece o acesso ao MCI tabu, isto é, ao sentido especializado do verbo referente a alguma norma de conduta. Isso ocorreria porque um dos significados de uma construção intransitiva no português é um “ato ou processo socialmente condenado” e que se resume em “rompimento de regra de conduta” (BRONZATO, 2000, p.124).

A autora também assinala que o acesso ao MCI tabu também depende de restrições semânticas e sintáticas. No caso da construção referente ao verbo BEBER transitivo, por exemplo, tem-se o seguinte *layout* sintático: SN1+VERBO+SN2. Quando destransitivizado, isto é, com a configuração SN1+VERBO+VAZIO, a principal restrição para o MCI ser acessado é que o SN1 seja [+humano]. Dessa forma, o que antes era apenas ingestão de líquidos, passa a ser ingestão de bebidas alcóolicas em SN1+VERBO+VAZIO, isto é, uma norma de conduta a ser evitada.

⁵ A autora utiliza o símbolo \emptyset para a omissão de complemento geralmente previsto pela valência do verbo.

2.6.4. Anguladores do português

Os anguladores são palavras de várias classes gramaticais, a saber, verbos, locuções prepositivas e adverbias e adjetivos; e que têm como principal função semântica produzir uma reconceptualização de algum item escopado. (ALMEIDA, 1999, p.130-131). Trata-se de uma forma de o falante flexibilizar o pertencimento de uma entidade a uma categoria linguística (LAKOFF, 1972) e produzir um reenquadre pragmático do item escopado e nele inserir, de alguma forma, seu comentário, (SALOMÃO, 1999), com diversos efeitos discursivos.

Alguns dos exemplos de Almeida (1999, p.133) que permitem discutir as características acima são:

- a. Um pardal é um pássaro por excelência.
- b. Amplamente falando, o telefone faz parte da mobília.
- c. FH é um tipo de candidato

A autora considera que o angulador “por excelência”, em *a*, permite a reestruturação da categoria pássaro “fazendo supor que existam propriedades que definem melhor a classe”. Já “amplamente falando”, em *b*, flexibiliza a fronteira categorial de “mobília”, enquanto *um tipo*, em *c*, “decompõe a categoria candidato em várias propriedades” (ALMEIDA, 1999, p.133).

Almeida (1999, p.135) também propõe uma tipologia e exemplifica alguns anguladores:

Anguladores decomposicionais: de certa forma, a maior parte de...

Anguladores de propriedades essenciais: fundamentalmente...

Anguladores analógicos: outras, mesmas,...

Anguladores de propriedades periféricas: teoricamente, especificamente, ..

Anguladores de propriedades quantitativas: quase, muito, até...

Com um viés mais pragmático, Castelano e Ladeira (2010) fazem considerações acerca dos anguladores, especificamente os formados pelas palavras “assim, tipo e tipo assim”. Também chamados pelas autoras de marcadores

conversacionais, essas palavras têm a função de marcar o sequenciamento narrativo, inserir sequências explicativas e marcar hesitação, argumentam.

Castelano e Ladeira também consideram que essas palavras ajudam o falante a explicitar conceitos difíceis de serem expressos em poucas palavras. Em linhas gerais, as autoras pontuam que as expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” estão associadas à busca “de um maior grau de compreensão entre os interlocutores de um discurso”. (p.16).

2.7. INTERAÇÃO FICTIVA INTERSENTENCIAL

Em linhas gerais, a interação fictiva intersentencial diz respeito à utilização do padrão pergunta/ resposta do *frame* de conversação para apresentar informações e relações entre sentenças ou orações (PASCUAL, 2014; p.51).

A partir do padrão pergunta/ resposta, o enunciador assume os papéis tanto de quem pergunta quanto de quem responde, pois nenhum tipo de resposta é esperada do possível interlocutor. O seguinte exemplo extraído de Pascual (2014, p.52) permite ilustrar essa categoria de interação fictiva.

(i) **E então, o que aconteceu?** (ii) No momento que o Supremo Ser desapareceu, algo extraordinário aconteceu. (iii) **E o que era?** (iv) A mais bonita e charmosa donzela, filha dos Himalaias, subitamente apareceu diante de Indra.

No excerto acima, (i) e (iii) representam as perguntas do enunciador, enquanto e (ii) e (iv) estão para as respostas, feitas pelo próprio enunciador. Desse modo, por meio do padrão pergunta/resposta do *frame* de conversação, o enunciador coloca em foco a resposta para tais perguntas.

No caso específico dessa categoria de interação fictiva, Pascual (2014, p.53) chama a atenção para o fato de que uma resposta não é esperada ou requerida para essa pergunta, bem como para o fato de que tal interação mimetiza o padrão pergunta/resposta não genuíno entre interlocutores quando esses interagem.

2.8. INTERAÇÃO FICTIVA SENTENCIAL

O último tipo de interação fictiva proposto por Pascual (2014) é a interação fictiva sentencial. De modo geral, esse tipo de interação fictiva se aplica à sentença e sua possível força ilocucionária fictiva, fato já apontado por Langacker (1999).

A autora traz diversos exemplos dessa interação que mostram como a força ilocucionária pode ser fictiva, entre eles:

- I. **Eu aposto...**a minha casa que [...] se eles perderem, não fará a menor diferença (*I will bet you...my house! That [...] if they came down it wouldn't make any difference.*)
- II. **Por que ele deveria contar a verdade?** Ele não tem motivo para contar a verdade. (*Why should he tell the truth? He has no reason to tell the truth*)
- III. **Me chama de louco**, mas eu gosto quando minha ex-mulher finalmente passa pra ver como eu estou [...] (*Call me crazy, but I like it when my ex-wife finally comes by to see how I'm doing [...]*)
(PASCUAL, 2014, pp.67-72)

Em I, o negrito indica que há uma asserção fictiva, uma vez que o enunciador não se compromete de fato com o ato de fala de uma aposta, mas apenas mostra como está seguro de sua afirmação.

Em II, o negrito mostra que há uma pergunta fictiva, pois não exige resposta do enunciador. Esse tipo de pergunta também é conhecido como pergunta retórica e trata-se de uma estratégia discursiva e argumentativa.

Já o negrito em III é um exemplo de comando fictivo, uma vez que o enunciador não espera que seu interlocutor o chame de louco, de fato. Trata-se apenas de uma estratégia discursiva e estilística do enunciador para mostrar como sua opinião pode ser inesperada.

Todos os três tipos de interação fictiva são repletos de várias operações cognitivas operadas pela mente do falante, a qual seleciona e perspectiviza a

linguagem de alguma forma. Essa operação cognitiva de perspectivização da linguagem e cognição é discutida na seção a seguir.

2.9. CONSTRUAL

O termo *construal*, ou perspectivização conceptual, é um conjunto de habilidades cognitivas do falante capazes de conferir uma certa perspectiva à linguagem e ao conteúdo conceptual. A esse respeito, Langacker (2008, p.55) afirma que “cada estrutura simbólica constroi seu conteúdo de um certo modo” (LANGACKER, 2008, p.55).

Segundo o autor, a conceptualização de uma expressão linguística não se dá apenas pelo que ela evoca, mas também pela maneira que a mesma é construída. A seguir, são discutidas as operações de focalização, escopo e proeminência (LANGACKER, 2008, p.55), pois essas operações são essenciais para o entendimento de fenômenos cognitivos como Atenção e Metonímia, também essenciais para a construção do sentido de um CDD discutidos em 2.10 e em 2.11, respectivamente.

2.9.1. Focalização

O foco diz respeito à seleção de conteúdo conceptual em uma apresentação linguística, e a probabilidade de um item lexical prover acesso direto a sua matriz dominial, isto é, aos domínios cognitivos evocados e requisitados para sua conceptualização.

De acordo com Langacker (2008, p.57), domínios centrais de um item lexical ficam em primeiro plano por sua facilidade de acesso mental, enquanto os demais são mais periféricos e, portanto, menos acessados em um evento de uso.

Do ponto de vista linguístico, a observação do autor se remete ao fato de que há significados mais evidentes de serem abstraídos em uma expressão linguística. Isso significa que a cognição pode ater-se a diferentes partes de uma expressão linguística porque algumas delas são mais salientes cognitivamente do que outras.

Quando o fenômeno de focalização é prioritariamente cognitivo, o item cognitivamente mais saliente é chamado de figura. Já o restante da cena em questão é chamado de fundo, estabelecendo-se assim o que se conhece como *gestalt* linguística.

Langacker (2008) ilustra a acepção de figura e fundo com um exemplo de um barulho repentino em uma sala silenciosa. Neste caso, o barulho seria a figura. Já a sala silenciosa seria o fundo. Ambos formam parte da conceptualização da cena, ainda que a focalização da mesma não se dê nos dois ao mesmo tempo. Essa relação é dinâmica e depende do ponto ao qual conceptualizador dirige sua atenção, ainda que a probabilidade de focalização em um seja maior que do que em outro.

Em convergência com Langacker (2008), Talmy (2007) define o fundo como uma entidade que tem um caráter estacionário relativo ao *frame* em questão. Já a figura é entendida como uma entidade mais móvel e conceptualmente mais flexível.

De acordo com Talmy, o fundo de uma expressão linguística seria “mais familiar e esperado” enquanto a figura “é mais recente e saliente na consciência, além de a figura possuir maior relevância conceptual que o fundo” (TALMY, 2007, p.275).

Já o conteúdo conceptual de um domínio cognitivo é chamado de escopo e é discutido na seção a seguir.

2.9.2. Escopo

O termo escopo diz respeito à quantidade de domínios cognitivos acessados e que podem ser evocados por uma expressão linguística (LAGANCKER, 2008, p.62). Trata-se da cobertura do domínio, isto é, quantas informações podem ser conceptualizadas por meio de uma expressão linguística.

O escopo dominial é necessariamente limitado, apesar de interligado com outros e de fronteira difusa. Essa afirmação significa que o sentido que pode ser abstraído na conceptualização de uma expressão não é ilimitado.

Langacker assinala que um copo, por exemplo, requisita a conceptualização de sua forma espacial, mas não evoca todo o universo para ser entendido. De modo similar, um processo é apreendido por meio do acesso mental ao longo de um tempo, mas o escopo temporal não envolve toda a eternidade (LANGACKER, 2008, p.63).

Por escopo máximo, entende-se a cobertura completa de um domínio cognitivo. Já o escopo imediato é a região de um conteúdo conceptual diretamente mais relevante para esse conteúdo ser conceptualizado. Por sua vez, o conjunto de domínios cognitivos envolvidos em um escopo é chamado de matriz. (LANGACKER, 2008).

O autor considera a palavra *cotovelo* para ilustrar essa acepção. Quando um falante conceptualiza a palavra *cotovelo*, a região imediatamente mais próxima em seu centro de atenção é o braço, isto é, braço é o escopo imediato de cotovelo. Já o escopo máximo de *cotovelo* seria o próprio corpo humano. (LANGACKER, 2008, p.64).

As considerações apresentadas acima permitem aproximar a ideia de matriz dominial, isto é, a rede interconectada de domínios referentes a algum conteúdo conceptual, à noção de *frame*, no sentido de Fillmore (1975). A cobertura de um

domínio, constituída pelos escopos imediato e máximo, seriam os elementos constituintes do *frame*.

2.9.3. Proeminência

Primeiramente, a questão da proeminência se relaciona à saliência cognitiva. Langacker (2008, p.66) cita, por exemplo, os protótipos como itens com grande saliência cognitiva, do mesmo modo que algo concreto é mais saliente do que algo abstrato, ou como uma coisa real é mais saliente do que outra imaginada.

Outro ponto a ser destacado é que a noção de proeminência se relaciona à base de algum conteúdo conceptual que é perfilado. O perfilamento ocorre na região conceptual na qual alguma informação referente a algum conteúdo é mais evidente, isto é, à qual o conceptualizador dirige seu foco de atenção.

Essa acepção é útil para definição de classes gramaticais, além da consecutiva relação entre trajetor e marco. No caso das classes gramaticais, um nome, por exemplo, perfila uma coisa, seja ela física ou abstrata. Já um verbo perfila um processo no qual haja escaneamento sequencial do conteúdo conceptual da cena (LANGACKER, 2008).

Enquanto a questão de focalização e proeminência tem caráter mais cognitivo, a relação entre trajetor e marco se relaciona mais a um fenômeno que une ambos, cognição e língua.

O trajetor é o participante mais proeminente de uma relação, isto é, “a entidade construída como sendo localizada, avaliada ou descrita” (LANGACKER, 2008, p.70). O trajetor recebe primeira focalização. Já o marco é a entidade menos proeminente e recebe uma focalização secundária.

2.10. FENÔMENO DA ATENÇÃO E FOCALIZAÇÃO

O fenômeno da atenção (TALMY, 2007) diz respeito à capacidade de um conceptualizador de focar sua atenção em algum ponto de uma interação. Essa atenção pode ser dirigida à expressão linguística produzida pelo falante, ao conteúdo conceptual representado pela expressão e ao contexto da interação, argumenta o autor.

Talmy assinala que uma língua tem “um extensivo sistema que designa diferentes graus de saliência a partes de uma expressão, suas referências ou ao contexto” (TALMY, 2007, p.264).

O linguista também considera que um falante utiliza esse sistema disponível na língua e em seu conhecimento para formular uma expressão. Já o ouvinte, “baseado nas formulações do falante, foca sua atenção de um modo particular sobre o material desses domínios” (TALMY, 2007, p.264).

Talmy afirma que “ao ouvir um morfema, nós podemos ter um sentido vívido de seu significado como um todo, mas pouco acesso consciente aos componentes essenciais para seu significado” (TALMY, 2007, 270). Além disso, o autor defende que o conceptualizador dirige mais atenção ao conteúdo semântico do que à forma de uma expressão linguística (TALMY, 2007, p.266).

Por essa razão, “o ouvinte tipicamente foca mais no que o falante diz ou quer dizer do que no que o falante de fato disse para representar tal significado” (TALMY, 2007, p.284). Em linhas gerais, isso significa que o sentido prevaleceria sobre a forma linguística.

A respeito da ocorrência de um morfema no léxico de um idioma e seu conteúdo conceptual, Talmy (2007) argumenta que não há apenas “uma representação monomorfêmica de algum conceito disponível para o falante” (TALMY, 2007, p.288).

Essa afirmação significa que há expressões diferentes no repertório lexical, ainda que não sinônimas, que podem permitir o acesso mental ao conteúdo representado por um morfema específico.

O autor também argumenta sobre a presença ou ausência no léxico de um morfema para um conceito. De acordo com Talmy (2007), o fato de um morfema existir em uma língua específica permite que um falante foque a atenção em determinado conceito, e que a presença no léxico desse morfema “pode facilitar o aparecimento do conceito na consciência do falante” (TALMY, 2007, 288).

Para ilustrar como uma palavra específica no léxico favorece a conceptualização, Talmy cita o morfema *nakhes*, do Íidiche. Tal morfema pode ser traduzido em inglês como “*a warm glow of pleasure from innocent pride in a close kin’s accomplishment*” (um brilho cálido de prazer de orgulho inocente em um feito de um parente próximo, em tradução livre). Ou seja, enquanto em íidiche é apenas uma palavra, em inglês ela é formada por vários sintagmas nominais e preposicionais.

Apesar da extensão fonológica do composto em inglês, não é impossível que tal conceito seja conceptualizado nesta língua, mas é mais provável e fácil de ser conceptualizado em íidiche porque a língua dispõe de um morfema para isso, afirma Talmy (2007, p.288).

2.11. METONÍMIAS

Langacker (2008) define a metonímia como uma operação de perspectivização conceptual na qual ocorre uma mudança de perfilamento do conteúdo conceptual dentro de uma mesma matriz dominial.

Por essa razão, “uma expressão que normalmente perfila uma entidade é usada para perfilar outra entidade a ela associada em um mesmo domínio”

(LANGACKER, 2008, p.69). O autor também salienta que, ao contrário da metáfora, cuja formação é basicamente interdominial, a metonímia ocorre a nível intradominial.

De modo semelhante, Radden e Kövecses (1999) definem a metonímia como “um processo cognitivo no qual uma entidade conceptual, o veículo, provê acesso mental à outra entidade conceptual, o alvo, dentro de um mesmo modelo cognitivo idealizado.” (RADDEN & KÖVECSES, 1999, p.21).

Por sua vez, Panther e Thornburg (2004) destacam que a metonímia provê esquemas naturais de inferências “que guiam muito do raciocínio pragmático na construção do significado” (PANTHER & THORNBURG, 2004, p.92). Dessa forma, os falantes possuem um tipo de esquema de inferência natural baseado em relações como PARTE PELO TODO, CAUSA PELO EFEITO, entre outras, afirmam os autores.

Segundo Panther e Thornburg (1998, 2003, 2004, 2007), os falantes não abstraem o significado de um enunciado apenas através de princípios como os das máximas propostas por Grice (1989), mas por padrões de inferência estabelecidos por rotinas cognitivas a eles associados, isto é, por metonímia.

A mudança de perfilamento conceptual em uma metonímia pode ser chamada de projeção metonímica (HILPERT, 2007, p.79). Quando ocorre mais de uma mudança de perfilamento conceptual, tem-se uma cadeia metonímica.

Sobre essa cadeia, Hilpert (2007, p.79) considera pertinente o exemplo “*Você encontrará melhores ideias do que essas na livraria*” (REDDY, 1979; *apud* HILPERT, 2007, p.77) para explicar como se dá a mudança de perfilamento conceptual. Por uma série de projeções metonímicas, e conseqüentemente mudança de perfilamento conceptual, a seguinte análise é elaborada por Reddy (1979, *apud* HILPERT, 2007, p.77) em relação à palavra “ideias”:

Ideias > palavras > páginas > livros

Em linhas gerais, a conceptualização do enunciado “*Você encontrará melhores ideias do que essas na livraria*” se dá porque o conceptualizador “infere que ideias são expressas em palavras, impressas em páginas de livros, os quais são

encontrados em livrarias” (REDDY, 1979; *apud* HILPERT, 2007, p.77). Desse modo, a conceptualização de “ideias” envolve uma cadeia metonímica.

Panther e Thornburg (1998, 2007) relacionam as metonímias ao termo “cenário”. Para os autores, “cenário” é como um tipo de conceito sinônimo ao de *frame* (FILLMORE, 1975) ou de Modelos Cognitivos Idealizados (LAKOFF, 1987). Os linguistas afirmam que um cenário é formado por partes. Essas partes podem criar relações metonímicas umas com as outras ou com todo o cenário. Dessa forma, é possível reconstruir um cenário por meio de um dos elementos dele. Panther e Thornburg (1998) argumentam que “quanto mais componentes de um cenário estiverem presentes em um discurso, mais fácil será identificar o cenário” (p.768).

Pascual (2014) destaca que os CDD disparam inferências pragmáticas e cognitivas que favorecem uma cadeia metonímica. Para ilustrar sua consideração, a linguista utiliza o exemplo do CDD “*I have a dream*” *Foundation* (Fundação *eu tenho um sonho*), nome de uma fundação de caridade dirigida a crianças que querem seguir o ensino superior (PASCUAL, 2014, 119).

A autora considera que o CDD “*I have a dream*” *Foudation* possui três tipos de metonímias encadeadas. Em primeiro lugar, o conceptulizador acessa mentalmente todo o discurso de Martin Luther King Jr. por meio de seu famoso enunciado “*I have a dream*” (Eu tenho um sonho). Esse acesso é possibilitado por meio da metonímia (i) ENUNCIADO PELO DISCURSO.

Em segundo lugar, (i) dispara a metonímia (ii) DISCURSO PELA IDEOLOGIA. Por fim, (ii) dispara a metonímia IDEOLOGIA PELOS PRATICANTES DA IDEOLOGIA. Por meio do CDD “*I have a dream*” *Foundation*, todas essas informações podem ser recuperadas e acessadas mentalmente.

Outro fenômeno cognitivo fundamental para o entendimento dos CDDs é a mesclagem conceptual, a qual está integrada à Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER e TURNER, 2002). Esses tópicos são discutidos na seção a seguir.

2.12. TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E MESCLAGEM

Um espaço mental pode ser definido como uma porção de conhecimento ou um tipo de memória de trabalho cognitivo, construídos discursivamente e de acordo com o contexto, de modo dinâmico e temporário (FAUCONNIER e TURNER, 2002).

De acordo com Fauconnier (2007), esses espaços são conectados uns com os outros por meio de várias projeções, tais como as de identidade e analogia. Quando ocorre o processo de integração conceptual, discutido a seguir, esses espaços mentais são categorizados com nomes distintos e com distintas funções.

O termo *input* refere-se aos espaços formadores de uma mesclagem ou integração conceptual. Em cada *input* estão os elementos de cada espaço mental, geralmente organizados a partir de um *frame*. Toda a discussão feita nesta seção pode ser acompanhada com a orientação da figura 2, abaixo.

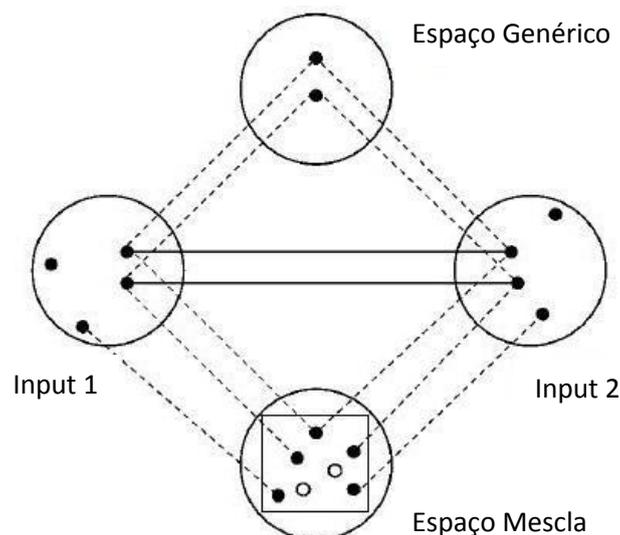


Figura2-Representação do processo de integração ou mesclagem conceptual. (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.46)

O nome *input* deriva do fato de que tais espaços, a partir de dois, participarem no processo de formação de outro espaço mental, ou seja, são uma das fontes desse espaço, o mescla.

Para que ocorra o processo de integração ou mais comumente chamada mesclagem conceptual, os elementos de cada *input*, de quantidade indefinida, mas iguais em cada um deles, são projetados uns sobre os outros. Essa projeção é feita principalmente por meio de analogia dos papéis de cada participante do espaço mental.

Outro espaço mental é requisitado para que ocorra a mesclagem conceptual. Esse espaço é chamado de genérico. O espaço genérico, por sua vez, reúne o conteúdo conceptual mais esquemático possível e compartilhado pelos dois ou mais *inputs*.

Dessa forma, o espaço genérico superordena o processo de integração conceptual, enquanto os *inputs* projetam seu conteúdo conceptual, guiados por analogia e identidade sobre os outros *inputs*. Entretanto, a projeção conceptual dos elementos de cada *input* em um novo espaço mental, chamado mescla, não necessariamente ocorre com todos os elementos de cada *input*.

O espaço mescla é uma estrutura emergente da projeção dos *inputs*, mas não contém apenas elementos de cada *input*, pois há elementos que emergem apenas no espaço mescla. Ademais, o espaço mescla pode requisitar novos *frames* para o novo conceito gerado por integração ser conceptualizado.

Segundo Fauconnier (2007), os espaços mentais e suas conexões estão presentes no pensamento humano, e não necessariamente requisitam manifestação linguística para existirem. Em vez de requisitarem a manifestação linguística, é a manifestação linguística que requisita a memória de trabalho cognitivo e integração conceptual sancionada pelos espaços mentais e mesclagem.

Portanto, para que a integração conceptual ou mesclagem aconteça, é necessário mais do que fazer analogias por meio de projeções e “de certa forma, nós temos que inventar um cenário retirado a partir das duas analogias, mas que acaba contendo mais” (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.20).

Outro ponto assinalado pelos autores é de que cada *input* formador da mesclagem pode conter conceitos que já são resultantes de integrações conceptuais anteriores (FAUCONNIER e TURNER, 2002, p.24).

Tal como muitos autores (LANGACKER, 2008; TALMY, 2000; 2007; LAKOFF e JOHNSON, 1980; 1999), Fauconnier (2007) relembra que a língua não “desencadeia representações cognitivas definidas apenas pelas formas linguísticas” (p.373). Ou seja, as construções requisitam um contexto e da mesma forma linguística pode emergir uma miríade de significados.

Desse modo, por meio da junção de contexto e fatores culturais circunscritos a uma comunidade de falantes, “a forma provê um esquema de projeção” (FAUCONNIER, 2007, p.373), o qual deve ser conjugado com algum outro espaço mental presente no discurso.

A questão da mesclagem conceptual é importante na formação de novos compostos lexicais, pois duas palavras diferentes formam uma palavra fonológica e conceptualmente nova. Como foram encontrados CDDs com o modificador de discurso direto em nível morfológico, fato que origina uma nova palavra, tal tópico será discutido a seção a seguir.

2.13. MESCLAGEM LEXICAL

Bauer (1988, p.238) define o termo mesclagem lexical como “um novo lexema formado a partir das partes de dois ou mais lexemas”. Apesar de seguir a mesma definição de Bauer, Kemmer (2000, p.1) considera também a questão da integração conceptual entre duas palavras de origens diferentes que se transformam em apenas um item lexical.

Embora Pascual (2014, pp.94; 109) não se refira propriamente a uma mesclagem lexical, quando trata de CDDs, a autora traz o exemplo de

Idontknowsexual (do inglês “nãoiseissexual”, em tradução livre). A linguista aponta ainda que esse composto está convencionalizado e com entrada lexical no *Urban Dictionary*⁶

Entretanto, Pascual (2014) não traz uma discussão mais aprofundada do exemplo *Idontknowsexual* e se refere a ele apenas como um modificador adjungido a um núcleo nominal ou ainda um “prefixo” (PASCUAL, 2014, p.94).

Conquanto Pascual (2014) não trate de “*Idontknowsexual*” como mesclagem lexical ou discorra sobre o tema com esse viés, a autora considera que um CDD pode emergir de uma necessidade do discurso em andamento, “do aqui e do agora” (PASCUAL, 2014, p.129). Essa observação se aproxima à de criatividade e produtividade da mesclagem lexical proposta por Basílio (2010), discutida ainda nesta seção do presente trabalho.

Com uma perspectiva cognitivista, Kemmer (2000) propõe que a mesclagem lexical está baseada em esquemas cognitivos, isto é, uma base conceptual que permite instanciação para formar novos compostos lexicais. De acordo com a linguista, a mesclagem lexical “é uma estrutura cognitiva coerente que seletivamente incorpora e integra aspectos semânticos das palavras ativadas” (KEMMER, 2000, p.3).

Dessa forma, dois ou mais lexemas fontes se juntam para formar uma estrutura cognitivamente nova. Segundo alguns exemplos da própria autora (KEMMER, 2000, pp.3-4):

- a. **Chunnel** = [CHannel + tUNNEL] (do inglês, canal+túnel)
- b. **Fantabulous**= [FANTAstic + FABULOUS] (do inglês, fantástico + fabuloso)

Tanto em *a* quanto em *b*, o resultado da mesclagem lexical aparece em negrito. Já os lexemas fonte aparecem entre colchetes. Nos lexemas fonte, as letras maiúsculas indicam a parte agregada a partir de cada lexema fonte para a mesclagem lexical.

⁶ <http://www.urbandictionary.com/>

Segundo a autora, o sentido de *a* é de um “canal túnel”. Já o sentido de *b*, de acordo com a linguista, é de algo “extremamente maravilhoso” (KEMMER, 2000, p.4).

A autora aponta ainda que, uma vez enunciados, esses compostos mesclados permitem o acesso cognitivo também a suas estruturas formadoras, e não apenas ao composto novo. Também de acordo com a linguista, os lexemas formadores são mais entrincheirados na língua do que o composto resultante de mesclagem. Isso ocorre porque a mesclagem lexical geralmente advém de um processo de criação e neologismo. Já as palavras formadoras geralmente já estão presentes no léxico e são compartilhadas em uma comunidade de falantes.

Autores como Kemmer (2000), Basílio (2010) e Gonçalves (2003) consideram que o compartilhamento de material fonológico entre os lexemas formadores favorece a mesclagem lexical.

No caso de Basílio (2010), a autora denomina a mesclagem lexical de Fusão Vocabular Expressiva (FUVE) e considera que “as palavras-fonte estão envolvidas por inteiro (BASÍLIO, 2010, p.202). Apesar dessa afirmação, Basílio posteriormente relativiza a integridade das palavras formadoras no composto de FUVE, pois afirma que o modificador “é reconhecido através de uma pequena alteração fonológica na palavra base” (BASÍLIO, 2010, p.203).

Além disso, Basílio considera que uma FUVE é uma construção na qual há um qualificador que se incorpora na palavra base, como um tipo de palavra predicadora. Assim, o significado da palavra base é modificado pelo qualificador. Segundo alguns dos exemplos da própria autora (BASÍLIO, 2010, pp.203-204):

- c. Lixeratura (de lixo, literatura)
- d. Burrocracia (de burro, burocracia)
- e. Boilarina (de bailarina, boi)

Em *c*, *d* e *e*, as palavras predicadoras são lixo, burro e boi, respectivamente. Já as palavras-base são literatura em *c*, burocracia em *d* e bailarina em *e*, afirma a autora.

Segundo a linguista, o sentido de *c* diz respeito a uma literatura que tem pouco valor estético. Já *d* se trata de uma crítica à burocracia exagerada e lenta, portanto, “burra”. A FUVE *e*, por sua vez, tem o sentido de uma “pesada contradição dançante”, (BASÍLIO, 2010, p.204).

Basílio argumenta que a perda fonética dos lexemas formadores em *c*, *d* e *e* são mínimas e que se trata apenas de uma pequena alteração no corpo da palavra-base. Uma das provas de que essa alteração seria pequena seria o fato de o conceptualizador identificar os dois lexemas formadores da FUVE.

Outro ponto destacado por Basílio (2010) é de que essas construções possuem um efeito inesperado e que deve ser avaliado discursivamente. Além disso, a linguista pontua que uma FUVE tem espaço mais em meios jornalísticos, propagandísticos, políticos, literários e humorísticos. Por essa razão, essas construções não seriam, afirma a autora, muito frequentes na língua formal.

Basílio considera também que uma abordagem de mesclagem lexical que seja contemplada por esquemas cognitivos como os de Kemmer (2000) é mais adequada do que as baseadas em regras morfológicas gerativistas.

Conforme Basílio (2010, p.6), o conceito de produtividade em linguística gerativa se associa a uma “criatividade governada por regras” (aspas da autora) e é limitador, pois os produtos lexicais não atestados por essas regras são considerados “não naturais” ou “parte de dialetos específicos” (aspas da autora).

Por outro lado, uma abordagem baseada na noção de esquema cognitivo, como propõe Kemmer (2000), tem a vantagem de não ser delimitado fonologicamente, mas conceptualmente. Além disso, uma abordagem cognitivista não prevê prioritariamente a ocorrência dos compostos, apenas “coloca as condições normais de uso de esquema” (BASÍLIO, 2010, p.207).

Embora a noção de esquematização e cognição seja importante, Basílio (2010) aponta que essa fundamentação é insuficiente para explicar uma FUVE, pois é necessário considerar a criatividade, a inovação e o êxito de tal construção no contexto em que as ocorrências aparecem.

Todo o arcabouço teórico até aqui apresentado permite a análise da ocorrência de um CDD principalmente em gêneros de modalidade escrita. Já a análise da ocorrência de um CDD em fala espontânea, na seção 4.9., requisita o entendimento de outros conceitos mais específicos de uma interação. Esses conceitos são os da decomposição do falante a partir do papel assumido na interação, o conceito de face e alguns fundamentos de discurso reportado, discutidos na seção a seguir.

2.14. A DECOMPOSIÇÃO DO FALANTE E O CONCEITO DE FACE

Uma das principais contribuições de Goffman (1979 [1998] p.87; 1981) para os estudos da interação e análise da conversa é a de que um *falante* pode ser decomposto como *animador*, *autor* e *responsável*. Por animador, entende-se o responsável físico pela ação de falar, isto é, “o indivíduo engajado no papel de produzir elocuições”. (GOFFMAN, 1979 [1998], p.87).

O sociólogo destaca que, nem sempre, quem produz um enunciado, chamado por ele de elocução, é o criador e tampouco o responsável social pela elocução. Isso significa que o animador não necessariamente expressa suas próprias palavras e pode estar simplesmente verbalizando, isto é, animando, as de outra pessoa.

Em um discurso reportado, por exemplo, o animador é quem reporta o discurso direto. Já os enunciados reportados foram produzidos por outro autor que não o animador. Em outras palavras, o autor é quem performa o discurso anteriormente a ser reportado pelo animador.

Já quem se responsabiliza socialmente pelo enunciado proferido pelo animador é chamado de *responsável* ou *principal*. O autor exemplifica com um discurso político. Quem profere o discurso é o animador; quem o escreve, o autor. Já o responsável é o governo ou instituição vinculada ao discurso do animador (GOFFMAN, 1981).

Naturalmente, o próprio falante pode assumir e acumular os três papéis, isto é, *footings*, e ser animador, autor e responsável, além de mudar de um para outro ao longo do discurso. Além disso, o autor (GOFFMAN, 1981) aponta que o protagonista descrito em uma cena reportada é a chamada *figura*.

Quando animador, um falante pode imprimir prosodicamente uma avaliação no discurso reportado (ROCHA, 2003, 2004) ou alterar ou inventar o que foi dito pelo autor do enunciado (DUBOIS; 1989; MAYES; 1990, ROCHA, 2003; 2004), ou seja, o animador pode ser mais do que apenas um reproduzidor de discursos e “garantida certa distância do sujeito reportado, o animador da voz do outro faz o que quer com ela: aumenta, inventa, imita, debocha ou, até mesmo, esforça-se para ser fiel às palavras originais” (ROCHA, 2003, p.252)

Com relação ao conceito de face, este também é desenvolvido por Goffman (1985) e é definido como “o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico.” (p.77).

Segundo o autor, a face de um participante pode sofrer mudanças durante uma interação. Supõe-se que um participante tenha que corresponder às expectativas sociais para preservar sua face, a qual pode ser atacada, ameaçada ou protegida por outros falantes. Goffman também pontua que a face de um falante “[...] poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la” (GOFFMAN, 1967, p.81).

3 METODOLOGIA

A pesquisa acerca do objeto desta dissertação foi dividida em duas etapas, cada qual com seu paradigma, objetivos específicos e perguntas de pesquisa. Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa exclusivamente qualitativa na internet. Em um segundo momento, foi feita uma pesquisa mista, isto é, quantitativa e qualitativa, em um *corpus* de fala espontânea do português brasileiro. Ambas as etapas, paradigmas e justificativas são detalhadas a seguir.

3.1. A pesquisa na internet e o paradigma qualitativo

Primeiramente, a pesquisa na internet foi orientada pelo paradigma qualitativo ou interpretativo (DENZIN & LINCOLN, 2006; ERICKSON e LINN, 1986) e foi constituída pela busca de compostos de discurso direto, especificada nas seções a seguir, na plataforma *Google*, pela categorização desses achados e pelo estudo de seu ambiente discursivo.

A escolha por esse paradigma nessa etapa da pesquisa se justifica primeiramente pela necessidade de estudar o ambiente discursivo de ocorrência dos CDDs em vez de quantificá-los. A quantificação na internet ainda é vista como um fator limitador ainda não resolvido em sites de busca como o *Google*, uma vez que há textos repetidos, priorização de resultados por posição geográfica e conteúdo publicitário ou mais visto nessas plataformas (FERRARESI, 2009).

Pelas razões supracitadas, a intenção de quantificar ocorrências de CDD no *Google* seria pouco confiável, uma vez que, por exemplo, um texto que tenha sido pouco visto, não vinculado à nenhuma esfera comercial ou estivesse repetido em

outras páginas resultaria em um dado questionável sobre a quantidade precisa de ocorrências dos CDDs.

Por outro lado, a pesquisa na internet contempla um conjunto de dados extremamente grande, com conteúdo constantemente atualizado, multididiático e facilmente disponível para pesquisa (FLETCHER, 2011). O fator multididiático é especialmente relevante no caso dos CDDs, uma vez que foram encontradas ocorrências de CDD até mesmo em nomes de lojas virtuais, produtos de beleza e conteúdo de diálogos em vídeos de programas de culinária.

Uma pesquisa qualitativa similar também é feita por Pascual (2014) em seu trabalho sobre CDDs no inglês. Por meio de diversas pesquisas na internet e materiais encontrados ao longo de vários anos, a autora utiliza várias fontes e gêneros textuais para discutir esse tipo de interação fictiva, suas características formais e efeitos discursivos variados. Trata-se de um procedimento simples de coleta de dados, sem interesse de torná-lo um *corpus* tratado.

Além de se inspirar no percurso metodológico de Pascual, a pesquisa para esta dissertação também contou com a intuição linguística do autor do presente trabalho. Esse último fato é destacado como muito relevante por Rocha (2013), visto que intuições linguísticas de autores como Talmy (2000; 2007) e Langacker (2008), sem necessariamente com apoio de estudos orientados, por exemplo, pela Linguística de *Corpus* (BERBER SARDINHA, 2004), produziram valiosos *insights* para o estudo de fenômenos como o da fictividade.

Entretanto, Rocha (2013), em busca de evidências externas, também afirma que há necessidade de que os dados para análise advenham de investigações empíricas e não apenas de exemplos inventados. A afirmação de Rocha contribui para endossar a internet, com suas características potenciais de formação de *corpora*, como uma grande fonte de dados. Com isso, a subjetividade da presente pesquisa passaria *menos* pelo controle do pesquisador na pesquisa empreendida.

A palavra “menos” foi destacada no parágrafo anterior porque admite-se que a simples eleição de um *corpora* para análise já é uma forma de construir a análise (DENZIN & LINCOLN; 2006), e o presente trabalho se distancia de concepções positivistas que separam ciência do investigador, ou realidade de sua percepção.

Isso não significa, por outro lado, que não será feita nenhuma espécie de contagem ou menção a números na pesquisa na internet na primeira etapa do trabalho, mas que o foco não é a quantidade de ocorrências dos CDDs.

As questões norteadoras desta etapa da pesquisa foram: qual o efeito discursivo dos CDDs nos gêneros encontrados? Por que o autor do texto ou responsável pelo ato de fala em questão preferiu o uso de um CDD a um modificador comum, tal como um adjetivo canônico? Os CDDs são de fato mais envolventes e criam efeitos discursivos mais interessantes como propõe Pascual (2014)? Existe alguma relação entre o monitoramento discursivo do falante e a produtividade dos CDDs? A fictividade em um CDD é a mesma que em outras categorias da interação fictiva, tal como intersentencial e sentencial? Quais as similaridades e diferenças? Quais padrões formais assumem os CDDs encontrados?

A partir dos pressupostos metodológicos mencionados, foi feita uma pesquisa na internet, detalhada a seguir.

3.1.2. A pesquisa empreendida na internet

O primeiro passo para a pesquisa no buscador *Google* foi utilizar alguns comandos sugeridos por Pascual (2014), além de ocorrências de núcleos lexicais nominais categorizados pela autora como comumente modificados por discurso direto.

No presente trabalho, foram pesquisados todos os 50 núcleos nominais considerados produtivos por Pascual em suas buscas na internet. Além disso, foram pesquisados 42 núcleos nominais advindos da intuição do linguista desta dissertação. A seguir, todos os tipos de núcleos sugeridos por Pascual serão apresentados, bem como os do linguista do presente trabalho.

Pascual considera que suas buscas do Google mais relevantes foram as que tiveram núcleos lexicais que denotassem:

- I. Indivíduo como um participante comunicativo
- II. Tipo de ato comunicativo
- III. Meio de comunicação
- VI. Instrumentalidade
- V. Estado mental ou emocional
- VI. Tempo e espaço

O item I diz respeito aos núcleos “povo”, “grupo”, “geração” e “tipo”. Trata-se de um tipo de CDD no qual os modificadores tendem a ser a fala de indivíduos fictivos utilizadas para metonimicamente definir quem eles são ou como as pessoas se dirigem a eles. Por exemplo: “Geração *eu sou especial*” (“*I am special*” generation) e “Chefe *você é como da família*” (“*You’re like Family*” Boss”. (PASCUAL, 2014, p.133).

Já os núcleos nominais desta categoria utilizados pela presente pesquisa são: “turma”, “galera”, “gente”, “gentinha”.

O item II diz respeito a núcleos nominais que denotem um ato comunicativo, por exemplo “comentário”, “mensagem”, “desculpa”, “conversa”, “reprovação”, “discussão”, “promessa” e “mentira”, todos elencados como produtivos pela autora. Por exemplo: “desculpa de *meu cachorro comeu meu dever de casa*” (*the dog ate my homework excuse*).

Os seguintes núcleos nominais são sugeridos pelo autor desta dissertação: “conversa”, “conversinha”, “papo”, “papinho”, “briga”, “

O item III tem vários subitens, mas o sentido geral de seus núcleos lexicais são de portadores de informações, pontua Pascual. A autora considera que, nesta categoria, “o meio de comunicação é caracterizado pelo tipo de ato denotado pelo modificador”. (PASCUAL, 2014, pp.133-134). São subtipos desta categoria a) o meio é o portador de texto b) o meio é uma entidade c) o meio é um ato físico d) o meio é uma maneira.

Um exemplo de *a* é “Adesivo *sim, eu sou o dono da estrada*” (*Yes I do own the road sticker*) ou “cartões de *fique bem logo*”. Os núcleos lexicais mais comuns dessa categoria, segundo Pascual, são “botão”, “sinal”, “banner”, “romance”, “livro”, “manifesto”, “coluna” e “arquivo”. A autora pontua que tais portadores de informação não necessariamente contem o texto do modificador, mas o modificador de discurso direto é uma pista do propósito pelo qual uma pessoa enviaria um “cartão de fique bem logo”, por exemplo. (PASCUAL, 2014, p.134).

A respeito do item II *a*, o autor desta pesquisa sugere a busca de: “para-choque”, “para-brisa”, “horóscopo”, “palavra-cruzada”.

O subtipo *b* diz respeito à informação que é comunicada por meio de objetos inanimados, isto é, objetos inanimados falantes. Por exemplo: “dinheiro do *eu sinto muito*” (“*Oh, I’m sorry*” money). (PASCUAL, 2014, p.135). Os núcleos mais comuns segundo a autora foram “uniforme”, “veículo” e “arte”.

São sugeridos pelo autor desta dissertação “maquiagem”, “camisa”, “sapato”, “anel”, “cabelo”, “olhos”, todos referentes ao item II *b*.

O subtipo *c* do item III diz respeito a um ato físico, tal como um olhar ou postura corporal, os quais expressam uma mensagem. Dessa forma, o meio é um ato físico. São exemplos: “beijo de *boa noite*” (*goodnight kiss*) e “olhar de *você tá brincando, né?*” (*are you kidding me look*). Os núcleos lexicais comuns desse subtipo foram: “gesto”, “visão”, “sorriso”, “cara” e “aceno”. (PASCUAL, 2014, p.136).

Para o item II *c*, são sugeridos pelo autor desta pesquisa os núcleos nominais “abraço”, “aperto de mão”, “chacoalhada”, “tapa” e “cumprimento”.

Já o subtipo *d* diz respeito à associação de como alguém fala como “[...] uma indicação da atitude, intenções de alguém e/ou ações, uma dada maneira de fazer coisas [...]” (PASCUAL, 2014, p.136). Um exemplo desse subtipo é “comendo sorvete e rindo das pessoas que não estão na sombra (mas não do jeito esnobe, mais do jeito de *isso não é ótimo, nós estamos entre gente rica*” (*eating ice cream and laughing at the people who didn’t have shade but not in the snobby way, just more of the “isn’t-this-cool-we’re-among-rich-folks” way*). (PASCUAL, 2014, p.137). Outros núcleos nominais dessa categoria são: “método”, “artimanha”, “tratamento”, “fórmula” e “solução”.

Já o autor desta pesquisa sugere a busca de: “jeitinho”, “jeito” e “modo”, referentes ao item III *d*.

O item IV associa planos, ações, eventos ou projetos que são caracterizados pelo que é fictivamente dito ao público de cada uma dessas coisas. Por exemplo: “Programa nós nos importamos” (“*We care*” program) e “Campanha mantenha a Grã-Bretanha limpa” (“*Keep britain*” tidy campaign). (PASCUAL, 2014, p.137). Outros núcleos lexicais comuns apontados por Pascual foram: “projeto”, “demonstração”, “disputa” e “iniciativa”.

Quanto ao item IV, o autor do presente trabalho sugere: “associação”, “apoio”.

O item V, por sua vez, diz respeito aos núcleos lexicais mais produtivos formados por nomes referentes a estados mentais ou emocionais. Esse item é dividido em dois subitens: e) atitude ou princípio e f) sentimentos. O subitem e tem com núcleos mais produtivos os vocábulos “atitude”, “mentalidade”, “abordagem” e “pensamento”. Exemplo: “Filosofia do *não se intrometa a menos que seja necessário por razões de segurança*” (“*don’t intrude unless needed for security*” philosophy). (PASCUAL, 2014, p.139). Já o subitem f tem como núcleos nominais mais produtivos os nomes “sentimento”, “humor” e “atitude”. Exemplo: “Felicidade do *ei, querida, cheguei em casa*” (“*Hi honey, I’m home*” happiness) (PASCUAL, 2014, p.140). Além de todas as sugestões de Pascual, o autor desta dissertação também foi feita a pesquisa do núcleo “*status*”, por ser de uso comum em redes sociais.

Por fim, o item VI diz respeito aos núcleos nominais cujo conteúdo conceptual diz respeito a tempo e espaço. Esses núcleos são “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era” e “situação”. Por exemplo: “Estágio *não, eu não irei dormir e não se atreva a me deixar sozinho no meu berço!*” (*no, I will not go to sleep- and don’t you dare leave me alone in my crib!*” stage”) (PASCUAL, 2014, p.141).

Referentes ao item VI, o autor desta dissertação sugere os núcleos “tempo”, “caminho”, “estrada”, “rota”, “período”, “dia”, “ano”, “mês”, “calendário”.

A tabela 1 sistematiza os núcleos nominais expostos acima e que foram utilizados nesta pesquisa. Os núcleos nominais “almoço”, “chocolate”, “sobremesa”, “promoção”, “jogo”, “olhar” e “cara” também são sugestões de produtividade do autor

desta dissertação e não se enquadram nas categorias de CDD propostas por Pascual (2014), mas também foram pesquisados neste trabalho.

Tabela 1

Núcleos nominais pesquisados	
Sugestões de Pascual (2014)	Sugestões do autor desta dissertação
<p>“povo”, “grupo”, “geração”, “tipo”, “comentário”, “mensagem”, “desculpa”, “conversa”, “reprovação”, “discussão”, “promessa”, “mentira”, “botão”, “sinal”, “banner”, “romance”, “livro”, “manifesto”, “coluna”, “arquivo”, “uniforme”, “veículo”, “arte”, “roupas”, “gesto”, “visão”, “sorriso”, “cara”, “aceno”, “método”, “artimanha”, “tratamento”, “fórmula”, “solução”. “projeto”, “demonstração”, “disputa”, “iniciativa”, “atitude”, “mentalidade”, “abordagem”, “pensamento”, “sentimento”, “humor”, “lugar”, “marca”, “ano”, “estágio”, “era”, “situação”</p>	<p>“turma”, “galera”, “gente”, “gentinha”, “conversinha”, “papo”, “papinho”, “briga”, “para-choque”, “para-brisa”, “horóscopo”, “passatempo”, “camisa”, “sapato”, “chocolate”, “sobremesa”, “maquiagem”, “anel”, “aliança”, “cabelo”, “olhos”, “abraço”, “aperto de mão”, “chacoalhada”, “tapa”, “cumprimento”, “jeitinho”, “jeito”, “modo”, “associação”, “apoio”. “<i>status</i>”, “tempo”, “caminho”, “estrada”, “dia”, “mês”, “calendário”, “rota”, “período”, “promoção”, “jogo”,</p>
Total: 50	Total: 42

3.2. Os padrões formais dos CDDs e a pesquisa na internet

Considerando as premissas supracitadas, foi feita uma pesquisa prévia de dados e encontrados dois padrões básicos mais recorrentes de CDD em português brasileiro.

1. (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO
2. (S)N+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Em 1, um (S)N com ou sem determinante é modificado pelo discurso direto, por exemplo: *Maquiagem nasci linda*. Os parênteses indicam que poderia ser apenas um nome, isto é, o núcleo do sintagma nominal em questão. Em 2, um (S)N com ou sem determinante é seguido da preposição “de” e do modificador de discurso direto, por exemplo: “*Postura de eu sou a vencedora*”.

Além dessas duas ocorrências, a pesquisa na internet também visava a encontrar duas outras formas menos frequentes, mas existentes no português brasileiro e também previstas por Pascual⁷ (2014):

3. S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO
4. NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra)

A diferença de 3 para 1 é que após o SN de 3 existe um angulador como “(tipo) assim”. Já 4 consiste em uma mesclagem lexical entre um nome qualquer com o morfema de discurso direto em uma mesma palavra, por exemplo: “*maquiadoro*” (maquiagem + “adoro”).

Para capturar os padrões 1, 2 e 3 em apenas uma busca, foi utilizado o seguinte comando prototípico no *Google*, entre aspas:

“*núcleo nominal*eu*”

⁷ Pascual (2014, p.94) não se refere à ocorrência de 4 como nos termos deste trabalho. A autora não menciona o termo “mesclagem lexical” e trata os modificadores de discurso direto como prefixo ou sufixo.

As aspas sinalizam que os resultados devem ser encontrados nessa ordem. Já o núcleo nominal pesquisado são os descritos na tabela 1. O dêitico “eu” é usado como sinalizador de discurso direto, apesar de não ser a única forma de sua ocorrência. Já os asteriscos indicam que qualquer palavra poderia preenchê-los. O primeiro asterisco contempla principalmente qualquer determinante que por ventura tenha antecedido o nome, ou qualquer outra classe gramatical que ali estivesse. Já o asterisco após o núcleo nominal indica que uma preposição “de” poderia preenchê-lo, ou um angulador “tipo/assim”. O último asterisco, após o dêitico “eu”, indica que qualquer oração, naturalmente em discurso direto, poderia preenchê-lo.

Exemplo de busca: “*postura*eu*”⁸

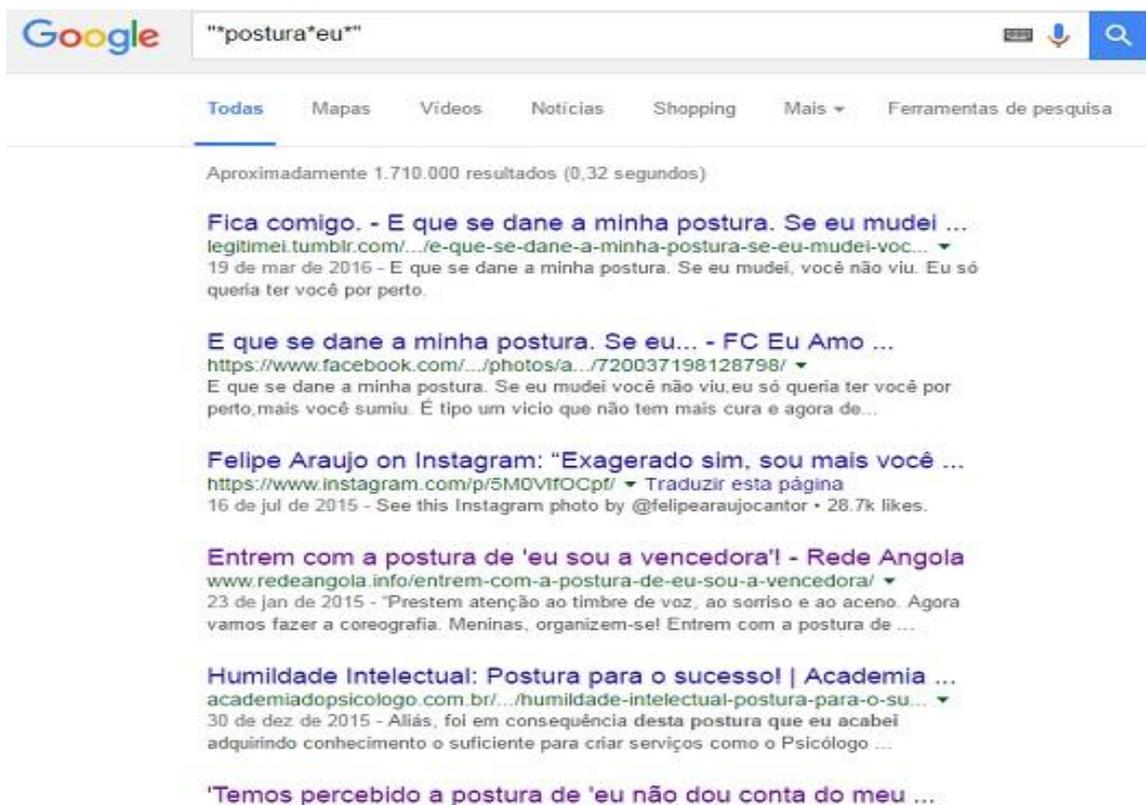


Figura3- Exemplo de comando de pesquisa na internet

Não foi efetuada uma busca no Google em relação ao padrão 4, pois, nesse caso, há perda de material fonológico do nome em questão e compartilhamento

⁸ Última busca feita em 27/04/2016, 12:30 P.M

fonológico da última sílaba, de modo que se tornava extremamente difícil de prever sua ocorrência e a forma que poderiam tomar. Tais compostos foram encontrados principalmente na pesquisa referentes aos nomes “maquiagem” e “chocolate”, exatamente com a mesma fórmula para os padrões 1, 2, 3.

Posteriormente à pesquisa na internet, foi empreendida uma pesquisa em um *corpus* oral, a qual é detalhada a seguir.

3.3 A pesquisa em *corpus* oral e o paradigma misto

A segunda etapa da pesquisa foi conduzida tendo por base o paradigma misto (CRESWELL & TASHAKKORI, 2007), qualitativo e quantitativo, e em alguns pressupostos da Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004). Esta etapa compreende busca, categorização, quantificação e estudo dos CDDs em um *corpus* de fala espontânea do português brasileiro, o *Corpus* Oral do Português – C-Oral Brasil I (RASO, MELO, 2012).

O paradigma misto se justifica neste momento da pesquisa por licenciar o estudo da produtividade dos CDDs e sua análise qualitativa. O termo “produtividade” é entendido aqui como frequência e quantidade de ocorrências de alguma expressão linguística (SARDINHA, 2004; DORNELAS, 2014).

O fundamento mais importante da Linguística de *Corpus* é o de que a análise de algum fenômeno da língua deva ser baseada apenas em *corpora* legítimos e não em idealizações de linguistas (SARDINHA, 2004), ou seja, a empiria prevalece na Linguística de *Corpus*. Sardinha também enfatiza a necessidade do tamanho do *corpus*, a necessidade de ferramentas eletrônicas para investigá-lo e, principalmente, a frequência de uso de uma expressão linguística para afirmar “estimar a probabilidade teórica” (SARDINHA, 2004, p.32).

A quantificação de ocorrências no C-Oral também será utilizada nessa etapa da pesquisa. Além de ferramentas eletrônicas, também foi utilizada uma análise manual do *corpus*, descrita na seção 3.3.1. A análise eletrônica foi baseada nos 92 núcleos nominais da tabela 1 e precede a oitiva e análise manual dos dados de fala do referido *corpus*. Ambas as etapas são descritas na seção 3.3.1.

As perguntas de pesquisa na análise do C-Oral foram: os CDDs ocorrem em fala espontânea tal como ocorrem em modalidades e gêneros mais monitorados, como os encontrados na pesquisa na internet? Se sim, existe alguma pista linguística ou contextual que o preceda ou suceda sua enunciação? Quais efeitos discursivos um CDD produz em uma conversa? Que tipos de informações tal CDD permite recuperar em uma conversa? Por que o falante pode ter utilizado um CDD em vez de um modificador comum? Quantos CDDs foram encontrados no *corpus* oral?

3.3.1. C-Oral

O C-oral Brasil I (RASO e MELLO, 2012) é um *corpus* oral do português brasileiro de diatopia quase exclusivamente centrada no português falado em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Apesar de uma diatopia pouco variável, esse *corpus* tem a vantagem de ter grande variação diafásica, pois são muitos contextos nos quais diálogos, monólogos e conversas informais entre três ou mais participantes foram gravadas. O *corpus* possui 208.130 palavras divididas em 139 interações com cerca de 1500 palavras cada uma.

O C-Oral fornece metadados dos participantes envolvidos. Dessa forma, o analista pode consultar informações como a relação que os participantes de uma interação possuem entre si e suas ocupações, fato que pode auxiliar na contextualização dos dados e na perspectiva que assume determinada interpretação da conversa entre os participantes.

A escolha por esse *corpus* ocorreu devido à necessidade de verificação de ocorrência dos CDDs em fala espontânea, cujas perguntas motivacionais foram apresentadas na seção anterior.

A busca por CDDs ocorreu em dois momentos. Primeiramente, foi feita uma pesquisa eletrônica no *corpus* do C-Oral por meio do site de busca em *corpora Corpus eye*⁹. Essa etapa consistiu-se em uma primeira verificação das possíveis ocorrências dos núcleos nominais sugeridos como comumente modificados por discurso direto por Pascual (2014) e pelo autor desta dissertação na tabela 1.

Para essa busca, foi digitado cada um dos 92 núcleos nominais no *Corpus eye* e selecionada a opção “C-Oral”. Isso significa que a busca é empreendida apenas no *corpus* em questão. A busca¹⁰ das ocorrências do núcleo nominal “povo”, por exemplo, tem como resultado:

The screenshot shows the Corpus Eye search interface. At the top, there is a search bar with the text "Searched for: [word='povo' %*c]" and "In corpus: POR_CORAL". Below this, it says "Found 23 results (23)" and "1 - 23 next". There are buttons for "Export All" and "Delete All". On the left side, there is a sidebar with filters: "sort" (freq, rel), "By" (Left Context, Right Context, Left Edge, Right Edge, Source (freq/rel)), "Offset" (0), and "Freq items" (100). Below the sidebar are buttons for "Refine search" and "New search". The main content area displays a list of search results, each with an "export" button and an "INFO" link. The results are snippets of text from the corpus, such as "a a questão , falando em e também falando em povo mascarado , esse povo de o Galáticos é muito palha" and "em e também falando em povo mascarado , esse povo de o Galáticos é muito palha , eu acho que es nUUU".

Figura4- Exemplo de pesquisa no C-Oral via *Corpus eye*

⁹ <http://corp.hum.sdu.dk/>

¹⁰ http://corp.hum.sdu.dk/cgi-bin/cqp.cgi?utf8=%E2%9C%93&lang=pt&corpus=POR_CORAL&search=povo&type=basic_search&case=insensitive&Action=Search&password= acessado em 11/05/2016

A figura 4 mostra um resultado de 23 ocorrências para o substantivo “povo”, o qual figuraria como núcleo nominal em um CDD. Cada um desses resultados foi lido com o intuito de detectar algum dos 4 padrões de CDD expostos na seção 3.2.

Após a sondagem de todos os núcleos nominais da tabela 1 por meio por meio do *Corpus Eye*, foi feita uma análise manual do *corpus* C-Oral. Essa análise manual consistiu na oitiva de toda a extensão do *corpus*, além da leitura da transcrição dos dados de fala. A análise manual se justifica primeiramente porque outros núcleos nominais que não os expostos na tabela 1 podem ser modificados pelo discurso direto. Além disso, a análise manual se justifica devido à complexidade e ao respeito aos dados de fala, os quais supostamente deveriam ser analisados por meio de sua escuta e não apenas por um comando digitado.

Dessa forma, foram buscadas quaisquer instâncias dos padrões formais do CDD estabelecidos em 3.2, além de quantificados e analisados discursivamente. Essa análise consistiu em buscar todas as pistas linguísticas possíveis antes da enunciação do CDD, as relações que tal CDD estabelece com outro elemento no espaço mental discursivo atualizado dos falantes, quais elos metonímicos o CDD estabelece e qual a interface entre um CDD e um discurso reportado.

4 ANÁLISE

A análise aqui apresentada tem caráter eminentemente qualitativo e objetiva apresentar, categorizar e discutir os resultados encontrados na pesquisa na internet e no *corpus* C-ORAL, ambos descritos no capítulo de metodologia deste trabalho. Essa análise é ancorada nos pressupostos teóricos apresentados no segundo capítulo.

Foram encontrados quatro padrões de CDD em Português Brasileiro, cada qual com suas características formais, funcionais e discursivas.

Primeiramente, são apresentados os CDD encontrados no *corpus* oral supracitado e na pesquisa na internet. Posteriormente, é feita uma descrição dos quatro padrões formais, com suas características morfossintáticas e suas implicações semânticas. A seguir, é feita uma análise semântico-pragmática e discursiva de alguns exemplos da pesquisa feita na internet, considerando-se diversos gêneros e plataformas multimídia de ocorrência. Após essa discussão, tem lugar uma análise da ocorrência de um CDD em fala espontânea tendo em conta toda a conversa no qual foi encontrado. Por fim, é feita uma análise dos CDDs em nível morfológico, os quais compreendem a seção de mesclagem lexical.

Esta pesquisa se vincula ao projeto “A construção discursiva da ficatividade: sociognitivismo e corpus” (ROCHA, 2012). Esse projeto visa a descrever e a analisar diversas ocorrências do fenômeno da fictividade em contextos diatopicamente similares e diafasicamente distintos, primordialmente em *corpora* orais do português brasileiro. Entretanto, a presente pesquisa discorrida nesta dissertação também faz uso de banco de dados escritos e multimodais, conforme descrito, detalhado e justificado na metodologia desta dissertação.

4.1. Os CDDs encontrados no C-Oral na internet

A partir da pesquisa empreendida no C-Oral, (cf. seção 3.3.1), foi obtido apenas o seguinte exemplo de CDD, destacado em negrito:¹¹

1. TUT [76] <e aí / de repente entra duas> gorda / que ninguém viu mais gorda / literalmente / aí ela dá **aquele abraço / xxx**¹² **ei** / **<querida>** // \$ (Áudio bfamcv30, 01:55-01:57s)¹³

O C-Oral tem, portanto, uma quantidade muito baixa de ocorrências de CDD, uma vez que tal *corpus* tem 139 textos orais em diversos contextos diferentes.

Já na pesquisa empreendida na internet, foram encontrados os seguintes exemplos de CDD, também especificados por gêneros e modalidade oral ou escrita, conforme a Tabela 2.

Tabela 2

CDDs encontrados na internet		
CDD	Gênero	Modalidade
1. Maquiagem <i>super acordei e sou linda</i>	Tutorial do youtube.	Falada
2. Maquiagem <i>nasci linda</i>	Tutorial do youtube.	Falada
3. Aliança <i>eu escolhi esperar</i>	Anúncio de venda de loja virtual.	Escrita
4. Camisa <i>verde-</i>	Anúncio de venda	Escrita

¹¹ O significado dos símbolos da transcrição bfamcv30 é explicitado na seção 4.9. Para esse exemplo é suficiente, aqui, dizer que “/” significa uma quebra não terminal de um enunciado, enquanto “//” indica uma quebra terminal do enunciado. Já o “xxx” indica o transcritor não entendeu a palavra subsequente ao “xxx”. O “\$” marca o fim de um enunciado e a tomada de turno por outro falante. (RASO e MELLO, 2012, pp.125-176).

¹² Após a escuta dos dados, verificou-se que se trata apenas do alongamento da interjeição “ei”. Consideramos esse dado como claro e defendemos que não se justifica os “xxx” da transcrição após a escuta.

<i>cheguei</i>	de loja virtual.	
5. Camisa <i>laranja</i> <i>cheguei</i>	Título de notícia.	Escrita
6. Esmalte <i>gosto de</i> <i>carinho/estou de</i> <i>tpm/ me abraça</i>	Anúncio de venda de loja virtual.	Escrita
7. Sandália e casaquinho <i>não me</i> <i>perca</i>	Anúncio de venda de loja virtual.	Escrita
8. Daniel com camisa: <i>mamãe não me</i> <i>perca na neve</i>	<i>Tweet.</i>	Escrita
9. Vestido <i>eu quero</i>	Anúncio de loja virtual.	Escrita
10. Almoço <i>já te vi</i>	Título de notícia.	Escrita
11. Promoção <i>eu quero</i> <i>minha guitarra</i>	Título de promoção vinculada em rádio e internet.	Falado/ escrita
12. Promoção <i>eu vou</i> <i>de Montana</i>	Título de promoção de concessionária.	Escrita
13. Promoção <i>eu amo</i> <i>brechó</i>	Título de promoção de loja de brechó.	Escrita
14. Promoção <i>eu vou</i> <i>cantar na marcha</i>	Título de promoção vinculada em rádio e internet.	Falada/ escrita
15. Botão <i>eu não gosto</i>	Nome de aplicativo para Facebook	Escrita
16. Projeto <i>agora eu</i> <i>fico top</i>	Inscrição em adesivo	Escrito
17. Boquinha de <i>moranguinho...assi</i>	Diálogo informal de programa sobre	Falada

<i>m, me sujei com morango, sabe?</i>	moda e culinária.	
18. Odeio gerações do tipo: <i>se eu não correr atrás de você a gente não se fala</i>	Comentário no Facebook	Escrito
19. Geração do <i>eu mereço</i>	Artigo de opinião publicado em revista digital.	Escrita
20. A turma do <i>eu me acho</i>	Artigo de opinião publicado em revista digital.	Escrita
21. Denúncias de <i>eu não dou conta do meu filho</i>	Título de reportagem na qual também é feita uma entrevista. Publicada em jornal digital.	Escrita
22. Postura de <i>eu não dou conta do meu filho</i>	Entrevista publicada em reportagem de jornal digital.	Escrita
23. Postura de <i>“eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou”</i> .	Entrevista publicada em reportagem de jornal digital	Escrita

24. Postura de <i>“eu concordo, mas não sei como fazer”</i>	Entrevista publicada em reportagem de jornal digital.	Escrita
25. Postura do <i>“mas como??”</i>	Entrevista publicada em reportagem de jornal digital.	Escrita
26. Entrem com a postura <i>de eu sou a vencedora</i>	Orientação em concurso de beleza/reportagem sobre o concurso.	Falada/escrita
27. Feliz dia do <i>eu não tenho a menor ideia de como esses 450 kg de cocaína foram parar no meu helicóptero, na minha fazenda e com meu piloto</i>	<i>Tweet</i>	Escrita
28. Olhar de <i>me leva pra casa</i>	Descrição de anúncio.	Escrita
29. Jogos com aquela cara de <i>já te vi antes</i>	Título de reportagem	Escrita
30. Paul faz show com cara de <i>já te vi</i>	Título de notícia	Escrita
31. Cabelo de <i>vem cá meu puto.</i>	Entrada lexical de dicionário informal na internet.	Escrita
32. Como você reage na hora do <i>vamo</i>	Artigo de opinião publicado em blog	Escrita

<i>ver?</i>		
33. Seleção tem problemas na hora do <i>vamo ver</i>	Título de notícia publicada em jornal digital	Escrita
34. Essa cara de <i>eu não faço ideia do que tá acontecendo aqui</i>	Comentário de foto publicada no Instagram	Escrita
35. Cara de <i>eu te disse</i>	Comentário no Flickr.r	Escrita
36. E essa cara de <i>não foi eu</i>	Comentário de foto publicada no Flickr	Escrita
37. Aperte o botão do <i>“foda-se”</i> e seja feliz	Página do Facebook	Escrita
38. Dia do <i>Fico</i>	Nome de um acontecimento	Escrita
39. Sinal de <i>“eu te amo”</i>	Nome/foto de sinal com as mãos publicado em blog	Escrita
40. Atlético mineiro aposta na turma do <i>“eu acredito”</i>	Título de notícia	Escrita
41. Cresce a turma do <i>“não vou”</i> em protesto contra Dilma	Título de notícia	Escrito
42. Maquiadoro	Nome de loja virtual	Escrito
43. Maquiamo	Página do Facebook e canal do Youtube	Escrito
44. Chocolateamo ¹⁴	Página do Facebook	Escrito

¹⁴ Ver discussão deste exemplo na seção 4.10.

4.2. Padrões formais dos CDDs encontrados

Foram encontrados quatro tipos de padrões de CDD, os quais são apresentados, categorizados e discutidos a seguir:

Padrão I: (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão II: (S)N+ PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão III: S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO

Padrão IV: NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra)

No padrão I, encaixam-se os exemplos de 01 a 16 da tabela 2. Já o padrão II se refere aos exemplos 19 a 41. O padrão III se refere aos exemplos 17 e 18. Já o padrão IV se refere aos exemplos de 42 a 44.

O SN antes do modificador presente nos padrões I, II e III pode ser formado de diversos modos. No número 2 dos exemplos abaixo, há um núcleo nominal que tem apenas um substantivo (“esmalte”), mas o exemplo 3 mostra que pode ser mais de um. Os substantivos podem aparecer com determinantes (4) ou sem determinantes (5). Os determinantes encontrados variam desde artigos definidos ou indefinidos a pronomes demonstrativos (4).

2. **Esmalte** estou de tpm
3. **Sandália** e **casaquinho** não me perca na neve
4. E **essa** cara de não fui eu?
5. Com **camisa** laranja cheguei, pai ajuda Filipe Toledo a faturar o título.

No caso do exemplo 5, o modificador de discurso direto *cheguei* modifica não apenas o nome *camisa*, mas o SN *camisa laranja*. Ou seja, o modificador de discurso direto também pode modificar adjetivos e não apenas o núcleo lexical constituído pelo substantivo.

Em relação ao padrão II, nota-se em todos os exemplos encontrados que a preposição **de** deve ser seguida imediatamente pelo discurso direto:

6. Cara de **eu te disse**

7. Hora do **vamo ver**

A função dessa preposição é intermediar a relação entre trajetor e marco, isto é, dois conteúdos conceptuais com distintos perfilamentos (cf. seção 4.5).

Além disso, a preposição **de** do padrão II não forma propriamente um SP com o discurso direto que a segue, uma vez que a oração que constitui o discurso direto é *relativamente* independente sintaticamente do SN que modifica.

A palavra *relativamente* é necessária porque, apesar de a preposição **de** não selecionar tradicionalmente uma oração como argumento, a função sintática mais próxima que o discurso direto do CDD do padrão II possui é a de adjunto adnominal do nome ou sintagma que modifica. Por essa razão, o modificador age como um adjetivo ou modificador comum agiria, mas é conceptualmente mais rico, principalmente devido a seu potencial metonímico, conforme discutido na seção 4.7. Portanto, a preposição **de** tem menos conteúdo semântico e parece mais articular dois conteúdos conceptuais diferentes entre trajetor e marco do que selecionar uma oração como argumento.

Entretanto, o fato de se afirmar que o discurso direto talvez funcione de modo semelhante a um adjetivo, válido nos três primeiros padrões, não significa que tal modificador tenha o mesmo valor semântico e discursivo, como será discutido ao longo desta análise.

Em relação ao padrão III, os anguladores (cf. seção 2.6.4) encontrados foram “assim” e “do tipo”, os quais sucedem um SN e precedem o modificador de discurso direto:

8. Boquinha de moranguinho **assim**, me sujei com morango, sabe?

9. Odeio gerações **do tipo**: se eu não correr atrás de você a gente não se fala.

O detalhamento de (8), no excerto 10, permite o entendimento da função do angulador no respectivo CDD. Em 10, tem-se parte de um diálogo entre duas

amigas. Trata-se de uma gravação de um programa do *Youtube* de uma culinária e estilista que recebe convidados para conversas acerca de algum tema sobre culinária ou moda. O diálogo é guiado pela pergunta central “Quais são os itens essenciais que você não pode deixar de levar na sua mala de verão?”. Em um determinado momento, a apresentadora do programa diz:

10. [...] Então, meu terceiro item é este batom que eu comprei na última viagem, da *Loreal*, eu gostei muito dele. Ele se chama *Aphrodite Scarlet*, número zero seis. Ele é só...bem fraquinho, (i) assim, sabe aquela **boquinha de moranguinho, (ii) assim, me sujei com morango, sabe?** Oh! Aconteceu! Ah! Tinha esse moranguinho assim...¹⁵[...]

Em 10, o CDD está sublinhado e em negrito e os anguladores estão numerados. Nesse exemplo, o modificador de discurso direto é utilizado imediatamente depois do angulador *ii* **assim**. Apenas o angulador *ii* faz parte do CDD em um sentido estrito, mas *i* é uma forma de enquadrar a informação recentemente dada, a cor fraquinho do batom, de modo mais impreciso, além de indicar que essa informação, alguma referência sobre a cor do batom, será expandida a seguir.

O verbo epistêmico “saber”, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo “sabe”, também é uma forma de anunciar a expansão e reconceptualização da informação referente à cor do batom, pois prepara o falante para a simulação mental de uma nova cena instaurada pelo CDD “boquinha de moranguinho *me sujei com morango, sabe?*”, cena essa que visa a expandir a abstração da cor do batom

O angulador *ii*, parte do CDD, permite que sua enunciadora force a reconceptualização tanto da “boquinha de moranguinho” quanto da cor suave do batom por meio de uma cena de interação. Essa cena de interação é de natureza fictiva, pois não é tomada como se ocorresse de fato, mas trata-se de um modo inusitado de reconstruir o conteúdo conceptual da cor do batom de modo mais dinâmico.

O dinamismo conceptual do CDD em 10 se verifica por causa do humor causado pela sua enunciação e pela criatividade requerida para sua conceptualização. As duas participantes do vídeo riem após a enunciação do CDD e

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=SmfwUmybuWs>, 3:18 min a 3:40 min.

esse riso pode ter ocorrido devido à quebra de expectativas das participantes em conceptualizar a cor do batom por meio de uma cena de interação fictiva.

Essa cena de interação fictiva está baseada na suposta pergunta fictiva, não explícita no modificador de discurso direto, a respeito da cor do batom utilizado pelo falante fictivo. Nesse caso, alguém teria se dirigido a esse falante fictivo, o qual responde: “Me sujei com morango, sabe?”. Posteriormente, a apresentadora do programa complementa, também em outra interação fictiva relacionada ao CDD do exemplo 10: “Oh! Aconteceu! Tinha esse moranguinho assim [...]”.

Dessa forma, a participante e apresentadora do programa faz uma espécie de animação do discurso do falante fictivo. Essa animação significa que a culinária é apenas a responsável pelo ato físico de enunciação do modificador de discurso direto “me sujei com morango” e da interação fictiva logo depois: “Oh! Aconteceu! Tinha esse moranguinho assim”. O autor desse discurso é um enunciador fictivo licenciado pelo *frame* de conversação e não há responsável por esse enunciado. Trata-se apenas da capacidade do falante, neste caso a enunciatória culinária, de basear-se em suas interações cotidianas e sua capacidade de transportar essas práticas para a linguagem.

A formação nominal do padrão IV será discutida na seção 4.10, dedicada apenas à mesclagem lexical.

4.2.1. Tempo e aspecto verbal nos CDD

Nos quatro padrões, foram encontrados os seguintes tempos e modos verbais:

- a) Presente do indicativo : esmalte **estou** de TPM; vestido eu **quero**; promoção eu **amo** brechó, geração do eu **mereço**, geração do eu me **acho**; postura do eu **concordo**, mas não **sei** o que fazer; chocolateamo, entre outros.

- b) Pretérito perfeito do indicativo: Maquiagem eu **nasci** linda, maquiagem super **acordei** e sou linda, almoço já te **vi** antes, Paul faz show com cara de já te **vi**, Murilo com cara de eu te **disse**, entre outros.
- c) Imperativo negativo: Sandália e casaquinho **não me perca** na neve.
- d) Imperativo afirmativo: Olhar de **me leva** pra casa.

Já nos três exemplos encontrados de CDDs em nível da palavra estrutural, foi encontrado apenas o presente do indicativo: maqui**adoro**, maqui**amo**, chocolate**amo**.

Em relação à interação entre tempo e aspecto verbal, foram encontrados verbos em perfectivo passado, em perfectivo presente e imperfectivo presente, mas nenhum em imperfectivo passado, segundo a terminologia de Langacker (cf. seção 2.6.2.). :

11. Maquiagem super **acordei** e **sou** linda (PERFECTIVO PASSADO e IMPERFECTIVO PRESENTE)
12. Esmalte **gosto** de carinho (IMPERFECTIVO PRESENTE)
13. Almoço já te **vi** antes (PERFECTIVO PASSADO)
14. A turma do eu me **acho** (IMPERFECTIVO PRESENTE)
15. Promoção eu **vou** de Montana (PERFECTIVO PRESENTE)

Em 11, a forma verbal “acordei” é exemplo de verbo perfectivo passado. Isso significa que o conceptualizador consegue processar o evento de acordar como anterior ao evento de fala e que tal ocorrência teve um começo e um fim. Portanto, esses verbos são heterogêneos na conceptualização de seu conteúdo processual, pois há mudança de um acontecimento do começo a seu fim. A mesma análise é válida para o verbo “vi”, no exemplo 13.

Já o verbo “sou” do exemplo 11; o verbo “gosto”, do 12; e o verbo “acho”, do exemplo 14 são verbos no imperfectivo presente, uma vez que são homogêneos em sua conceptualização processual, pois não há delimitação de início ou fim da situação evocada por eles. Em outras palavras, um conceptualizador não consegue

abstrair o início e o fim do processo de “ser” e tampouco de “gostar” ou “achar”. Nos três verbos recém mencionados, o evento de fala coincide com o presente temporal.

Já no exemplo 15, tem-se um exemplo do verbo “ir” no perfectivo presente, isto é, “vou”. Isso significa que tal verbo perfila um evento delimitado temporalmente e, portanto, heterogêneo em seu início e fim, ainda que esse verbo também guarde um sentido não apenas de presente, mas também de futuro.

Não foi encontrado nenhum modificador com o tempo/aspecto de imperfectivo passado e no tempo do pretérito imperfeito. Supondo o caso dos CDD dos exemplos 10 a 15, a mudança para o pretérito imperfeito do indicativo acarretaria mudanças semânticas importantes, além das temporais. Por exemplo:

16. Maquiagem super *acordava* e era linda
17. Esmalte *gostava* de carinho
18. Almoço já te *via* antes
19. A turma do eu me *achava*
20. Promoção eu *ia* de Montana

Nenhum dos processos perfilados por todos os verbos de 16 a 20 são delimitados temporalmente, isto é, não é possível ver mudança de uma situação, seu início e seu fim.

No exemplo 16, a mudança aspecto-temporal operada transforma o discurso direto de “acordei” e “sou” em “acordava” e “era”, respectivamente. Em 16, a impressão mais fortemente abstraída é de que a suposta enunciadora fictiva já não é linda ou então não usa tal maquiagem. Já em 17, o sentido é de que o enunciador (a) já não gosta de carinho.

O sentido de 18 não pode ser o mesmo do que em 13. Em 13, o sentido mais provável é de um almoço repetitivo no cardápio do enunciador fictivo, ou então um almoço feito com comida velha de dias anteriores. Já em 18, o verbo “ir” no pretérito imperfeito do indicativo, e no imperfectivo passado, impede que o conceptualizador delimite o escopo temporal do verbo “ir”. Assim, não há mudança da situação de ver a comida em um dia anterior e encontrá-la novamente nos dias seguintes, fato que compromete o humor desse CDD. Ademais, a questão da ambiguidade dêitica também é válida para tal composto, uma vez que “via” é comum tanto a primeira quanto a terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo.

Em 19, o significado que mais é saliente é o de uma geração que já não apresenta tamanho ego, isto é, “não se acha mais”, exatamente o oposto de 14. Por fim, o sentido de 10 é mais próximo de alguém que vai ganhar um carro que não a própria Montana, visto que o enunciador fictivo “ia” com tal carro anteriormente. Em 15, o presente do indicativo, no perfectivo presente, tem uma aceção de futuro temporal. Em 20, a aceção é de uma cena que remete a um passado não delimitado temporalmente por causa de seu aspecto imperfectivo.

4.2.3. Extensão dos modificadores e marcas do discurso direto

Nos padrões I e II, a extensão dos modificadores encontrados é variável. Há desde modificadores com apenas duas palavras e formados por SV+ complemento (21) a verdadeiros monólogos constituídos de períodos compostos por subordinação e coordenação com muitas orações (22 e 23):

21. Esmalte *me abraça*.

22. Postura de *eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou*.

23. Feliz dia do *eu não tenho a menor ideia de como esses 450 kg de cocaína foram parar no meu helicóptero, na minha fazenda e com meu piloto*.

Em todos os exemplos encontrados dos padrões de I a IV, o discurso direto, como unidade constituinte, pode manifestar-se de diversas formas. Em 24, isso ocorre pela desinência verbal em primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo e do presente do indicativo:

24. Maquiagem *super acordei e sou linda*.

Já em 25 e 26, a marca do discurso direto se faz pelo pretérito perfeito do indicativo. O clítico acusativo “te” em 26 também permite inferir seu enunciador em primeira pessoa, além é claro da desinência número-pessoal –i:

25. Maquiagem *eu nasci linda*.
 26. Almoço já **te vi** antes.

No caso do exemplo 27, o discurso direto pode ser inferido pela interjeição e cumprimento utilizado em uma interação entre duas pessoas.

27. Abraço **ei querida** (Áudio bfamcv30, 01:55-01:57 seg).

Em um CDD, os modificadores podem ter muitas palavras. Por exemplo:

28. Postura *de eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou*.
 29. Feliz dia do *eu não tenho a menor ideia de como esses 450 kg de cocaína foram parar no meu helicóptero, na minha fazenda e com meu piloto*.

Talmy (2007) afirma que existe uma maior probabilidade de um conceito entrincheirar-se e ser mais facilmente conceptualizado por um falante se em sua comunidade de falantes existe um morfema mais específico para esse conceito, conforme se discute na seção 2.10. Por essa razão, os CDDs extensos talvez não sejam tão frequentes em termos de instanciação, pois parecem pretender dar conta de expressar uma ideia complexa, nova e detalhada demais para ocorrência na fala.

Ainda que a lexicalização e compartilhamento linguístico em uma comunidade de 28 e 29 sejam pouco prováveis na fala devido a sua grande extensão, o fato de o modificador ser muito extenso não impede sua conceptualização e tampouco seu uso na escrita, visto que se trata de algo já disponível no *frame* de conversação, ou seja, o discurso.

Isso sugere que não é apenas uma questão de um conceito estar presente ou não no léxico, ou a quantidade de palavras que um morfema possui para representá-lo que determina a facilidade ou não da conceptualização. Além disso, não há uma relação *uma palavra um conceito*, pois o que é evocado pelo CDD não é apenas um conceito, mas toda a cena, ou várias, para conceptualização.

Uma hipótese é de que, quando estruturado pelo *frame* de conversação aos moldes de uma interação fictiva, a conceptualização do modificador é facilitada, visto

que o *frame* de conversação é algo absolutamente entrincheirado na mente dos falantes, em geral. Ou seja, ainda que seja extenso como em 28 e 29, a conceptualização do modificador é viável, pois o cenário construído a partir do modificador é uma cena mais dinâmica e baseada nas experiências de interação do falante ao longo de sua vida.

A conceptualização do CDD requisita uma explicitação de como a fictividade se manifesta em tais compostos. Por essa razão, a fictividade e a construção do sentido nessa construção são discutidos nas seções a seguir.

4.3. A fictividade em um CDD

Em um CDD, no sentido estrito, o que é fictivo é o modificador de discurso direto, embora construcionalmente todo o composto possa ser considerado uma expressão fictiva. O modificador deve ser entendido como fictivo porque o discurso direto mimetiza uma interação sem que de fato tenha ocorrido uma interação. Além disso, o discurso direto em questão advém de um tipo de enunciador fictivo. Este último pode ser reconhecido pela marca de primeira pessoa que recebe no discurso direto ou elementos dêiticos que permitam reconhecê-lo.

Contudo, é preciso destacar que a integração do modificador de discurso direto com o elemento modificado, estabelecendo-se aí um todo construcional, é responsável por formar o composto lexical de natureza fictiva. O discurso direto se torna modificador apenas no domínio integrado com o elemento modificado. Além disso, o modificador deve ser entendido como fictivo porque está deslocado de seu contexto de enunciação previsto pelo *frame* de conversação: não é um ato de fala em termos tradicionais, apenas um enunciado convencionalizado socioculturalmente, tão convencionalizado que pode figurar como item lexical formador de CDD. Ou seja, existe uma sanção cultural para o uso do CDD.

Considere-se o anúncio abaixo, extraído de uma loja de produtos virtuais:

30. Sandália e casaquinho *não me perca na neve*

Figura5¹⁶: Anúncio de produto: Casaquinho *não me perca na neve*

Em 30, O modificador “não me perca na neve” não possui uma força ilocutiva que poderia ser-lhe usualmente atribuída, tal como uma ordem ou um alerta a algum outro falante em uma interação hipotética. Não há interlocutor diretamente previsto para o modificador de um CDD. Não há qualquer interação estritamente esperada após a enunciação do modificador caso fosse tomado como ordem ou alerta. Por essa razão, esse discurso direto é fictivo.

Os nomes “sandália e casaquinho” não são fictivos por si, pois são concebidos como reais e palpáveis. Naturalmente, o conteúdo conceptual desses nomes é mesclado conceptualmente com a cena instanciada pelo modificador, mas a fictividade do CDD não se constrói por esses nomes, mas sim pela integração com o modificador de discurso direto.

¹⁶ <https://www.enjoei.com.br/categoria/mocas-roupas-casaquinhos> acessado em 14/05/2015, 01 :56 A.M.

4.4. Conceptualização e simulação mental

A cena evocada por um modificador isolado não é a mesma do que quando o modificador está associado ao nome, isto é, em forma de CDD.

Em termos de simulação mental, isso significa que a enunciação do modificador isolado pode ser muito diferente da simulação mental provocada pelo composto. Ademais, a natureza semântica do nome em questão pode provocar uma simulação também distinta. Por exemplo:

31. Não me perca na neve
32. Sandália *não me perca na neve*
33. Casaquinho *não me perca na neve*

Desconsiderando o contexto, uma provável simulação mental da cena evocada por 31 é a de um ato de fala usualmente associado a uma ordem ou alerta. As informações advindas dessa conceptualização do modificador isolado são socioculturalmente compartilhadas. Dessa forma, os seguintes elementos associados à cena podem ser recuperados:

- a) Uma interação hipotética entre participantes na cena em questão;
- b) O conhecimento enciclopédico do conceptualizador acerca da cena em questão: cor, textura, temperatura da neve, perigos à neve associados, dificuldade de locomoção em tal terreno etc.

Esse conhecimento enciclopédico evocado por 31 será utilizado para recriar as cenas evocadas por 32 e 33.

O sentido do nome influencia na conceptualização da cena do modificador de um CDD. Em 32, por exemplo, uma provável simulação mental do conceptualizador é de uma sandália que, de tão segura, dificilmente seria perdida na neve. Outra simulação possível é a de uma cor muito viva e que destoe do branco da neve.

Em 33, dificilmente a simulação mental será a de um casaquinho muito seguro e que, por essa razão, não seria perdido na neve. Isso se deve ao fato de que o conhecimento enciclopédico do conceptualizador permite que se entenda que

é muito mais provável perder uma sandália do que um casaco ao locomover-se no ambiente em questão. Dessa forma, a simulação mental mais provável em 33 é a de um casaco com uma cor muito extravagante.

Quando juntos ao modificador de discurso direto, a conceptualização e consequente simulação mental de “sandália e casaquinho não me perca na neve” é convergente. Isso se deve ao fato de o conceptualizador perceber/conceber que ambos os produtos possuem uma cor extravagante no anúncio. Dessa forma, o sentido de “sandália” e “casaquinho” já não divergem tanto como o suposto por esta análise no caso de tais expressões analisadas isoladamente e sem o estímulo visual fornecido pelo anúncio.

4.5. Focalização: trajetor, marco e fenômeno da atenção

Em um CDD, nome e modificador têm saliências cognitivas e focalização diferentes. Considere-se o exemplo:

34. Ele tem uma **camisa extravagante**.

No SN “camisa extravagante”, o nome “camisa” é perfilado e recebe proeminência focal primária. O fato de receber proeminência focal primária significa que o conceptualizador dirige maior atenção a este conteúdo conceptual e, conseqüentemente, a essa porção linguística. Como o nome “camisa” é perfilado em foco, este é chamado de trajetor.

Já “extravagante”, por sua vez, recebe proeminência focal secundária e funciona como marco. Isso significa que, em um SN formado por substantivo + adjetivo, existe um item cognitivamente mais saliente. Usualmente, o nome tem o sentido elaborado e, portanto, corresponde ao item com proeminência focal primária.

Em um CDD, entretanto, a presente análise defende que a relação entre trajetor e marco pode ser revista. Isso se deve ao fato de que o lugar geralmente

ocupado por um adjetivo em um SN, no caso do objeto em análise, é um modificador de discurso direto, o qual tem uma configuração conceptual mais complexa que um modificador canônico. Considere-se o título da notícia abaixo, extraída de um site de notícias de esporte.¹⁷

13/03/2015 18h00 - Atualizado em 13/03/2015 18h00

Com camisa "laranja cheguei", pai ajuda Filipe Toledo a faturar título

Surfista tem tática para reconhecer parente no meio da multidão. Em Gold Coast, jovem de 19 anos celebrou a conquista da etapa de abertura da temporada

Por Felipe Siqueira
Diretor de Gold Coast, Austrália

FACEBOOK TWITTER g+ p

RESULTADOS FINAIS DA ETAPA DE GOLD COAST

O que é o que é um pontinho laranja fluorescente em pleno palanque da Liga Mundial de Surfe na praia de Snapper Rocks? É Ricardo Toledo, pai de **Filipe Toledo**, grande vencedor da etapa de Gold Coast, Austrália, após uma série de exibições exuberantes, com direito a vários aéreos e uma nota 10 na final contra o surfista da casa Julian Wilson. **Confira como foi a conquista do brasileiro.**

Figura6- Título e notícia com CDD.

35. Com **camisa laranja cheguei**, pai ajuda Filipe Toledo a faturar o título.

Em 35, o modificador “cheguei”, importado do *frame* de conversação, elabora o sentido da cor “laranja”, adjetivo esse que modifica o nome “camisa”. O discurso direto, o qual é manifesto pelo verbo em primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo “cheguei”, permite que um falante conceptualize a camisa cor “laranja” como de um tom extravagante e muito observável visualmente.

Essa extravagância da cor é co-construída pela carga semântica do verbo em primeira pessoa. Por simulação mental, o conceptualizador constrói uma cena prototipicamente associada a alguém que chega a algum lugar e chama para si a

¹⁷ <http://globoesporte.globo.com/radicais/surfe/mundial-de-surfe/noticia/2015/03/com-camisa-laranja-cheguei-pai-ajuda-filipe-toledo-faturar-titulo.html>

atenção. Dessa forma, o conceptualizador é capaz de depreender, por meio de “cheguei”, tomado isoladamente, que há:

- a) Uma pessoa que chega a algum lugar chamando para si a atenção;
- b) Os interlocutores da pessoa que chega;
- c) Um lugar qualquer no qual a pessoa chega.

As informações a, b e c são evocadas exclusivamente pelo modificador. Assim, essas informações enriquecem o elemento modificado “laranja”, o qual já não pode ser considerado uma cor usual apenas, mas um tom ou uma tonalidade ditado pela cena evocada discursivamente pelo modificador de discurso direto.

O fato de algumas cores serem perceptualmente mais salientes que outras sugere ao conceptualizador a possibilidade de se estabelecer uma relação metafórica entre domínios mentais distintos, segundo a qual cor pode ser tomada como discurso ou fala. É comum que se depare com expressões do tipo “essa é uma cor que grita”, “vermelho berrante” etc. Estabelece-se, então, um processo de personificação da cor, que fictivamente produziria o enunciado “cheguei”, importado do *frame* de conversação.

Já no primeiro parágrafo do texto da notícia (Fig.6), o redator confirma as expectativas do leitor em relação à cor forte da camisa:

36. “O que é o que é um pontinho laranja fluorescente em pleno palanque da Liga Mundial de Surfe na praia de Snapper Rocks?”

Posteriormente, o próprio surfista é entrevistado e explica como era a camisa de seu pai (Fig.7), ao passo que o próprio pai fala sobre sua estratégia de usar “camisas bem cheguei” (Fig.8):

- Meu pai estava com uma camiseta fosforescente, que eu conseguia vê-lo de longe, de qualquer lugar – destacou Filipinho.



Figura7¹⁸- Camisa fosforescente .

- A estratégia era essa. Estar com uma camiseta bem "cheguei" para que ele pudesse me enxergar no meio da multidão e para que eu pudesse, em alguns momentos, passar informações importantes, como posicionamento, hora de remar mais para o fundo. A gente sempre trabalhou assim. E em

Figura8¹⁹- Camiseta bem "cheguei"

O fato de "camisa laranja-cheguei" ser conceitualmente mais proeminente do que "camisa extravagante" talvez justifique a opção do redator por priorizar o uso de CDD em vez de um modificador comum. Dessa forma, o redator pode induzir o leitor a estabelecer mais inferências, já a partir do título; e o fato de haver um efeito leve de humor pela criatividade e inesperada relação entre domínios muito distintos de tal expressão fictiva talvez torne a notícia mais interessante para ser lida. Há que destacar, nesse sentido, um importante atributo da fala, a qual faz valer a expressiva diferença entre "camisa laranja-cheguei" e "camisa extravagante": vivacidade e dinamicidade. Em "camisa laranja-cheguei", a cor laranja fala fictivamente,

¹⁸ Ver 4.

¹⁹ Ver 4.

acionando uma espécie de domínio conceptualizado como virtual (uma cor “diz que chegou”) para que se obtenha acesso ao domínio conceptualizado como real (“cor perceptualmente forte”).

Por essas razões, o item cognitivamente mais saliente de um CDD pode ser considerado o modificador, sendo possível categorizá-lo como trajetor, em vez de marco. Já o marco é o próprio nome que tem o sentido elaborado (no caso, “camisa laranja”), exatamente o oposto do que ocorre em 34, isto é, “camisa extravagante”.

A noção de trajetor e marco se relaciona a de figura e fundo. A diferença entre figura-fundo e trajetor-marco concerne à necessidade linguística requisitada pelo conceito de trajetor e marco. O conceito de figura-fundo é mais esquemático do que trajetor-marco, contemplando mais o plano conceptual, não necessariamente linguístico.

Desse modo, no plano conceptual, o fundo seria o nome, já a figura seria o modificador representado pelo discurso direto. No plano linguístico, o fundo se chama marco e é o nome do SN do CDD. Já o trajetor é o próprio modificador.

Conquanto o modificador seja mais saliente, isso não significa que a conceptualização do composto ocorra de forma isolada, isto é, o CDD não é entendido como uma estrutura bipartida pelo conceptualizador. Dividi-lo em termos de trajetor e marco é apenas uma forma de ilustrar como o modificador em forma de discurso direto é mais rico conceptualmente do que um modificador comum e até mesmo que o próprio nome que modifica.

4.6. Atenção e léxico

As considerações de Talmy (cf. seção 2.10) acerca do fenômeno da atenção permitem reflexões sobre a formação do conteúdo conceptual de um CDD em contraponto com o de um modificador comum.

Considere-se o CDD *maquiagem super acordei e sou linda*²⁰, o qual foi retirado de um vídeo tutorial do *Youtube*, dirigido a um público majoritariamente feminino.

A partir desse CDD, o conceptualizador tem acesso mental a diferentes cenas e simulações corporificadas. Desse modo, por meio do composto “maquiagem super acordei e sou linda”, o conceptualizador remete a:

- I. Uma cena de cuidados de beleza;
- II. Uma cena de alguém acordando pela manhã;
- III. Aos participantes e elementos dessas cenas, tal como o maquiador, o maquiado, ou do próprio conceptualizador realizando essa tarefa. Também pode ser simulado mentalmente o lugar no qual usualmente alguém se maquia, como na frente de um espelho. Além disso, o conceptualizador pode imaginar uma pessoa que desperta, o local no qual a mesma se desperta, além de sua provável aparência física despenteada e com cara de sono do participante da cena simulada;
- IV. Uma maquiagem levíssima;
- V. Vários cosméticos de cores suaves e produtos utilizados para maquiagem.

As informações de I a V dependem do conhecimento enciclopédico do falante e estão ordenadas do modo mais esquemático para o mais específico. Do lado mais esquemático, correspondente a I, há uma cena evocada pelo CDD em questão isto é, o *frame* de alguém passando maquiagem. Em II, há um *frame* de alguém despertando-se pela manhã.

A cena pode então ser especificada, ou seja, detalhada pelo conhecimento de mundo do conceptualizador, tal como os participantes de cada cena, o tipo de maquiagem em questão, a cor da maquiagem e o lugar no qual esses eventos usualmente acontecem.

O conceptualizador não focaliza todos os elementos da cena ao mesmo tempo. Isso significa que, da mesma forma que existe saliência cognitiva entre dois

²⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=wiSke5GrQ7Q>

conceitos diferentes, como da relação entre trajetor e marco, também há saliência cognitiva em relação ao conteúdo de cada cena em questão.

Por essa razão, o conceptualizador pode focar sua atenção em pontos mais relevantes da cena. Considere-se a cena instanciada pelo nome “maquiagem”, por exemplo. Nessa cena, o indivíduo que se maquia e também o que ele passa na pele são mais relevantes cognitivamente do que a roupa que ele esteja utilizando, ou ainda a cor do banheiro ou quarto no qual isso possa ocorrer.

Da mesma forma, o modificador que funciona como trajetor “super acordei e sou linda” estrutura uma cena com itens cognitivamente mais salientes do que outros. Nesse caso, um sujeito hipotético pode ser simulado mentalmente pelo conceptualizador, o qual foca sua atenção no participante dessa cena em vez de focá-la no lugar da cena em questão, como o quarto ou cama nos quais alguém acorda. Isso significa que o local e outros itens da cena estão em plano de fundo e que esses elementos compõem a conceptualização. Entretanto, o foco de atenção do conceptualizador não é nesses elementos em plano de fundo, pois tais itens não são requisitados pelo contexto e a cognição linguística do ouvinte desse CDD não os seleciona.

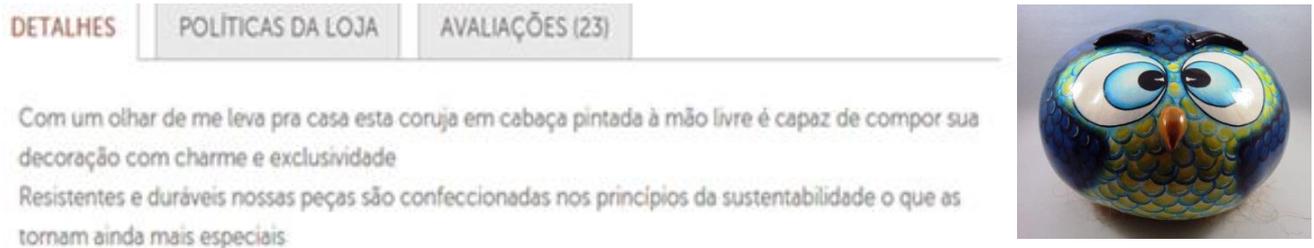
Além disso, o discurso direto “acordei e sou linda”, em primeira pessoa, favorece que o conceptualizador imagine a si mesmo fazendo a própria maquiagem. O verbo “acordei”, na primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, marca um fato como já localizado no tempo passado. Ele se integra a forma verbal “sou”, no presente do indicativo, que sugere um efeito discursivo de imediatismo após o fato de ter acordado, isto é, um sujeito hipotético já tem a condição de ser lindo após ter acordado, sem que pareça ter sido maquiado.

Apesar de Talmy (2007, cf. seção 2.10) afirmar que não há apenas uma representação monomorfêmica para um conceito específico, o presente trabalho defende que o uso de um CDD é uma forma diferenciada de usar a linguagem e que os conceitos expressos por essa categoria de interação fictiva talvez não possam ser encontrados no léxico de outra forma.

Inconscientemente, o falante pode focar sua atenção na quebra de expectativa promovida por esse modo não usual de construir um nome. Dessa

forma, o falante traz para o nome em questão, neste caso “maquiagem”, todas as informações da cena de interação fictiva instanciada por “super acordei e sou linda”. Essa escolha lexical é a responsável por deixar o tutorial com um nome diferenciado em meio a tantos outros tutoriais na internet.

Considere-se o exemplo abaixo, retirado de um anúncio²¹ de uma loja online de artesanato:



DETALHES | POLÍTICAS DA LOJA | AVALIAÇÕES (23)

Com um olhar de me leva pra casa esta coruja em cabaça pintada à mão livre é capaz de compor sua decoração com charme e exclusividade
Resistentes e duráveis nossas peças são confeccionadas nos princípios da sustentabilidade o que as tornam ainda mais especiais

Figura9- Anúncio: olhar de *me leva pra casa*

A partir do anúncio anterior, tem-se o seguinte CDD, em negrito:

37. Com um **olhar de me leva pra casa** esta coruja em cabaça pintada à mão livre é capaz de compor sua decoração com charme e exclusividade.

O modificador “me leva pra casa” é um enunciado cuja forma verbal “leva” está no imperativo afirmativo e cuja força ilocucionária prototípica seria de uma ordem ou pedido. Esse pedido evoca uma cena com três elementos básicos:

- a) Quem pede.
- b) A quem se pede.
- c) O pedido.

Neste caso, **a** é o olhar da coruja, pois, nominalizado pelo artigo indefinido “um”, esse olhar pode ser entendido como quem pede. Já **b** é o comprador de tal produto na internet e para quem está dirigido o anúncio. O item **c**, por sua vez, é o pedido feito pelo olhar da coruja. Por meio da metonímia OLHAR POR QUEM OLHA, o olhar permite acesso mental à coruja e sua súplica fictiva para ser levada para casa do leitor do anúncio.

²¹ <https://br.pinterest.com/pin/568649890428846193/> acessado em 22/04/2016 (formatação adaptada)

Todas essas expectativas e inferências acerca do modificador transformam-no em um dinâmico cenário de conceptualização que pode ser mais convincente para um comprador do produto do que apenas um modificador usual. Os CDDs também parecem resgatar o poder retórico da interação fictiva como um todo, o que dá ao léxico força de argumentação por si mesmo. Consequentemente, “olhar de *me leva pra casa*” tem mais força argumentativa lexical do que “olhar de pedinte”, por exemplo.

Assim como a metonímia permite identificar quem olha pelo seu olhar, esse fenômeno cognitivo fornece várias outras pistas acerca da construção de sentido do CDD. Por essa razão, o papel da metonímia é discutido a seguir.

4.7. Metonímia e CDD

Em linhas gerais, o papel da metonímia na conceptualização de um CDD diz respeito à habilidade cognitiva do conceptualizador de construir mentalmente várias cenas, inferir e interligar seus participantes.

Cada cena possui um escopo, isto é, um conteúdo semântico que contempla todos os participantes, enunciados e expectativas requisitados para conceptualizá-la. Esses últimos são os elementos da cena. Todos esses elementos são interligados, pois estão dentro da mesma cena, a qual possui elementos pertencentes a outras cenas até o escopo máximo dessa cena. Dessa forma, é possível entender toda a cena por meio de um de seus elementos.

Considere-se o exemplo abaixo, extraído de um anúncio de venda na internet, referente ao CDD *Aliança eu escolhi esperar*. Esse anúncio é sucedido de um comunicado, também reproduzido a seguir:



Figura10- Anúncio: Aliança *eu escolhi esperar*²²

“COMUNICADO

Devido a grande procura das Alianças em nossa Loja Virtual segue um esclarecimento.

As alianças não estão disponíveis para aquisição pela internet:

Nosso desejo é que os ANÉIS se tornem símbolo de um COMPROMISSO e não apenas um acessório no corpo. Por se tratar de uma Campanha TODOS os outros produtos disponíveis na Loja virtual são materiais promocionais de divulgação e publicidade.

As ALIANÇAS estão disponíveis apenas para aqueles que PARTICIPAM de alguma ministração com o "Eu Escolhi Esperar". Afim de que as pessoas compreendam o sentido do seu uso.

Todos os seminários ao final fazemos uma ALIANÇA DE COMPROMISSO e todos que desejarem podem ao final comprar **APENAS** 01 ALIANÇA.

ALÉM DISTO temos problemas em relação ao tamanho das alianças. Muitas vezes as medidas que as pessoas nos informam não estão de acordo com a medida do nosso fornecedor e isso provocaria um grande número de reclamações e devoluções, gerando muitos transtornos para ambos. Contamos com a sua compreensão, e te esperamos em um dos nossos seminários.

Acompanhe nossa Agenda: www.euescolhiesperar.com/agenda
Coordenação.”

A partir desse anúncio, tem-se o seguinte CDD:

38. Aliança *eu escolhi esperar*

²² Disponível em: <http://www.lojaeuescolhiesperar.com/alianca>

Neste CDD, o modificador “eu escolhi esperar”, juntamente com o nome “aliança” evocam diversas cenas a eles associados metonimicamente. Em linhas gerais, a interpretação desse CDD, como um todo holístico ou como um item lexical, diz respeito às pessoas que optam por ter relações sexuais apenas depois do casamento e, portanto, escolhem esperar o matrimônio para ter essa experiência.

Por meio do nome “aliança”, o conceptualizador consegue abstrair não apenas o objeto físico em si, mas também a cena de um casamento ou compromisso amoroso, tal como um noivado, na qual o anel geralmente é compartilhado entre os nubentes. Apesar de também ser possível o entendimento de um noivado por esse CDD, essa análise vai utilizar apenas a abstração de um casamento como base, visto que os noivos praticantes da ideologia “eu escolhi esperar”, discutida a seguir, devem ter sua primeira experiência sexual apenas depois do casamento e não apenas de um compromisso amoroso simbólico como um noivado. Por essa razão, a metonímia neste caso é a de ALIANÇA PELA CENA DE CASAMENTO.

Na cena de casamento, por exemplo, o conceptualizador pode abstrair de “eu escolhi esperar” os participantes do evento, isto é, os hipotéticos nubentes que optam por esperar para concretizar o ato sexual apenas depois do casamento e, por essa razão, “esperam”.

Conforme o comunicado, a aliança em questão só é vendida aos praticantes de um seminário. Este seminário se chama “Eu escolhi esperar” e diz respeito ao principal credo de seus praticantes, isto é, o de que é possível esperar o casamento para ter a primeira relação sexual. Desse modo, o nome do seminário é também o principal enunciado de sua ideologia. Por essa razão, tem-se a metonímia ENUNCIADO DO SEMINÁRIO PELA IDEOLOGIA DO SEMINÁRIO. Essa metonímia, por sua vez, encadeia-se com a de IDEOLOGIA PELOS PRATICANTES DESSA IDEOLOGIA, pois quem possui a aliança é também um praticante dessa ideologia. Como o nome do seminário é uma forma de eufemismo da condição de virgindade, tem-se também a metonímia NOME DO SEMINÁRIO PELA CONDIÇÃO DE ESTAR VIRGEM.

Além das supracitadas metonímias, o conceptualizador pode inferir a partir do CDD *Aliança eu escolhi esperar*.

- I) Uma cena de intimidade de algum casal hipotético.
- II) Uma cena de costumes de religiões ortodoxas, como castidade requisitada antes do casamento.

O conjunto das metonímias supracitadas e as cenas de I a II acima formam a matriz dominial do composto, isto é, o conjunto de domínios cognitivos requisitados para sua conceptualização.

A partir do cenário de intimidade de algum casal hipotético, o modificador “eu escolhi esperar” permite que o conceptualizador infira que o que é mais saliente neste cenário é o fato de o casal ter relações sexuais. A partir dessa inferência, o conceptualizador pode entender uma série de costumes à cena associados. Primeiramente, o conceptualizador pode pressupor que seja necessário vincular-se à instituição do matrimônio para formar um casal, ou ter a intimidade e liberdade sexual conferida socialmente àqueles que se unem institucionalmente pelo matrimônio.

O conhecimento enciclopédico do conceptualizador permite que ele abstraia possíveis motivações para a postura de não ter relações sexuais antes do casamento. Como essa prática é usual ao dogma de algumas instituições religiosas, o conceptualizador pode entender que quem possui um anel como o do anúncio também tem chances de possuir alguma religião com essa prática. Desse modo, o ouvinte ou leitor pode entender que o comprador ou usuário de tal anel pode ser membro de algum grupo específico na sociedade, isto é, que possua alguma religião que cerceie suas liberdades individuais ou influencie em suas escolhas pessoais de alguma forma.

Todos os cenários detalhados anteriormente se ligam à cena de estar virgem, afinal, um usuário de um anel com o modificador “eu escolhi esperar” supostamente teria essa condição e ela pode ser naturalmente inferida pelo CDD *aliança* “*eu escolhi esperar*”. Além disso, existe um ponto fundamental relativo ao entendimento do verbo “esperar” como uma norma de conduta a ser evitada devido a sua destransitivização, fato que é discutido na seção 4.8.

Além de todas essas questões supracitadas, existe outra em relação à função comercial de tal aliança, uma vez que o anel é apenas um item entre pulseiras,

camisetas, livros e adesivos com o mesmo modificador de discurso direto, isto é, “eu escolhi esperar”. Ainda que todos esses itens façam menção ao casamento, uma vez que há adesivos com imagens e livros com capas que fazem essa referência, a aliança é o item que tem maior potencial metonímico para evocar todo o cenário associado ao casamento. Isso se deve ao fato de o anel ser um item mais presente em rituais de matrimônio, além de estar convencionalizado socioculturalmente que a aliança ou anel no dedo possa significar, metonimicamente, um compromisso com alguém ou algo.

4.8. Mesclagem conceptual

A conceptualização de um CDD também pode ser visualizada na representação de espaços mentais baseada na teoria de Fauconnier e Turner (2002). Essa representação tem o intuito de mostrar como os conceitos advindos de diferentes espaços mentais podem interagir na mente do conceptualizador a fim de integrar-se em uma nova estrutura conceptual denominada mescla.

A representação no plano dos espaços mentais também tem a finalidade de permitir a visualização da possível interconexão entre os *frames* e espaços mentais e de demonstrar de que possível forma eles são estruturados por outros esquemas de conhecimento compartilhado mais superordenados, como o espaço genérico. Além disso, é possível visualizar qual o conhecimento enciclopédico requisitado por um conceptualizador que contemple uma interpretação conveniente à complexidade conceptual e discursiva de um CDD. Por essa razão, a leitura dessa representação gráfica é uma das formas de se tentar entender o composto.

Considere-se o CDD discutido na seção anterior (38), “Aliança *eu escolhi esperar*”, cuja representação é feita na Fig.11, na página a seguir.

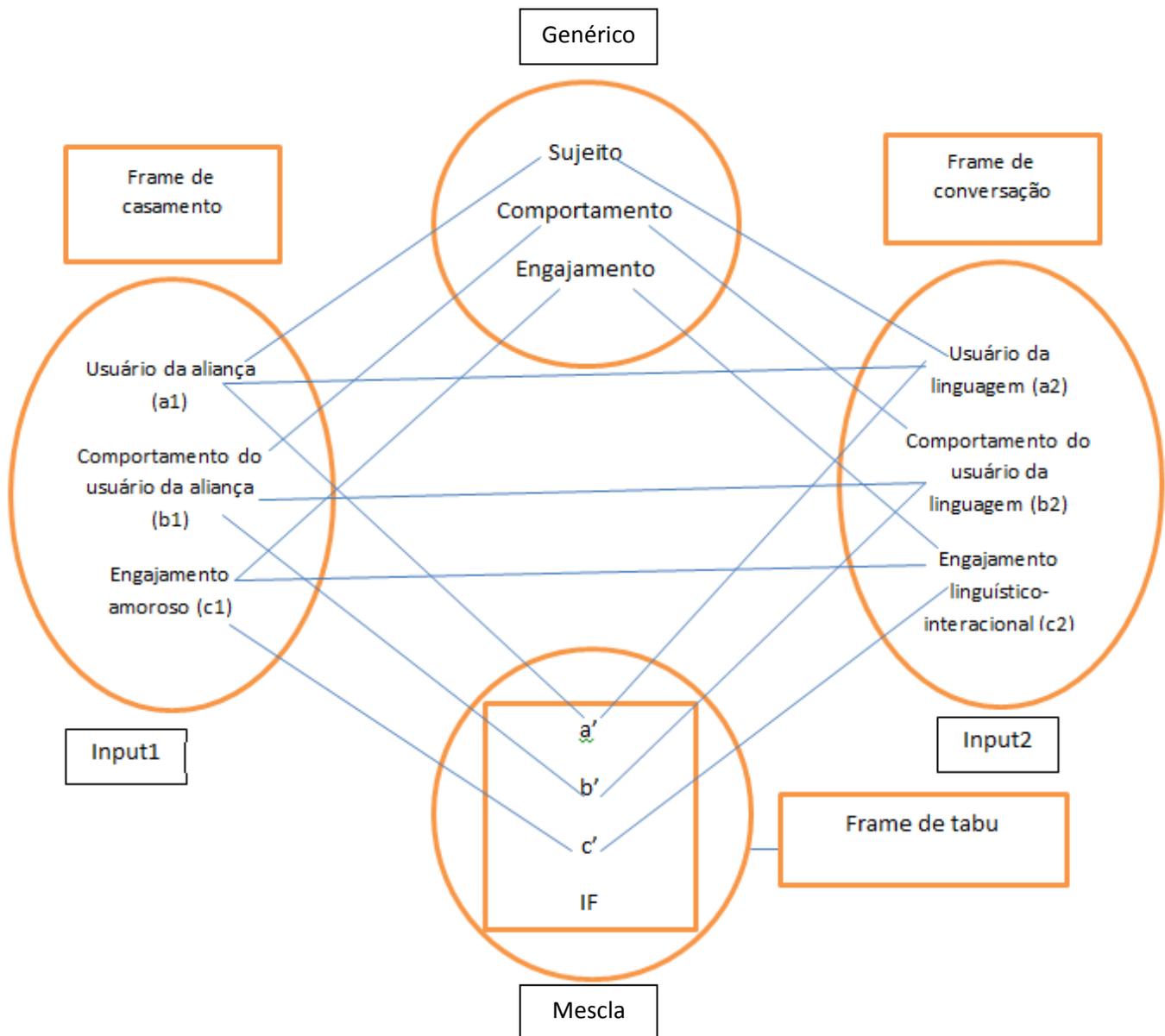


Figura11: Representação de mesclagem conceitual no CDD *Aliança “eu escolhi esperar”*.

Para a representação do CDD *Aliança eu escolhi esperar*, foram adotados dois espaços mentais básicos que servem como *input*, denominados *input 1* e *input 2*. Cada um desses *inputs* é estruturado por um *frame* diferente. No caso do *input 1*, o *frame* em questão é um *frame* de casamento. Já o *input 2* é estruturado pelo *frame* de conversação. Isso significa que há um conhecimento enciclopédico mais esquematizado no qual os elementos em cada *input* abaixo, mais específicos, podem ser encontrados.

A escolha dos elementos dos *inputs* se baseia em uma cena hipotética construída na mente do conceptualizador a partir da enunciação do CDD. Essa asserção não significa que existam apenas os elementos selecionados nesse espaço mental, mas que tais elementos são uma forma de conhecimento mínimo requisitado para a integração conceptual. Por essa razão, os elementos do *input* são os cognitivamente mais salientes desse *frame*, estabelecendo-se um laço metonímico com o todo do *frame* fornecedor de substância conceptual. Desse modo, tais elementos são dispostos em cada *input*, tendo em conta habilidades cognitivas básicas como categorização e analogia.

Na figura 11, o *input* 1 é estruturado pelo *frame* de casamento. Como já discutido na seção anterior, isso significa que existe um cenário advindo do conhecimento enciclopédico sobre como pode ser um casamento, seus noivos, as alianças, as regras de conduta prototípicas desta instituição, entre outros, compõem seus possíveis elementos. Nesse caso, foram selecionados o usuário da aliança (a1), o comportamento de um indivíduo que a utiliza (b1) e seu engajamento amoroso (c1).

Já o *input* 2 é estruturado a partir do *frame* de conversação e tem como elementos um usuário da linguagem (a2), o comportamento desse usuário da linguagem (b2) e o engajamento linguístico-interacional desse usuário (c2).

O espaço mental mais acima, denominado genérico, é de conteúdo mais abstrato e contém elementos comuns aos espaços mentais por ele superordenados. Neste caso, os elementos comuns são “sujeito”, “comportamento” e “engajamento”, pois todos são passíveis de serem abstraídos tanto do *input* 1 quanto do *input* 2.

Por analogia, o conceptualizador associa a1 a a2, b1 a b2 e c1 a c2, isto é, o conceptualizador conecta mentalmente o usuário da aliança ao usuário da linguagem, o comportamento do usuário da aliança ao comportamento do usuário da linguagem e o engajamento amoroso ao engajamento linguístico-interacional. Esse processo ocorre inconscientemente e não requer maior esforço do conceptualizador do que conhecimento enciclopédico e habilidades cognitivas básicas já supracitadas.

O fato de um *input* estar à esquerda ou à direita é apenas uma questão de modo de demonstração e de acordo com a expressão “Aliança eu escolhi espera”.

Não se trata de projeção de um domínio cognitivo sobre o outro, isto é, não se trata de uma integração conceptual metafórica.

Após a conexão entre os conceitos advindos de espaços mentais distintos, isto é, as interconexões entre os dois *inputs* superordenados pelo espaço genérico, ocorre o processo de mesclagem ou integração conceptual no espaço mescla.

No espaço mescla, surge uma estrutura emergente por composição, fusão e completamento. A composição por fusão se dá entre o usuário da aliança (a1) e o usuário da linguagem (a2), fato que instaura o sujeito fictivo (a'). Também por fusão o comportamento do usuário da aliança (b1) e o comportamento do enunciador fictivo (b2) são mesclados e se tornam um só em b', do mesmo modo que o engajamento amoroso (c1) e o engajamento linguístico-interacional (c2) se tornam um (c'). Já a interação fictiva (IF) surge apenas no espaço mescla, a partir do qual se pode abstrair que o enunciado é fictivo. Isso significa que o falante é capaz de inferir que o composto “Aliança *eu escolhi esperar*” é uma instância do *frame* de conversação, mas uma instância fictiva.

Para que o conceptualizador consiga mesclar esses conceitos, é necessário conhecimento enciclopédico. Esse conhecimento é representado no espaço mescla por completamento e elaboração. O completamento diz respeito aos *frames* requisitados para a mesclagem conceptual. Nesse caso, é representado o *frame* de tabu no espaço mescla. Optou-se por representar apenas o *frame* de tabu por ser esse um dos sentidos principais abstraídos do CDD em questão, conforme discutido a seguir.

O tabu emerge na mescla devido à associação do discurso direto destransitivizado com o nome “aliança”. A associação da aliança ao casamento se deve à metonímia ALIANÇA PELA CENA DE CASAMENTO. A conotação sexual do verbo “esperar” se deve ao fato de esse verbo, usualmente transitivo direto no sentido de aguardar, aparecer destransitivizado, isto é, sem complemento. A inferência pragmática de uma construção desse tipo, conforme seção 2.6.3, é a de conceptualizar o verbo associando-o a um tema tabu.

A opção por representar o sentido geral do composto no espaço mescla se deve ao fato de a semântica do composto ser holística, pois ultrapassa o sentido

composicional da aliança de casamento. Trata-se de uma aliança de compromisso em adiar o ato sexual para depois do casamento. Por essa razão, o verbo “esperar” encontra-se destransitivizado, acionando com isso um *frame* tabu vinculado ao sexo antes do casamento.

Em consequência dessa destransitivização, em vez de ser entendido com um sentido genérico, como “esperar alguém ou algo”, a cognição linguística do conceptualizador especializa o sentido do verbo “esperar” à alguma conduta a ser evitada ou norma social a ser seguida. Nesse caso, a conduta a ser evitada é ter relações sexuais antes do casamento. Por essa razão, o conceptualizador infere que o escopo de “esperar” é justamente a conduta a ser evitada, ou seja, não ter relações sexuais.

Discursivamente, a escolha por usar “eu escolhi esperar” em vez de “anel de virgindade” também se deve a um tipo de eufemismo para se evitar falar de um tema tabu, isto é, a virgindade associada ao portador da aliança. A cautela ao não se utilizar um modificador comum como “anel de virgindade” não se justifica apenas pelo dinamismo conceptual e pela quantidade de ligações metonímicas possíveis, mas também para proteger a face (cf. seção 2.14) de quem vende e de quem compra um anel com esse nome, uma vez que, se o casal espera o matrimônio para ter uma relação sexual, certamente a menção de tal tema diretamente poderia ter que ser evitada. Além disso, na mescla, o comportamento do usuário da aliança (b1) é o comportamento do usuário da linguagem (b2), ou seja, o conceptualizador necessariamente vai associar as condutas de b1 às de b2.

Já a elaboração diz respeito à capacidade do conceptualizador de simular mentalmente a dinamicidade dos *frames* e da estrutura emergente já citada. Nesse caso, trata-se de como o conceptualizador é capaz de abstrair os elementos mais relevantes de cada *frame*, por exemplo, os noivos envolvidos com este tipo de aliança e conduta; qual exatamente o tipo de tabu envolvido, isto é, não ter sexo antes do casamento, além de quais religiões geralmente cerceiam os direitos individuais ou qual o momento em que a condição de estar virgem teria um fim para o usuário de tal aliança.

4.9. CDDs e *corpus* C-ORAL

Como já mencionado brevemente na seção 4.1 desta análise, a única ocorrência de CDD em toda a extensão do C-Oral é o CDD *abraço ei querida* (áudio bfamcv30, 01:55-01:57 seg). Para a análise desse composto nos dados de fala, será considerada a parte mais relevante do tópico relacionado a tal composto, antes e depois de sua enunciação.

A análise a seguir é de uma conversa informal entre três pessoas: Clarissa (CLA), Raquel (RAQ) e Tutu (TUT). Segundo os dados do próprio *corpus*, os participantes dessa interação são duas mulheres e um homem. Os participantes são amigos e sabem que estão sendo gravados.

Na transcrição a seguir, são utilizados os seguintes símbolos:²³

/: Quebra não terminal de partes de um enunciado. Delimita as unidades prosódicas desse enunciado.

//: Quebra terminal, delimita enunciados concluídos.

+ (sinal de adição): Quebra terminal interrompida que sinaliza que o enunciado não foi concluído pelo falante, por alguma razão.

\$: Marca o fim de um enunciado e a tomada de turno por outro falante.

h: risada.

xxx: Indica que o transcritor não foi capaz de entender a palavra que vem a seguir.²⁴

&: palavras interrompidas (ou não concluídas).

&he: hesitações.

²³ Fonte: RASO e MELLO, 2012. pp. 127-176.

²⁴ Como já adiantado na seção 4.1., foi verificado, após a escuta dos dados, que se trata apenas do alongamento da interjeição “ei”. Consideramos esse dado como claro e defendemos que não se justifica os “xxx” da transcrição após a escuta.

Outros metadados relevantes são as ocupações desses participantes. Clarissa é professora de inglês, e Raquel é estudante de área não especificada pelo *corpus*. Já Tutu é ator. Todos eles são de Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Na conversa, de 05:48 min., esses participantes falam sobre programas de televisão brasileira, bem como seus protagonistas e quadros. Para facilitar a leitura da análise, essa conversa é reproduzida parcialmente a seguir.

- *CLA: [1] hhh é muita [1] <muita coisa pa guardar / né / Raquel> // \$
 *RAQ: [2] <é / porque eu não hhh> + \$
 *TUT: [3] <não / tá igual> / à &An [2] à Angélica ontem no táxi do [1] do <Huck> // \$
 *RAQ: [4] <quem é> Angélica // \$
 *RAQ: [5] ah hhh // \$
 *CLA: [6] Angélica <Angélica> // \$
 *TUT: [7] <a mulher dele> // \$
 *TUT: [8] <ele tem um &progra [2] um [1] um táxi / ele tem um táxi> / aí / ele vai dirigindo um táxi / ele foi pegar ela num lugar / eles ficaram andando pela cidade / <era / tipo> + \$
 *CLA: [9] <o [1] o Huck tem um táxi> // \$
 *RAQ: [10] <e' na mó intimidade / né> // \$
 *RAQ: [11] <Angélica> // \$
 *CLA: [12] <hum hum> // \$
 *RAQ: [13] <mas ele fica> fingindo que não é ele // \$
 *RAQ: [14] nũ é isso // \$
 *TUT: [15] não / nũ é igual Táxi do Gugu / <fantasiado> / não / era <ele / ele foi lá> / <numa falsa gravação> / falou / <amor / na verdade> / <era uma brincadeira> / cê vai andar comigo // \$
 *RAQ: [16] <ahn> // \$
 *CLA: [17] <tinha Táxi do Gugu> // \$
 *CLA: [18] <gente / cês assistem hhh> // \$
 *RAQ: [19] <não / mas pra [1] qual que é o sentido> do Huck ficar andando de <táxi com a Angélica yyy hhh> // \$
 *TUT: [20] aí es ficam andando / e ele vai [1] ia parando de ponto em ponto e <entrando> + \$
 *CLA: [21] <ele é o> motorista // \$
 *TUT: [22] é // \$
 *CLA: [23] ah / tá // \$
 *TUT: [24] ela &ad [1] sentada atrás / ele ia parando em vários pontos / e entrava / tipo / pessoas / que foram importantes na vida dela // \$
 *CLA: [25] ah // \$
 *CLA: [26] <então é um / coisa do Faustão> // \$
 *TUT: [27] <que era tipo / aniversário dela / e xis anos de carreira> // \$
 *CLA: [28] <como é que chama aquilo do Faustão> // \$
 *RAQ: [29] <é> / "Arquivo <Confidencial"> // \$
 *CLA: [30] <"Arquivo do Faustão" / porém num táxi> // \$
 *TUT: [31] <é / mas as pessoas entram> no táxi // \$
 *CLA: [32] ah / tá // \$
 *CLA: [33] uhn // \$
 *TUT: [34] ele combina com todas antes / e [6] <combinou com todas antes> + \$
 *CLA: [35] <sem ela saber> // \$
 *TUT: [36] <sem ela saber> / e foi pegando ela // \$
 *CLA: [37] <obviamente> // \$
 *TUT: [38] surpresa pra ela / por causa de aniversário dela / e xis anos de carreira // \$
 *CLA: [39] uhn // \$
 *RAQ: [40] ó // \$
 *TUT: [41] e aí entraram na turma / tipo / os diretor / a turma que [1] que [1] que acreditou nela / e com quem ela já trabalhou / e muita gente &fa [3] entrando / tipo / gente famosa // \$
 *TUT: [42] entrou Gilberto Gil / o <Daniel Filho> // \$

- *RAQ: [43] <rapidinho> / só um minutinho // \$
- *RAQ: [44] a Elisa já nũ pode gravar nossa conversa não // \$
- *RAQ: [45] pra gente começar / a produzir // \$
- *CLA: [46] eu desconfio que ela já tá // \$
- *TUT: [47] ah // \$
- *CLA: [48] <eu> espero hhh // \$
- *TUT: [49] ah que <legal> // \$
- *TUT: [50] <é isso> // \$
- *CLA: [51] <eu tô> esperando <hhh> // \$
- *RAQ: [52] <ah / então pode continuar contando> // \$
- *TUT: [53] <ah / deve ser isso mesmo> // \$
- *RAQ: [54] <daqui a pouco a gente confere com ela> // \$
- *TUT: [55] que coisa / né // \$
- *TUT: [56] e aí o que que rola <hhh> // \$
- *CLA: [57] <ainda mais se ela saiu de fora> [/3] saiu fora // \$
- *TUT: [58] aí / entrou / tipo / o <Daniel Filho> / <a> Camila Pitanga / que era / Angeliquete / no primeiro <programa dela> / na Record / \$
- *RAQ: [59] <é não / porque senão a gente vai sair daqui amanhã> / né hhh // \$
- *CLA: [60] <é> // \$
- *CLA: [61] <sério> // \$
- *CLA: [62] No' // \$
- *RAQ: [63] <eu não assistia> o programa da <Angélica / eu tinha superpreconceito com ela> // \$
- *TUT: [64] aí de <repente / entra> + \$
- *TUT: [65] <de repente> + \$
- *CLA: [66] <também não> // \$
- *TUT: [67] <eu também sempre tive preconceito> // \$
- *CLA: [68] <eu só gosto de Xuxa> // \$
- *RAQ: [69] <só gostava da Xuxa> // \$
- *TUT: [70] <não / eu via> a Mara Maravilha / <mas eu> tinha <preconceito com a Angélica> // \$
- *CLA: [71] <ham ham> // \$
- *RAQ: [72] <a Mara / eu também tinha> o disco da Mara / <mas a Angélica / eu super tinha preconceito> // \$
- *TUT: [73] <mas eu tinha preconceito com a Angélica> // \$
- *CLA: [74] <ah não / entre Mara e Angélica> // \$
- *RAQ: [75] exatamente // \$
- *TUT: [76] **<e aí / de repente entra duas> gorda / que ninguém viu mais gorda / literalmente / aí ela dá aquele abraço / xxx ei / <querida> // \$²⁵**
- *RAQ: [77] <babá> / né / <devia ser> // \$
- *TUT: [78] <aí ele> fala / ô amor // \$
- *TUT: [79] conta po Brasil todo / quem são elas // \$
- *CLA: [80] ela não <sabia> // \$
- *TUT: [81] <ela / &he> // \$
- *RAQ: [82] <hhh> // \$
- *TUT: [83] <quem são vocês> mesmo hhh // \$
- *CLA: [84] <não> // \$
- *RAQ: [85] ah / <não> // \$
- *CLA: [86] ela fez isso // \$
- *TUT: [87] era tipo / as amigas de infância / dela / <colega de escola> / morava &n [/1] na rua / as coleguinhas de [/1] de primeiro <beijo e afins> / e ela deletou hhh // \$
- *RAQ: [88] <e ela não lembrou> // \$
- *CLA: [89] <que nũ deve ter visto há> anos // \$
- *TUT: [90] aí falou / eu sou [/2] nós somos a xis e a ípsilon <hhh> // \$
- *RAQ: [91] <ah> / que <ridículo / mas nũ deviam nem ter feito isso> // \$
- *TUT: [92] <gente / elas são minhas irmãs hhh> // \$
- *TUT: [93] que coisa / não hhh // \$
- *TUT: [94] <mas é o tipo da coisa que e' &po> + \$
- *CLA: [95] <sério> // \$
- *CLA: [96] <isso aconteceu tudo> na televisão / de verdade / <assim / tipo> // \$

²⁵ Grifo nosso.

- *RAQ: [97] <não / mas> +\$
- *TUT: [98] <mas é o tipo da> coisa que ele podia ter tirado / <na edição> /\$
- *CLA: [99] <hum hum> // \$
- *RAQ: [100] <pois é / editado> // \$
- *RAQ: [101] se nũ é <ao vivo hhh> // \$
- *TUT: [102] / <mas ele quis sacanear ela hhh> // \$
- *CLA: [103] que isso / gente / nũ acredito que fez isso // \$
- *RAQ: [104] ah / mas sacaneou ela não / sacaneou as amigas / <coitadas / porque era ridículo> // \$
- *TUT: [105] <hhh conta po Brasil inteiro quem são elas> // \$
- *CLA: [106] <é> // \$
- *CLA: [107] <mas ela também conta> // \$
- *RAQ: [108] <elas fizeram papel de ridículo> // \$
- *CLA: [109] <e ele inda devia saber> // \$
- *TUT: [110] <só depois que elas me contarem> // \$
- *CLA: [111] <eles deviam ter brigado hhh> // \$
- *TUT: [112] <porque eu desconheço> essas <donas hhh> // \$
- *CLA: [113] <eles deviam ter> brigado / feio / hhh <e aí ela queria descontar> // \$
- *TUT: [114] não / ela <já tava puta com a surpresinha / que ela nũ gosta dessas coisa> // \$
- *RAQ: [115] <foi &descon> +\$
- *RAQ: [116] <não / mas [1] mas ela fingiu que> gostou // \$
- *CLA: [117] é // \$
- *RAQ: [118] que / conheceu // \$
- *RAQ: [119] ela entrou no táxi / as gordas entraram / <yyyy> +\$
- *TUT: [120] <eas deram um abraço> nela / ea foi / ei // \$
- *TUT: [121] quem é você hhh // \$
- *CLA: [122] Nossa / que <mico> // \$
- *RAQ: [123] <xxx / essa yyyy> // \$
- *CLA: [124] <e aí as mulheres> responderam // \$
- *CLA: [125] as gordinha <lá responderam> // \$
- *TUT: [126] <elas / ah> / adivinha // \$
- *TUT: [127] aí ela ficou olhando uma data / <tipo / cê é a xis> // \$
- *RAQ: [128] <é / adivinha é xxx / assim que xxx> // \$
- *TUT: [129] ea falou assim / não / a ípsilon hhh // \$
- *TUT: [130] aí ela lembrou da outra // \$
- *TUT: [131] ah / isso / e a dáblui // \$
- *TUT: [132] sim // \$
- *TUT: [133] as amicíssimas <hhh> // \$
- *RAQ: [134] <melhores amigas do mundo / né hhh> // \$
- *CLA: [135] <Nossa / gente hhh> // \$
- *RAQ: [136] <não sei quem são / mas tudo> bem // \$
- *CLA: [137] que horror // \$
- *RAQ: [138] é // \$
- *CLA: [139] mas ele faz isso &sem [4] ele faz esse treco do [1] do <táxi é só / por ela> // \$
- *TUT: [140] <é a &pri [3] é [1] é um quadro do programa dele> // \$
- *CLA: [141] <é um quadro> // \$
- *TUT: [142] que chama "Vou de Táxi" / inclusive // \$
- *CLA: [143] <inclusive> +\$
- *TUT: [144] <em homenagem a ela> // \$
- *CLA: [145] ah // \$
- *TUT: [146] <mas eu nunca tinha visto / eu nũ sei como que é / normalmente> // \$
- *RAQ: [147] <mas> +\$
- *CLA: [148] <No> // \$
- *CLA: [149] <e ela nũ gosta de surpresas> // \$
- *CLA: [150] ela nũ tava feliz &n [1] hora alguma> // \$
- *TUT: [151] <ela nũ achou legal> não // \$
- *CLA: [152] <mas / ah hhh> // \$
- *TUT: [153] <aliás / é> [1] é óbvio que ela entrou na onda / né // \$
- *RAQ: [154] é / porque senão nũ ia nem ao <ar / né> // \$
- *CLA: [155] <ah / mas era> +\$
- *RAQ: [156] <porque se ela nũ gostasse realmente / nũ deixava / colocar não> // \$

- *CLA: [157] <é> // \$
 *CLA: [158] <exatamente> // \$
 *CLA: [159] <porque ela> podia simplesmente não / não vou participar dessa joça // \$
 *TUT: [160] o poder numa calça jeans / né <hhh> // \$
 *RAQ: [161] <ô / mas> / eu tinha <superpreconceito com a Angélica> / eu entendo ocê // \$
 *CLA: [162] <hhh vai ver é um blue jeans> // \$
 *RAQ: [163] porque eu via a Mara / tinha disco da Mara / <e Xuxa> + \$

Transcrição parcial do áudio bfamcv30 do C-Oral (RASO e MELLO, 2012).

A conversa tem início quando Tutu aproveita um momento de descontração entre o grupo para relatar uma história sobre uma apresentadora de televisão brasileira chamada Angélica. Aparentemente, esse relato também teria um tom de descontração e humor, evidenciados pelas risadas dos participantes da linha 1 à linha 3, ainda que não seja possível saber de que os participantes estavam rindo antes.

Como Raquel tem um pequeno lapso de memória de quem poderia ser tal apresentadora, Tutu e Clarissa fazem um pequeno detalhamento da protagonista do programa com o intuito de situar Raquel no mesmo espaço mental discursivo atualizado em que o ator e a professora de inglês já estão. Estar em um mesmo espaço mental discursivo significa que os três participantes supostamente estão devidamente contextualizados, e os enunciados subsequentes supostamente tendem a convergir em torno deste espaço mental ou tópico.

Ocorre que, mesmo após novo detalhamento do tópico a ser discutido, feito na linha 8 por Tutu, Raquel tem nova confusão, expressada na linha 13, uma vez que a estudante crê que se trata de outro formato de programa do qual ela já tinha referência. Na linha 15, Tutu faz nova correção de Raquel com o intuito de aclarar-lhe o tópico ainda mais e Tutu, finalmente, possa expandir seu relato.

Na linha 15, Tutu utiliza pela primeira vez o discurso reportado para referir-se ao que o apresentador do programa disse à participante Angélica “[...] falou / <amor / na verdade> / <era uma brincadeira> / cê vai andar comigo // \$”. Tutu tem o papel de animador, isto é, quem fisicamente fala. Quem é descrito pelo animador é a figura, neste caso, o apresentador. O apresentador também é o autor do discurso animado por Tutu, uma vez que é o primeiro quem elabora o discurso de Tutu. Além disso, o autor também é o responsável social pelo discurso de Tutu. O que Tutu faz é reportar um discurso direto a partir do verbo “falou”.

Do ponto de vista cognitivo, a fala de Tutu na linha 15 tem a função de agregar uma nova cena ao espaço mental discursivo então estabelecido pelo relato desse participante. Desse modo, os ouvintes podem simular mentalmente o relato de forma mais próxima do acontecido, uma vez que o discurso reportado licenciado pela relação animador e autor permite a recriação mais imediata de uma cena como se a mesma estivesse ocorrendo naquele momento. Neste caso específico, trata-se da cena na qual o apresentador e marido da convidada, Angélica, esclarece os propósitos do programa, isto é, a princípio, um passeio de táxi.

Das linhas 16 até a linha 75, Tutu oferece diversos detalhamentos acerca do tópico sobre o qual ele relata, mas sem o discurso reportado. De modo sucinto, das linhas 16 às 75, Tutu relata que a apresentadora Angélica completaria alguns anos de carreira e participaria de uma brincadeira. Por essa razão, seu marido, apresentador do programa ao qual Tutu se refere, far-lhe-ia uma surpresa: uma corrida em um táxi no qual entrariam diversas pessoas supostamente conhecidas e importantes na história de vida de Angélica.

Após várias interrupções, Tutu retoma em 76 o tópico iniciado em 64 e 65, isto é, sobre os acontecimentos do programa televisivo no qual a protagonista Angélica era levada a um passeio de taxi e encontrava pessoas supostamente conhecidas e importantes em sua vida.

Em 76, após retomar o tópico de 64 e 65 por meio das expressões “e aí / de repente” Tutu faz um comentário pejorativo a respeito das duas participantes envolvidas em seu relato “entra duas gorda / que ninguém viu mais gorda/ literalmente”. Posteriormente, Tutu volta a narrar e descrever a cena com “aí ela dá aquele abraço” e, imediatamente anima a voz de autoria de Angélica” xxx ei/ querida”. Como o ator utiliza um pronome de terceira pessoa do singular “ela” Tutu se refere à Angélica e não às suas supostas amigas.

Ainda que o modificador “ei querida” não esteja propriamente em primeira pessoa, o conceptualizador pode inferir a partir de sua experiência que se trata de uma interação de saudação entre duas pessoas e que se trata de fala de uma delas, neste caso, de Angélica.

O modificador “ei querida” advém da fala ocorrida em uma interação que é reportada por Tutu. Este último anima a voz da autoria de Angélica, ou seja, Tutu faz seu discurso reportado e este coexiste com o CDD “abraço ei querida” em questão.

Das linhas 76 à 159, o tópico principal de discussão dos participantes será o

não reconhecimento de Angélica de suas supostas amigas. Dessa forma, o CDD “abraço *ei, querida*” permite a instauração de um tópico para discussão entre os participantes.

Por meio do CDD “abraço *ei querida*”, o conceptualizador pode inferir os participantes envolvidos na cena de saudação e abraço narrada por Tutu, isto é, Angélica e as duas supostas amigas. O conceptualizador também consegue inferir que se trata de uma expressão comum utilizada entre duas pessoas teoricamente conhecidas, uma vez que “querida” sugere, a princípio, alguma intimidade. Nesse sentido, o alongamento de 0,981 segundos²⁶ da interjeição “ei” também sugere uma ênfase também utilizada entre pessoas que supostamente teriam alguma intimidade e que não se viam há algum tempo.

Ocorre que Angélica, segundo o material transcrito, não reconhece as supostas amigas ao longo da conversa, conforme discutido a seguir. Desse modo, a conceptualização de “abraço *ei, querida*” ganha novas contribuições e interpretações na medida em que o relato de Tutu se desenvolve. Por essa razão, o abraço entre amigas ganha uma conotação de fingimento, pois Angélica aparentemente enuncia “*ei, querida*” para ganhar tempo e proteger sua face de eventuais constrangimentos por não ter reconhecido suas antigas e supostas amigas.

Um fato notório a respeito deste CDD em relação a outros discutidos nesta análise é que ele ocorre de modo menos monitorado por seus enunciadores. Em todos os outros exemplos, principalmente de gêneros escritos, o falante teve tempo para elaborar seu discurso e monitorá-lo. Juntamente com a baixa quantidade de ocorrências encontrada no C-Oral, poderia ser sugerido erroneamente que esses modificadores de interação fictiva só ocorreriam quando o falante pudesse monitorar seu discurso com mais tempo, como em vídeos gravados de tutorial ou entrevistas escritas.

Ainda que a quantidade de ocorrências dos CDD na fala espontânea pesquisada nesta dissertação, no *corpus* C-Oral, seja de fato inegavelmente menor do que as ocorrências na modalidade escrita aqui relatados, o exemplo “abraço *ei, querida*” reforça a possibilidade de que esses compostos também possam estar presentes em discursos menos monitorados. Esse exemplo também sugere a possibilidade de um CDD coexistir com um discurso reportado.

²⁶ Medição feita no software PRAAT

Raquel faz nova contribuição em 119 e novamente situa os participantes no momento após Angélica ter encontrado com suas desconhecidas amigas e ter dado o abraço em 76. Instigado pela contribuição de Raquel, Tutu detalha um pouco mais a cena do abraço “ei querida” de 76 na linha 120. Dessa vez, Tutu utiliza o verbo “ir”, no pretérito perfeito do indicativo, para introduzir o discurso reportado com o intuito de recuperar a cena do CDD em 76.

Em 121, Tutu anima um discurso de autoria de Angélica. Após o 76 e, já com a face ameaçada, a autora diz “ei, quem são vocês”, provavelmente, após ter dado o abraço e cumprimentar as já esquecidas amigas com um “ei, querida” sem reconhecê-las em 76.

A interjeição “ei” também é alongada pelo animador do discurso direto em 121, com duração de 0,572²⁷ segundos. Como já supracitado, em 76 o alongamento é de 0,981 segundos. De modo inconsciente, o animador pode ter inferido que alongar a interjeição tal como o fizera em 76 pudesse ser uma forma de reconstruir uma cena já discutida e da qual os outros participantes já haviam rido e debochado.

O CDD de 76 permite inferências metonímicas, uma vez que o discurso de 121 é uma forma de o animador acessar mentalmente a cena do CDD em 76. Isso significa que o CDD em 76 e o discurso reportado em 121 são perfilamentos diferentes de uma mesma cena. Essa cena é a interação entre Angélica e suas olvidadas, bem como os enunciados proferidos pelas participantes e o contexto de enunciação da mesma. Assim, há diversos enunciados que compõem uma mesma cena e convergem para essa cena. Por essa razão, um enunciado ou elemento da cena pode ser utilizado para acessar mentalmente toda a cena, tal como se faz em 121 para acessar 76.

Já das linhas 161 às linhas 246, os participantes vão falar de outros tópicos que estão além do escopo do composto em 76. Por essa razão, o conteúdo entre 161 e 246 não será discutido nesta dissertação.

²⁷ Medição feita no software PRAAT.

4.10. Mesclagem lexical e CDD

O discurso direto em compostos nominais também pode se manifestar morfológicamente em uma palavra. Essa manifestação ocorre quando duas palavras de diferentes domínios mesclam-se estruturalmente em apenas uma. Nesse sentido, foram encontrados os seguintes 3 exemplos:

- 39. Maquiadoro
- 40. Maquiamo
- 41. Chocolateamo

Todos os três exemplos compartilham de um mesmo esquema cognitivo que licencia o aparecimento de tais compostos no léxico: NOME + MORFEMA DE DISCURSO DIRETO. A primeira palavra é um nome e perfila uma coisa em termos de Langacker (2008). Esse nome não tem que estar fonologicamente completo, mas com uma porção fonológica que permita seu reconhecimento. Já a segunda parte advém do *frame* de conversação e consiste em um discurso direto.

O fato de optar por um esquema cognitivo para discutir um CDD em nível morfológico e não por uma regra de formação converge com a literatura a respeito de mesclagem lexical (KEMMER, 2003; BASÍLIO, 2010, cf. seção 2.13). Essa opção se deve ao fato de que um esquema cognitivo em questão advém de padrões abstraídos por um falante em interações que o mesmo tem em sua prática com a(s) língua(s) que fala.

Por meio de grande repetição e entrincheiramento, a cognição linguística do falante consegue categorizar o conteúdo conceptual de uma expressão linguística de discurso direto e mesclá-lo com o conteúdo conceptual de um nome.

Em 39 [makiad'oru] e 40 [maki'ãmu], por exemplo, há perda de material fonético [ʔɛy] do nome [maki'aɓɛy] e a alocação de todo o discurso direto [ad'oru] em 39 e [ãmu] em 40 sem perda do material fonético desses dois últimos, mas o compartilhamento do fonema /a/ de [makia]. Assim, o material fonético de “adoro” e de “amo” é preservado na composição de uma da nova palavra. A inserção do

discurso direto em 39 e 40 ocorre na sílaba tônica da palavra paroxítona “maquiagem”.

Nos exemplos 39 e 40, a opção por tratar o nome “maquia” como “maquiagem” e não como “maquiador” se justifica pelo fato de ambos serem extraídos de lojas virtuais que vendiam produtos de maquiagem. Por essa razão, o leitor dessas páginas é um cliente em potencial para comprar produtos de maquiagem e, obviamente, não compra “maquiadores”.

Em 41, existe a possibilidade de interpretar [ʃokolatʃi'ãmu] como “chocolate + te amo”, com perda do último fone de “chocolate” e compartilhamento da primeira sílaba de “te amo”. Ocorre que também há a possibilidade de interpretar o CDD como “chocolate + amo”, sem perda fonética de nenhuma palavra. Como existe duplo sentido, esta análise opta por tratar (41) como “chocolate + te amo”, visto que a fusão da última sílaba com o discurso direto é uma espécie de brincadeira com ambas as palavras sem que uma obscureça a outra.

A inserção modificador de discurso direto em 41 ocorre no ponto de compartilhamento fonético entre as duas palavras e não na sílaba tônica da paroxítona “chocolate”, como ocorre em 39 e 40.

Do ponto de vista sintático-semântico, o discurso direto funciona como um morfema que predica uma palavra base. Desse modo, o nome em questão é reinventado conceptualmente pelo discurso direto.

Em 39 e 40, por exemplo, o sentido é de uma maquiagem que um enunciador fictivo, isto é, que não existe de fato, adora em 39 ou ama em 40. Em ambos os casos, trata-se do nome de lojas de comércio virtual com diversos produtos dirigidos ao público que quer comprar maquiagem. Portanto, um comprador desse produto já é influenciado a avaliar o escopo dominial ou cena instanciados pelo nome como algo positivo.

Esse escopo ou cena consistem em todos os itens que podem ser recuperados metonimicamente pelo nome “maquiagem”, o qual está privado de uma sílaba, mas que absolutamente não impede o seu entendimento. Dessa forma, uma gama de produtos de beleza podem ser simulados mentalmente pelo conceptualizador.

No caso do composto 41, o conceptualizador mescla as informações disponíveis mentalmente pela palavra hospedeira “chocolate” com o morfema de discurso direto “teamo”. O conceptualizador tem acesso mental não apenas ao doce em questão e sensações a ele relacionadas, tais como desejo e sabor, mas também a um cenário de declaração de amor.

Por essa razão, ao conteúdo conceptual do nome “chocolate”, o qual perfilaria uma coisa, são agregadas as informações de um conteúdo que perfila um processo, neste caso, de uma declaração de amor. Dessa forma, o conteúdo conceptual resultante tem traços tanto nominais quanto processuais. Por essa razão, a formação resultante tem traços de sentido tanto de um substantivo quanto de um verbo.

O perfilamento parcial de um processo se deve à capacidade de um conceptualizador escanear sequencialmente a cena devido à presença de um verbo. Esse perfilamento processual é parcial porque “chocolate” perfila uma coisa e não um processo, e a palavra final da junção de ambas é o nome de uma loja virtual.

Ao contrário de CDDs já discutidos com efeito discursivo de crítica ou humor, os exemplos encontrados dessa formação lexical aparentam ter efeito mais retórico e argumentativo. Todos os exemplos aqui discutidos são advindos de lojas virtuais. Como já argumentado no caso de 39 e 40, o discurso direto em “Chocolateamo” induz o conceptualizador a avaliar positivamente o nome em questão, chocolate, fato que pode depor a favor da compra de um produto da referida loja.

Outra questão a respeito do sentido de um CDD a nível morfológico é que seu sentido é um pouco mais composicional do que em cruzamentos vocabulares (ver Gonçalves e Almeida, 2006, para uma discussão detalhada) ou fusões vocabulares (BASÍLIO, 2010). Em compostos como *boilarina*, *burrocracia* e *lixeratura*, analisados por Basílio (2010), há uma mescla conceptual mais profunda dos domínios cognitivos envolvidos. Dessa forma, as palavras predadoras, *boi*, *burro* e *lixo*, respectivamente, mudam completamente o sentido das palavras hospedeiras, ou seja, *bailarina*, *burocracia* e *literatura*.

Já nos CDDs a nível morfológicos encontrados, não se pode dizer que a palavra predadora mude o sentido da palavra hospedeira a ponto de contradizê-la

ou mudar radicalmente seu sentido tal como em *boilarina*, *burrocracia* e *lixeratura*. Os domínios de um CDD a nível morfológico aqui discutidos aparentam ser menos mesclados.

Entretanto, não se pode afirmar que o sentido seja puramente composicional dos CDDs nesta seção discutidos, visto que um *frame* de avaliação positiva dos nomes maquiagem e chocolate é evocado somente quando o morfema de discurso direto é incorporado à palavra hospedeira. Ou seja, os predicadores “amo”, “adoro” e “teamo”, dos compostos 39, 40 e 41 têm outros sentidos primários além dos avaliativos, tais como a cena de declaração de amor ou adoração.

Como o sentido das partes isoladas que formam um CDD em nível morfológico é diferente do sentido do composto formado, isso pode ser uma pista de que o sentido da palavra final não seja apenas a junção de ambos os domínios, mas uma mesclagem menos profunda deles. Em linhas gerais, o escopo dominial do discurso direto é ampliado quando incorporado ao nome, bem como a mudança de foco de atenção do conceptualizador é requisitada.

O escopo é ampliado porque um *frame* de avaliação é agregado ao domínio cognitivo instanciado pelo discurso direto. Dessa forma, se antes os modificadores “adoro”, “amo” e “teamo” perfilavam apenas um processo de uma cena de adoração ou declaração de amor, agora tal escopo conta também com o *frame* de avaliação devido à formação do novo composto.

Já a mudança do foco de atenção ocorre porque o conceptualizador não vai dirigir sua atenção aos possíveis *frames* de adoração ou declaração de amor do discurso direto isolado, mas ao *frame* de avaliação do conteúdo conceptual do nome incorporado ao discurso direto.

Já a palavra hospedeira em 39, por exemplo, passa do perfilamento do conteúdo conceptual de uma “maquiagem” à inserção de tal conteúdo conceptual na conceptualização processual de uma cena de adoração ou confissão pessoal. Desse modo, quando o nome “maquiagem” está isolado, o conceptualizador poderia construir uma simulação corporificada de suas experiências com o nome “maquiagem”, tal como cores ou produtos comuns. Quando tal nome é

acompanhado do discurso direto, o conceptualizador pode construir sua simulação já enquadrada no conteúdo conceptual processual do morfema predicator.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi investigada a ocorrência dos compostos de discurso direto em português brasileiro, assim como os padrões formais encontrados dessa construção e a formação de seu sentido.

Foi empreendida uma pesquisa dividida em duas etapas. A primeira, de caráter prioritariamente qualitativo, foi realizada na internet, por meio de comandos específicos. A segunda, de tendência mista, foi realizada em toda a extensão do corpus fala C-Oral (RASO e MELLO, 2012).

Foram encontrados quatro padrões diferentes de ocorrência desses compostos no português brasileiro: (I) (S)N + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (II) S(N) + PREPOSIÇÃO “DE” + MODIFICADOR DE DISCURSO DIRETO, (III), S(N) + (PREPOSIÇÃO “DE”) + ANGULADOR (TIPO) ASSIM + DISCURSO DIRETO e (IV) NOME+ MORFEMA DE DISCURSO DIRETO (em uma mesma palavra).

Cada um dos supracitados padrões apresentou uma quantidade de ocorrências distinta, sendo o II e o I os padrões com mais exemplos, enquanto o III e o IV os com menos exemplos encontrados. A construção instanciada por quaisquer dos padrões acima descritos não tem um sentido composicional, exceto nos exemplos encontrados do padrão IV, nos quais uma estrutura emergente e não presente em nenhum dos domínios formadores do composto é menos evidente que nos outros padrões.

Nesses padrões, foram encontrados os seguintes tempos e modos verbais: presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo, imperativo negativo e imperativo afirmativo. Já em relação à interação entre tempo e aspecto, chamou a atenção o fato de nenhum dos 44 exemplos possuírem o aspecto imperfectivo passado, em termos de Langacker (2008). Quanto ao discurso direto, este pode se manifestar de diversas formas, seja por meio de desinências número pessoal de primeira pessoa; seja por elementos dêiticos que permitam inferir seu enunciador fictivo.

Também foi defendido que um modificador de discurso direto é conceitualmente mais rico e dinâmico que um modificador comum, tal como um adjetivo canônico, razão pela qual o modificador de um CDD ganha papel de trajetória e o nome ou SN modificado o papel de marco.

Neste trabalho, também foi levantada a hipótese de que o falante talvez não encontre no léxico uma expressão linguística com o mesmo conteúdo conceitual e efeitos discursivos de um modificador de discurso direto. Além disso, foi destacado como um modificador de um CDD pode ser muito extenso e ainda sim mais fácil de ser conceptualizado do que um modificador extenso comum, principalmente quando escrito.

No caso da ocorrência em fala espontânea, foi destacado que o discurso reportado pode coexistir com o modificador de discurso direto. Ademais, a animação do discurso reportado em questão, o qual também era um CDD, foi uma das formas de o animador ameaçar e expor a face da figura em questão, majoritariamente a da apresentadora relatada naquela interação. Outro ponto destacado nesse exemplo, além de grande parte do presente trabalho, é que o uso de um CDD geralmente produz uma quebra de expectativa que gera efeitos como humor ou sarcasmo.

No caso dos CDDs em nível morfológico, foi destacado que há perda e compartilhamento de material fonológico entre as partes formadoras, além da transformação do discurso direto em um morfema, tal como um sufixo. Essa relação gera uma mesclagem lexical entre um conteúdo conceitual mais nominal e outro mais processual com sequenciamento temporal, isto é, prototipicamente nomes e verbos. Nesses compostos, não foi encontrado um efeito discursivo como humor, mas a ativação de um *frame* de avaliação e um significado mais composicional e menos mesclado, como já supracitado.

Outro ponto discutido nesta dissertação foi de que o uso dos CDDs sugere como novas expressões podem surgir a partir de interações, e de como o léxico de um idioma não é estático, mas moldado pelo uso da língua. Por meio da abstração de padrões recorrentes em suas interações cotidianas, seu conhecimento de mundo e da própria língua, os falantes recorrem aos CDDs como um recurso diferenciado para falar das situações mais diversas, como se os CDDs fossem interações codificadas em palavras e mentalmente acessíveis por elas.

A presente dissertação espera ter contribuído para o estudo dessa instância de interação fictiva, mas não pretendeu esgotar o tema. Algumas questões ainda não estão completamente claras, tais como: existem outros padrões formais de CDD não discutidos nesta dissertação e que são possíveis em português brasileiro? Os CDDs serão uma ocorrência recente no português do Brasil ou outros exemplos podem ser encontrados em textos mais antigos? Os CDDs são de fato produtivos em fala espontânea ou ocorrem mais em modalidades e gêneros mais monitorados, principalmente os escritos? É possível utilizar alguma ferramenta eletrônica confiável para uma pesquisa em *corpora* muito extensos e que detectem todos os possíveis padrões de CDD? É possível desdobrar o ensino dos CDDs e seu potencial metonímico para expansão lexical no caso do ensino de língua estrangeira? Como o estudo de tais compostos poderia contribuir para o ensino de português como língua materna ou segunda língua?

A partir da dissertação aqui finalizada, espera-se que essas e outras perguntas possam ser respondidas e feitas em futuras pesquisas acerca dos compostos de discurso direto e outras instâncias da interação fictiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- ALMEIDA, M.L.L. Processo de Mesclagem em Anguladores no Português do Brasil. **Revista Veredas**, v.3-n1, pp.129-142.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- BASÍLIO, M. Fusão vocabular expressiva: um estudo da produtividade e da criatividade em construções lexicais. Textos selecionados do XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa Linguística, Porto, APL, 2010, pp.201-210.
- BAUER, L. **Introducing Linguistic Morphology**. Edimburgo, Edinburgh University Press, 1988.
- BERGEN, B. K. **Louder than words. The new science of how the mind makes meaning**. Nova Iorque, Basic Books, 2012.
- BRANDT, L. **Subjectivity in the act of representing: the case for subjective motion and change. Phenomenology and The Cognitive Sciences**, v. 8, 2009, p. 573 – 601.
- BRONZATO, L.H. Inferências conversacionais e construções gramaticais: um processo sócio-cognitivo. **Revista Instrumento**, v.2, n.1
- CASTELANO, K.L. LADEIRA, W.T. Funções discursivo-interacionais das expressões “assim”, “tipo” e “tipo assim” em narrativas orais. **Revista Letra Magna**, ano 06, n.12, 2010, pp. 1-17.
- Carta de D. Pedro ao pai de 9 de janeiro de 1822. In: PIMENTA, José de Melo. **A Independência do Brasil à luz dos documentos**. São Paulo: Instituto de Cultura e Ensino Padre Manoel da Nobrega, 1972.
- CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. Introducing Cognitive Linguistics. In: _____.(orgs.).**The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp. 3-21.
- DENZIN, N. & LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____. (orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre, Artmed, 2006. pp.15-41.
- DORNELAS, A.B. **Construções de movimento fictivo em português do Brasil: Cognição e Corpus**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.

DUBOIS, B.L. Pseudo quotation in current English communication: "Hey, she didn't really say it". **Revista Language in Society**, 1989, pp.343-359.

FAUCONNIER, G; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FAUCONNIER, G. Mental Spaces. **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp.351-376.

FERRARESI, A. Google and beyond: web-as-corpus methodologies for translators. **Revista tradumàtica**, n.7, dez/2009. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/pub/tradumatica/15787559n7/15787559n7a4.pdf> acessado em 30/04/2016, 23:04 hs.

FILLMORE, C.J. Frame and the semantics of understanding. **Quardeni di Semantica**, 6, 2, p.222-253, 1985.

FLETCHER, W.H. Corpus analysis of the world wide web. **Encyclopedia of Applied Linguistics**. Blackwell, 2011. Disponível em: www.encyclopediaofappliedlinguistics.com/ acessado em 30/04/2016, 23:10 hs.

GEERAERTS, D. Prospects and problems of prototype theory. **Revista Linguistics**, v. 27, 1989, pp.587-612.

GIEGERICH, H.J. Compound or phrase? English noun-plus-noun constructions and the stress criterion. *In*: **English Language & Linguistics**, vol. 8, pp.1-24.

GOFFMAN, E. 1979. Footing. *In*: RIBEIRO, B.T. & GARCEZ, P.M. (orgs). **Sociolinguística Interacional**. Porto Alegre, AGE Editora, 1998, pp.70-97.

_____. **Frame analysis**. An essay on the organization of experience. Boston, Northeastern University Press, 1974.

_____. A representação do eu na vida cotidiana. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. *In*: FIGUEIRA, Sérgio Augusto (Org.). **Psicanálise e ciências sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1980, p. 76

GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, C.A. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. **Revista Veredas**, v.7, n.1 e n.2, jan./dez -2003.

GONCALVES, C. A. ALMEIDA, M.L.L. Bases semântico-cognitivas para a diferenciação de cruzamentos vocabulares em português. **Revista Portuguesa de Humanidades**, n.11.1, 2007.

GRICE, H.P. **Studies in the way of words**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1989.

HILPERT, M. Chained metonymies in lexicon and grammar. A cross-linguistic perspective on body part terms. *In*: RADDEN, G; KÖPCKE, K.M.; BERG, T. et al (orgs). **Aspects of meaning construction**. Amsterdam, John Benjamins, 2007, pp.77-98.

HOLME, R. **Cognitive Linguistics and Language Teaching**. Londres, Paulgrave Macmillan, 2009.

KEMMER, S. Schemas and Lexical Blends. **Applied and Interdisciplinary Papers**. Duisburg, 2000, paper 299. Disponível em: http://www.linse.uni-due.de/laud-downloadliste.html?articles=schemas-and-lexical-blends&file=tl_files/laud/B299.pdf acessado em 30/04/2016 20:40 hs.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago, The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. 2. ed. Chicago-London: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LANGACKER, R. **Cognitive Grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.

LANGACKER, R. Virtual Reality. **Studies in the Linguistic Sciences**, v.29, n.2, p. 77-103, 1999.

LANGACKER, R. The contextual basis of cognitive semantics. *In*: NUYTS, J & PEDERSON, E. (eds). **Language and conceptualization**. Cambridge, Cambridge University Press, pp. 229-252, 1997, pp. 17-52.

LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. Polysemy, Prototypes, and Radial Categories. *In*: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.) **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp.139-169.

LIEBER, R. Phrasal compounds in English and the morphology-syntax interface. *In*: **Proceedings of the Chicago Linguistic Society**, vol. 24, 1988, pp.202-222.

LINN, R. & ERICKSON, F. Qualitative methods. *In*: _____. **Quantitative methods, qualitative methods**. Londres, Collier Macmillan, 1986. pp.77-93.

LITTLEMORE, J. **Applying cognitive linguistics to second language learning and teaching**. Birmingham, Paulgrave Macmillan, 2009.

MARCUSCHI, L.A. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. *In*: MIRANDA, N & NAME, M.C. **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2005, pp.49-77.

MARCUSCHI, L.A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008.

MAYES, P. Quotation in spoken English. Revista **Studies in Language**, n.14, 1990, pp.325-363.

MONDADA, L & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. *In*: CAVALCANTE, M.M.& RODRIGUES, B.B (orgs). **Referenciação**. São Paulo, Contexto, pp. 17-52.

MYERS-SCOTTON, C. **Multiple voices. An introduction to bilingualism**. Oxford. Blackwell publishing, 2006.

PANTHER, K. & RADDEN, G. (eds). **Metonymy in language and thought**. Amsterdam, John Benjamins, 1999.

PANTHER, K. & THORNBURG, L. A cognitive approach to inferencing in conversation. **Journal of Pragmatics** vol. 30, pp.755–769, 1998.

_____. **Metonymy and pragmatic inferencing**. Amsterdam, John Benjamins, 2003.

_____. Metonymy. *In*: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.). **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp.236-263.

PASCUAL, E. **Imaginary dialogues: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts**. Utrecht: LOT, 2002.

_____. Fictive interaction within the sentence: a communicative type of fictivity in grammar. **Cognitive Linguistics**, v. 17, n. 2, p. 245-267, 2006.

_____. **Fictive interaction. The conversation frame in thought, language, and discourse**. Amsterdam, John Benjamins, 2014.

RADDEN, G. & KÖVECSES, Z. Towards a theory of metonymy. *In*: PANTHER, K. & GÜNTHER, R. (eds). **Metonymy in language and thought**. Amsterdam, John Benjamins, pp.17-59.

RASO, T.; MELLO, H. **C-Oral Brasil: corpus de referência do português brasileiro falado informal**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

REDDY, M. The conduit metaphor: A case of frame conflict in our language about language. *In*: ORTONY, ANDREW (org). **Metaphor and thought**. Cambridge, Cambridge University Press, 1979, pp.164-201.

ROCHA, L. F. M. **A autocitação fictiva: abordagem sociocognitiva de um tipo de fictividade discursiva em Português Europeu e Brasileiro**. 2011. 185 f. Relatório (Estágio Pós-Doutoral) – Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, Universidade Católica Portuguesa. Braga, 2011.

_____. Autocitação fictiva como escaneamento mental: mover-se conceitualmente sem se deslocar. **Revista da ABRALIN**, v. 11, 2013, p. 113-143.

_____. **A construção da mimesis no Reality show. Uma abordagem sociocognitiva para o discurso reportado**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

_____. Tendências prosódicas e interacionais do discurso reportado: uma abordagem sociocognitivista. *Revista Veredas*, v.7, n.1 e n.2, jan/dez 2003, pp.247-262.

ROCHA, L. F. M. et al. O uso de entidades fictivas em *corpus* de fala: evidências empíricas para a Gramática Cognitiva. Universidade Federal de Juiz de Fora. No prelo, 2014.

ROSCH, E; MERVIS, C.B. Family resemblances. **Cognitive Psychology** v.7, p.573-605.

SARDINHA, T. B. **Lingüística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SEARLE, J. Indirect Speech Acts. In: COLE, P & MORGAN. J.L. **Syntax and Semantics**, Vol. 3: Speech Acts. Nova Iorque, Academic Press, 1975, pp.59-82.

TANNEN, D. **Framing in Discourse**. Nova Iorque, Oxford University Press, 1993.

TASHAKKORI, A. & CRESWELL, J.W. Exploring the nature of research questions in mixed methods research. Editorial. **Journal of mixed methods research**, v.1, n.3, pp.207-211, 2007.

TASHAKKORI, A. & CRESWELL, J.W. The new era of mixed methods. Editorial. **Journal of mixed methods research**, v.1, n.1, pp.3-7, 2006.

TOMASELLO, M. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge, Harvard University Press, 1999.

_____; **Constructing a language**: a usage-based theory of language acquisition. Massachusetts: Harvard University Press, 2003.

ROHRER, T. Embodiment and Experientialism. In: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.). **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp.25-47.

SHMID, H.J. Entrenchment, salience and basic levels. In: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.). **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp. 117-138

TALMY, L. Attention phenomena. In: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.). **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp. 264-293

_____. Fictive motion in language and “ception”. In: TALMY, L. **Toward a cognitive semantics**. Vol. 1. Massachusetts: The MIT Press, 2000.

TUGGY, D. Schematicity. In: CUYCKENS, H & GEERAERTS, D. (orgs.). **The handbook of Cognitive Linguistics**. Nova Iorque, Oxford, 2007, pp. 82-116.

ANEXO

Fontes dos CDDs da Tabela 2

1. *Maquiagem super acordei e sou linda*

. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wiSke5GrQ7Q> acesso em 15/06/2016, 22:00 h

2. *Maquiagem nasci linda*

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5e5da8L2KUw__ acesso em 15/06/2016, 22h05

3. *Aliança eu escolhi esperar*

Disponível em: <http://www.lojaeuescolhiesperar.com/alianca> acesso em 15/06/2016, 22h10

4. *Camisa verde-cheguei*

Disponível em: <https://www.enjoei.com.br/p/camisa-verde-cheguei-2570455> acesso em 15/06/2016, 22h15

5. *Camisa laranja cheguei*

Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/radicais/surfe/mundial-de-surfe/noticia/20> acesso em 15/06/2016, 22h20

6. *Esmalte gosto de carinho/estou de tpm/ me abraça*

Disponível em: <https://esmaltes.meuvicio.com/Esmaltes-Hits/Gosto-de-Carinho> acesso em 15/06/2016, 22h25

7. *Sandália e casaquinho não me perca na neve*

<https://www.enjoei.com.br/p/casaquinho-mamae-nao-me-perca-na-neve-386188> acesso em 15/06/2016, 22h30

8. *Daniel com camisa: mamãe não me perca na neve*

Disponível em: https://twitter.com/ale_tm/status/527985509302550528 acesso em 15/06/2016, 22h35

9. *Vestido eu quero*

Disponível em: <http://quechuchu.com.br/produtos.asp?produto=54&categoria=10&inf=2&a1=vintage&a2=&nome=vestido-eu-quero> acesso em 15/06/2016, 22h40

10. *Almoço já te vi*

Disponível em: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2009/12/581020-faca+o+almoco+ja+te+vi+de+hoje+ganhar+em+sabor+e+saude.html acesso em 15/06/2016, 22h45

11. Promoção *eu quero minha guitarra*

Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?id=138512539656778&story_fbid=399990690175627 acesso em 15/06/2016, 23h20

12. Promoção *eu vou de Montana*

Disponível em: <http://euvoudemontana.montanaexpress.com.br/Home/Dashboard> acesso em 15/06/2016, 22h55

13. Promoção *eu amo brechó*

Disponível em: <http://www.brechocaprichoatoa.com.br/#!/eu-amo-brecho/c1eao> acesso em 15/06/2016, 23h00

14. Promoção *eu vou cantar na marcha*

Disponível em: <http://radio93.com.br/noticias93/promocao-eu-vou-cantar-na-marcha/> acesso em 15/06/2016, 23h05

15. Botão *eu não gosto*

Disponível em: https://tagteam.harvard.edu/hub_feeds/3403/feed_items/2157218 acesso em 15/06/2016, 23h10

16. Projeto *agora eu fico top*

Disponível em: <http://www.vandal.com.br/products/7229-hashtag-projeto-agora-eu-fico-top> acesso em 15/06/2016, 23h15

17. Boquinha de moranguinho...assim, *me sujei com morango, sabe?*

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SmfwUmybuWs> acesso em 15/06/2016, 23h40

18. Odeio gerações do tipo: *se eu não correr atrás de você a gente não se fala*

Disponível em: <https://www.facebook.com/fulanaisb1tch/posts/723892874316949> acesso em 15/06/2016, 23h50

19. Geração do *eu mereço*

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI247981-15230,00.html> acesso em 16/06/2016, 09h05

20. A turma do *eu me acho*

Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/ideias/noticia/2012/07/turma-do-eu-me-acho.html> acesso em 16/06/2016, 09h10

21. Denúncias de *eu não dou conta do meu filho*

<http://gcn.net.br/noticia/249511/franca/2014/05/temos-percebido-a-postura-de-eu-nao-dou-conta-do-meu> acesso em 16/06/2016, 09h15-filho

22. Postura de *eu não dou conta do meu filho*

Disponível em: <http://gcn.net.br/noticia/249511/franca/2014/05/temos-percebido-a-postura-de-eu-nao-dou-conta-do-meu-filho> acesso em 16/06/2016, 09h25

23. Postura de *eu quero que você suporte ouvir o que lhe desagrada, mas não suporto o desagrado de ouvir que o que eu disse lhe desagradou.*

Disponível em: <http://gcn.net.br/noticia/249511/franca/2014/05/temos-percebido-a-postura-de-eu-nao-dou-conta-do-meu-filho>_acesso em 16/06/2016, 09h30

24. Postura de *eu concordo, mas não sei como fazer*

Disponível em: <http://gcn.net.br/noticia/249511/franca/2014/05/temos-percebido-a-postura-de-eu-nao-dou-conta-do-meu-filho>_acesso em 16/06/2016, 09h35

25. Postura do “*mas como??*”

Disponível em: <http://gcn.net.br/noticia/249511/franca/2014/05/temos-percebido-a-postura-de-eu-nao-dou-conta-do-meu-filho>_acesso em 16/06/2016, 09h40

26. Entrem com a postura de *eu sou a vencedora*

Disponível em: <http://www.redeangola.info/entrem-com-a-postura-de-eu-sou-a-vencedora/>_acesso em 16/06/2016, 09h50

27. Feliz dia do *eu não tenho a menor ideia de como esses 450 kg de cocaína foram parar no meu helicóptero, na minha fazenda e com meu piloto*

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/a-estranha-historia-do-helicoptero-dos-perrella-lotado-de-cocaina-nao-fecha-quer-na-narrativa-quer-na-matematica/>_acesso em 16/06/2016, 09h55

28. Olhar de *me leva pra casa*

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/485051822342256730/>_acesso em 16/06/2016, 10h00

29. Jogos com aquela cara de *já te vi antes*

Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=26.+Jogos+com+aquela+cara+de+te+vi+antes&oq=26.+Jogos+com+aquela+cara+de+te+vi+antes&aqs=chrome..69i57.406j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>_acesso em 16/06/2016, 10h05

30. Paul faz show com cara de *já te vi*

Disponível em: <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/11/26/paul-faz-show-com-clima-de-ja-te-vi-e-celebra-o-amor-em-nova-arena-de-sp.htm>_acesso em 16/06/2016, 10h10

31. Cabelo de *vem cá meu puto.*

Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/cabelo+de+vem+c%E1+meu+puto/19308/> acesso em 05/09/2016, 10h15.

32. Como você reage na hora do *vamo ver*?

Disponível em: http://bolsablindada.com.br/na-hora-vamos-ver/___acesso em 16/06/2016, 10h20

33. Seleção têm problemas na hora do *vamo ver*

Disponível em: http://odia.ig.com.br/esporte/2015-10-09/selecao-com-problemas-na-hora-do-vamos-ver.html_acesso em 16/06/2016, 10h25

34. Essa cara de *eu não faço ideia do que tá acontecendo aqui*

Disponível em: https://twitter.com/kefera/status/659596977395515392_acesso em 16/06/2016, 10h30

35. Cara de *eu te disse*

Disponível em: https://www.flickr.com/photos/10paezinhos/6353071089_acesso em 16/06/2016, 10h35

36. E essa cara de *não foi eu*

Disponível em: https://www.flickr.com/photos/77547010@N06/8868553555_acesso em 16/06/2016, 10h40

37. Aperte o botão do *foda-se e seja feliz*

Disponível em: https://m.facebook.com/pages/Aperte-o-Bot%C3%A3o-do-Foda-se-e-Seja-Feliz/370889779637547_acesso em 16/06/2016, 10h45

38. Dia do *Fico*

Disponível em: http://www.suapesquisa.com/independencia/dia_do_fico.htm_acesso em 16/06/2016, 10h50

39. Sinal de *eu te amo*

Disponível em: http://mundodosilencio.blogspot.com.br/2008/12/sinal-de-eu-te-amo.html_acesso em 16/06/2016, 10h55

40. Atlético mineiro aposta na turma do *“eu acredito”*

Disponível em: http://espn.uol.com.br/post/351898_atletico-mineiro-aposta-na-turma-do-eu-acredito-para-derrubar-tabu-de-19-anos-contra-o-botafogo___acesso em 16/06/2016, 11h00

41. Cresce a turma do *“não vou” em protesto contra Dilma*

Disponível em: http://www.bandab.com.br/jornalismo/cresce-a-turma-do-nao-vou-em-protesto-contra-dilma-no-domingo-mas-milhares-confirmam/_acesso em 16/06/2016, 11h05

42. Maquiadoro

Disponível em: http://www.maquiadoro.com.br_acesso em 16/06/2016, 11h10

43. Maquiamo

Disponível em: <https://www.youtube.com/user/maquiAMO>_acesso em 16/06/2016, 11h15

44. Chocolateamo

Disponível em: <https://www.facebook.com/ChocolaTeAmo-159143640840484/> acesso em 16/06/2016, 11h20